

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO ACADÊMICO EM ENSINO**

**LARISSA DO PRADO MARTINS**

**CORPO E VOZ: ANÁLISE DO DISCURSO DAS ESTUDANTES MULHERES NO  
ENSINO SUPERIOR**

**Bagé  
2024**

**LARISSA DO PRADO MARTINS**

**CORPO E VOZ: ANÁLISE DO DISCURSO DAS ESTUDANTES MULHERES NO ENSINO SUPERIOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGE) da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ensino.

Orientadora: Suzana Cavalheiro de Jesus

Coorientadora: Carolina Fernandes

**Bagé  
2024**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do  
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

M386c Martins, Larissa do Prado

Corpo e voz: Análise do discurso de estudantes mulheres no Ensino Superior / Larissa do Prado Martins.

100 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Pampa, MESTRADO EM ENSINO, 2024.

Orientação: Suzana Cavalheiro de Jesus.

1. Mulheres. 2. Corpo. 3. Discurso. 4. Ensino Superior. I. Título.

**Larissa do Prado Martins**

**CORPO E VOZ: ANÁLISE DO DISCURSO DE ESTUDANTES MULHERES NO ENSINO SUPERIOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Ensino.

Dissertação defendida e aprovada em: 28 de março de 2024.

Banca examinadora:

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Suzana  
Cavalheiro de Jesus  
Orientadora  
(UNIPAMPA)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carolina  
Fernandes Coorientadora  
(UNIPAMPA)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciana  
Iost Vinhas  
(UFRGS)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Cristina da  
Silva Rodrigues  
(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **SUZANA CAVALHEIRO DE JESUS, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 10/04/2024, às 23:53, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Luciana Iost Vinhas, Usuário Externo**, em 14/04/2024, às 18:32, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.

---



Assinado eletronicamente por **ANA CRISTINA DA SILVA RODRIGUES, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 30/04/2024, às 10:19, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.

---



Assinado eletronicamente por **CAROLINA FERNANDES, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 14/05/2024, às 15:26, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1415386** e o código CRC **A4FCB8B2**.

*“Eu elevo minha voz - não para gritar, mas para aquelas sem voz possam ser ouvidas. Não podemos ser bem sucedidas se metade de nós está contida”*

*Malala Yousafzai*

## AGRADECIMENTO

Agradeço imensamente,

À minha mãe, às minhas amigas e àqueles que fizeram parte da minha trajetória. Às mulheres universitárias, à todas as mulheres, em especial, àquelas que fizeram história, permitindo que eu pudesse realizar minha pesquisa de dissertação e estar em um espaço acadêmico.

Ao meu namorado, que ofereceu apoio e incentivo ao longo da minha jornada como mestranda, e esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis. Sua presença foi uma fonte constante de conforto e acolhimento, e por isso sou profundamente grata.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGE) do Campus Bagé, expresse minha eterna gratidão. Ao concluir este curso, tenho a certeza de que tive a oportunidade de aprender com profissionais excepcionais, que desempenharam um papel fundamental na minha formação profissional.

À CAPES e à UNIPAMPA, expresse meu sincero agradecimento pelo apoio fundamental à pesquisa, viabilizado por meio da concessão da bolsa de mestrado. Esse suporte financeiro foi crucial para o desenvolvimento e a realização do meu trabalho acadêmico, permitindo-me dedicar integralmente ao estudo e à produção científica.

Agradeço também aos meus colegas pela parceria durante as atividades realizadas no mestrado, durante as viagens, trabalhos e pelas trocas nos momentos de dificuldades. Esses momentos serão lembrados sempre com muito carinho.

E, por último, mas não menos importante, gostaria de expressar meu sincero agradecimento às minhas orientadoras, a professora Dra. Suzana Cavalheiro de Jesus e a professora Dra. Carolina Fernandes, cuja paciência e dedicação foram essenciais para a realização deste trabalho. Suas orientações foram valiosas aulas e estou confiante de que esses ensinamentos serão aplicados ao longo de toda a minha carreira profissional.

## RESUMO

O presente trabalho buscou compreender os discursos das mulheres na Universidade Federal do Pampa (Unipampa), além de refletir sobre os processos de significação do corpo como um efeito de resistência. Para isso, desenvolvemos um dispositivo teórico-analítico baseado na Análise de Discurso materialista de Michel Pêcheux, com o intuito de promover discussões sobre as condições de produção desses discursos. Nesse caso, a escolha desse tema se deu em virtude da desigualdade de gênero percebida nas mais diversas camadas sociais, o que nos direcionou a olhar para a ideologia dominante que conduz até hoje as mulheres à condição de subalternidade em diferentes espaços como no ambiente de trabalho e até mesmo na vida privada. Além disso, muitas mulheres são afetadas pelo discurso machista em sala de aula, tanto por parte dos professores, quanto pelos colegas, sejam homens ou mulheres, e esses acontecimentos estão tão enraizados nesses espaços que, muitas vezes, dissimulam os efeitos de silenciamento. Nesse sentido, no Ensino Superior, não encontramos um cenário diferente, já que, até mesmo na produção científico-acadêmica, há restrições ancoradas em valores de um modelo hegemônico que as exclui. Em suma, esse assunto torna-se necessário visto a possibilidade da perda de direitos já conquistados, além dos casos de violência e feminicídio que progridem, pois, ainda que na atualidade existam leis, não há garantias de que as mulheres estejam protegidas. Desse modo, o *corpus* discursivo foi composto por discursos de graduandas dos cursos de Letras Português e Engenharia de Computação da Unipampa e da observação das manifestações do corpo no espaço da sala de aula. Sendo assim, a partir dessas práticas discursivas, foi possível reconhecer de que forma as mulheres resistem nesses espaços diante das tentativas de silenciamento, visto que, entendemos haver casos em que esse sujeito-mulher não aceita essa condição e que, mesmo em silêncio, produz sentidos. Da mesma forma, observamos, na análise dos recortes das entrevistas, a reprodução de uma ideologia patriarcal, reforçando o imaginário social criado para as mulheres, cuja a representação difere do perfil de eficiência e profissionalismo que é atrelado à imagem do homem. Portanto, essa pesquisa oportuniza uma reflexão sobre a constante busca das mulheres por igualdade no Ensino Superior, assim como o entendimento sobre o funcionamento do discurso do sujeito mulher-universitária, pois, a partir de sua materialidade, foi possível compreender os diferentes efeitos de sentidos, pensando nas condições de produção e nos processos de reprodução/transformação do discurso machista, além das condições contraditórias que impulsionam as lutas das mulheres que ainda resistem à ideologia do patriarcado.

**Palavras-chave:** Mulheres. Corpo. Discurso. Ensino Superior.

## ABSTRACT

The present work sought to understand the speeches of women at the Federal University of Pampa, in addition to reflecting about the processes of signification of the body as an resistance effect. To this end, we developed a theoretical-analytical device based on Michel Pêcheux's materialist Discourse Analysis, with the aim of promoting discussions about the conditions of production of these discourses. In this case, the choice of this theme was due to gender inequality perceived in the most diverse social layers, which led us to look at the dominant ideology that leads women to the condition of subalternity in different spaces, such as the workplace and even in private life. Furthermore, many women are affected by the sexist speech in the classroom, both on part of teachers and classmates, whether men or women, and these events are so rooted in these spaces that they often hide the effects of silencing. In this sense, in Higher Education, we don't find a different scenario, because, even in scientific-academic production, there are restrictions anchored in values of a hegemonic model that excludes them. In short, this issue becomes necessary given the possibility of rights loss already achieved, in addition to cases of violence and femicide that are progressing, because, even though laws currently exist, there are no guarantees that women are protected. In this way, the discursive corpus was composed of speeches by undergraduate students from the Portuguese Literature and Computer Engineering courses at Unipampa and the observation of body manifestations in the classroom space. Therefore, based on these practices, it was possible to recognize how women resist in these spaces against the face of silencing attempts, since we understand that there are cases in which this subject-woman does not accept this condition and that, even in silence, she produces senses. Likewise, we observed, in the analysis of the interview clippings, the reproduction of a patriarchal ideology, reinforcing the social imaginary created for women, whose representation differs from the profile of efficiency and professionalism that is linked to the image of a man. Therefore, this research provides an opportunity to reflect on women's constant search for equality in Higher Education, as well as understanding the functioning of the discourse of the university-woman subject, as, based on its materiality, it was possible to understand the different effects of meanings, thinking about the conditions of production and processes of reproduction/transformation of sexist discourse, in addition to the contradictory conditions that drive the struggles of women who still resist the ideology of patriarchy.

**Keywords:** Women. Body. Discourse. Higher education.

## LISTA DE FIGURAS

**Figura 1:** Mapa do Rio Grande do Sul com os campus da Unipampa.

**Figura 2:** Número de alunos regulares no campus Bagé.

**Figura 3:** Número de alunos regulares no curso de Letras Português.

**Figura 4:** Número de alunos regulares de acordo com o sexo.

**Figura 5:** Número de alunos regulares no curso de Engenharia de Computação.

**Figura 6:** Número de alunos regulares de acordo com o sexo.

**Figura 7:** Número de alunos de acordo com a faixa etária de cada turma.

**Figura 8:** Idade dos alunos de acordo com cada turma.

**Figura 9:** Idade dos alunos ao ingressar na universidade.

**Figura 10:** Número de alunos que têm filhos de cada turma.

**Figura 11:** Alunos que cursaram outro curso antes de ingressar na Unipampa.

**Figura 12:** Número de alunos de acordo com o gênero.

**Figura 13:** Número de alunos que trabalham em outro turno de acordo com a turma.

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

**Jan** - Janeiro

**Fev** - Fevereiro

**Mar** - Março

**Jun** - Junho

**Ago** - Agosto

**Dez** - Dezembro

**Vol.** - Volume

**N.** - Número

**P.** - Página

**Org** - Organização

**Ed.** - Edição

## **LISTA DE SIGLAS**

**AD** - Análise de Discurso

**AIE** - Aparelhos Ideológicos de Estado

**FD** - Formação discursiva

**FBPF** - Federação Brasileira pelo Progresso Feninino

**PROGRAD** - Pró-Reitoria de Graduação

**PPGMAE** - Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Ensino

**PS** - Posição-sujeito

**UNIPAMPA** - Universidade Federal do Pampa

**SD** - Sequência Discursiva

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>2 CONCEITOS GERAIS E REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	18
2.1 Dispositivo teórico-analítico.....	18
2.2 Sujeito, corpo e materialidades significantes: O corpo em sua discursividade.....	21
<b>3 TRAJETÓRIA HISTÓRICA DAS MULHERES NA EDUCAÇÃO</b> .....	26
3.1 A historicidade das lutas das mulheres pelo direito ao ensino.....	30
3.2 Gênero, raça e colonialidade.....	35
3.3 A representatividade feminina e o apagamento das mulheres no Ensino Superior.....	40
<b>4 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPUS BAGÉ</b> .....	46
4.1 Turma de Letras Português.....	49
4.2 Turma de Engenharia de Computação.....	50
4.3 Perfil das turmas através dos questionários.....	52
<b>5 O DISCURSO DAS MULHERES NO ENSINO SUPERIOR</b> .....	58
5.1 O silêncio das mulheres em sala de aula e as masculinidades em evidência.....	66
5.2 O mercado de trabalho e os estereótipos de gênero.....	69
5.3 A produção de sentidos sobre a maternidade.....	76
5.4 O fator cor como um indicativo de exclusão.....	80
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	83
<b>7 REFERÊNCIAS</b> .....	86
<b>ANEXOS</b> .....	90
ANEXO A - Perguntas para a realização das entrevistas.....	90
ANEXO B - Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).....	92
ANEXO C - Instrumento de coleta de dados.....	97
ANEXO D - Questionário.....	99
<b>APÊNDICES</b> .....	100
APÊNDICE A - Parecer substanciado do CEP.....	100

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho buscou compreender o funcionamento do discurso do sujeito mulher-universitária que circulam na Universidade Federal do Pampa, além de refletir sobre os efeitos de sentidos produzidos pelas falas das graduandas coletados em entrevistas e os processos de significação do corpo como um efeito de resistência, por meio da observação de duas turmas, uma do curso de Letras Português e outra da Engenharia de Computação, do campus Bagé. Para isso, recorreu-se à noção de discurso desenvolvida por Michel Pêcheux, assim como, o conceito de ideologia formulado por Louis Althusser e estudado por Eni Orlandi com base na AD materialista, a fim de promover uma discussão sobre as condições de produção que favorecem a predominância de sentidos de uma determinada Formação Discursiva que produz as condições de manutenção da necessidade de um discurso de resistência à ideologia dominante.

A escolha desse tema se deu em virtude da desigualdade de gênero enfrentada pelas mulheres nas diferentes esferas sociais, sendo estas resultantes das construções sócio-históricas determinadas pela ideologia patriarcal. Nesse caso, direcionamos nosso olhar para a ideologia dominante que conduz até hoje as mulheres à condição de subalternidade nos mais diferentes espaços, como em sala de aula, no ambiente de trabalho e até mesmo no lar, lugar que deveria ser de acolhimento a toda mulher.

Nesse caso, pensando nas mobilizações de resistência e ações coletivas organizadas por mulheres ao longo dos anos que vem ganhando um espaço dentro e fora das universidades, devemos observar se há um apagamento das mulheres, principalmente, dentro da sala de aula. Por isso, precisamos lembrar também que houve uma inclinação ao conservadorismo na América Latina ao longo dos últimos anos, e com isso, muitos países promoveram discussões em torno das demandas feministas que englobam assuntos como carreira, maternidade e aborto. Ainda assim, muitas das reivindicações ainda não foram atendidas, porque apesar da maioria da população desses países serem mulheres, elas sequer são consideradas como uma opção para grande parte do eleitorado, e por isso, poucas ocupam cargos eletivos. Dessa forma, suas demandas deixam de ser atendidas, pois as decisões acabam sendo tomadas por homens, ou não recebem apoio até mesmo de mulheres que também são afetadas pela ideologia do patriarcado mas que validam seu discurso anti-feminista a partir do aparelho ideológico religioso.

Dessa maneira, no Ensino Superior, não encontramos um cenário diferente, já que até mesmo na produção científica-acadêmica há restrições ancoradas em valores de um modelo hegemônico excludente para a maior parte das mulheres, em que é desconsiderada, por exemplo, a carga de trabalho reprodutivo e de cuidado na produtividade dessas mulheres, como a amamentação, o cuidado de crianças e idosos, e que afetam o cotidiano feminino de um modo

mais incisivo que o cotidiano masculino, tendo em vista que, é “a mulher que sustenta qualquer tipo de formação social, através do trabalho reprodutivo, e os homens se valem dessa determinação para se manterem em posição de poder” (Vinhas, 2021, p. 87).

Considerando essa problemática, essa pesquisa resgata a historicidade da forma como as mulheres foram se inserindo na educação, a partir das contribuições do feminismo decolonial, para que, só então, possa ser feita uma análise dos discursos que compõem o *corpus* de análise. A partir disso, foi possível analisar de que forma as mulheres resistem a essas relações de poder, tendo como uma das materialidades o corpo, pois os corpos “mobilizam enunciados a fim de desestabilizar esse efeito de evidência de sentido proveniente de uma formação discursiva machista e que parece persistir no imaginário social contemporâneo” (Radde, 2013, v. 1, p. 3). Esse cenário de retrocesso na conquista de direitos das mulheres se dá por conta de algumas decisões governamentais que garantem a impunidade e a legitimidade dos homens sobre as mulheres.

Com isso, viu-se a necessidade de procurar compreender, a partir da Análise do Discurso, o funcionamento do discurso das mulheres em sala de aula, através do seu potencial revolucionário e em frente aos retrocessos políticos que se dão por meio de discursos “anti-feministas”, além da influência de determinados aparelhos ideológicos que polarizam discursos na conjuntura atual. Em suma, esse assunto torna-se necessário visto a possibilidade da perda de direitos já conquistados pelas mulheres, além dos casos de violência e feminicídio que ainda progridem, pois, embora existam leis, não há garantias de que as mulheres estarão protegidas devido à reprodução da ideologia patriarcal. Por isso, a luta segue e as demandas crescem à medida em que a desigualdade de gênero aumenta.

Pensando nisso, essa pesquisa foi desenvolvida por meio da participação e observação dos alunos em uma disciplina do curso de Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa e em uma turma do curso de Engenharia da Computação, da Unipampa, campus Bagé, a partir de entrevistas<sup>1</sup> feitas com as alunas das turmas selecionadas e considerando o corpo como a materialização do sujeito em discurso que está sujeito a diferentes interpretações através das manifestações discursivas, conforme a posição-sujeito que define a “direção dos sentidos, decidindo, assim, sobre sua própria “direção” (identificação, posição-sujeito etc.), ao inscrever-se em formações discursivas, reflexos das formações ideológicas” (Orlandi, 2013, v. 2, p. 6-7). Assim, a significação do corpo não pode ser pensada sem a materialidade do sujeito. E vice-versa, ou seja, não podemos pensar a materialidade do sujeito sem pensar sua relação com o corpo (Orlandi, 2011, p. 83).

---

<sup>1</sup> As perguntas feitas durante as entrevistas estão no ANEXO A.

Diante disso, as entrevistas foram feitas apenas com as alunas, assim que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)<sup>2</sup> e cederam o contato para a realização da entrevista, que foi feita fora do espaço de sala de aula, em um ambiente que permitia a privacidade. Dessa forma, algumas entrevistas foram realizadas em uma sala de aula fechada e reservada no campus e outras via Google Meet, apenas na presença da pesquisadora e da entrevistada, para que logo depois, pudesse ser feita gravação de áudio e transcrição do material sem identificar as participantes para não expô-las. Nas observações, as participantes da pesquisa estavam em aula, com o restante da turma sem que houvesse interferências no andamento das aulas por parte da pesquisadora, que fazia suas anotações, conforme o instrumento de coleta de dados<sup>3</sup>, após obter a autorização dos professores regentes para as observações e dos alunos que compõem a disciplina através do TCLE. Além disso, o projeto passou pela avaliação do comitê de ética, portanto, aguardamos sua aprovação pela Plataforma Brasil<sup>4</sup>, que foi dada no dia 07/03/2023, para que pudéssemos conduzir a pesquisa de forma ética, com segurança e respeito total aos participantes, e assim, dar seguimento no processo de coleta de materiais. Após a aprovação, foi feita a observação, que teve início no dia 11/09/2023 e foi concluída no dia 05/10/2023, com as turmas escolhidas de acordo com a oferta de cada curso no primeiro semestre de 2023 e só, então, foram feitas as entrevistas, no período de 02/10/2023 a 27/10/2023.

Tendo a definição do *corpus* discursivo, foi feito um recorte dos discursos produzidos por meio das entrevistas e da observação realizada em sala de aula, a fim de articulá-los ao escopo teórico para que, assim, pudéssemos descrever sua estrutura e entender o funcionamento dos processos discursivos de cada discurso. Em suma, os recortes são:

[...] a materialidade a partir da qual a análise será desenvolvida, contribuindo para a compreensão do funcionamento discursivo e, também, para o aprofundamento da relação entre teoria e análise. É a partir da operação de recorte que se extraem as sequências discursivas que comporão o corpus de análise (Fernandes; Vinhas, 2019, v. 1, p. 14).

A partir disso, buscamos compreender as "relações do discurso, da língua, do sujeito, dos sentidos, articulando ideologia e inconsciente" (Orlandi, 2012, p. 80) e, através desses conceitos, conseguimos perceber de que forma os discursos são textualizados, pois a linguagem, nesse caso:

[...] é vista como um espaço heterogêneo, que reconhece também elementos de sua ordem externa, ou seja, na concepção discursiva de língua, ela perde seu caráter extremamente independente e ganha o estatuto de lugar aberto à exterioridade, instável, passando a ser reconhecida como objeto de base material (Radde, 2013, p. 5).

---

<sup>2</sup> O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) está no ANEXO B.

<sup>3</sup> O instrumento de coleta de dados está no ANEXO C.

<sup>4</sup> A Plataforma Brasil é uma base nacional de registros de pesquisas envolvendo seres humanos e que exige um acompanhamento delas em seus diferentes estágios pelo Comitês de Ética em Pesquisa (CEP), e pela Comissão Nacional de Ética e de Pesquisa (CONEP).

Dessa forma, considerando a materialidade dos discursos do sujeito-mulher e as transformações dos discursos que são produzidas através dos processos discursivos e constituídos em um dado momento histórico para uma formação social específica, mobilizamos as análises levando em conta que os discursos são produzidos “pelo conjunto complexo dos Aparelhos Ideológicos de Estado que essa formação social comporta” (Pêcheux, 1995, p. 145), assim como, “a historicidade deve ser compreendida em análise de discurso como aquilo que faz com que os sentidos sejam os mesmos e também que eles se transformem” (Orlandi, 2012, p. 80) através das condições de produção de cada discurso.

Sendo assim, para a realização desta pesquisa, investigamos os mecanismos de poder que conduzem a uma determinação histórica dos sentidos para a mulher na sociedade, que acabam gerando um efeito de naturalidade através das condições de produção dentro do contexto universitário. Nesse sentido, segundo Pêcheux, esses discursos são passados “de geração em geração num processo de reprodução/transformação das relações de produção” (Pêcheux, 1995, p. 143), e que indicam, por fim, a cristalização de determinados sentidos. Diante disso, nos capítulos seguintes, apresentamos os conceitos gerais e a revisão de literatura, utilizando autores que foram relevantes para a pesquisa. Em seguida, caracterizamos o campus e as turmas investigadas e, por fim, direcionamos nosso olhar para as análises. Dessa forma, conduzimos as análises com o intuito de averiguar se há discursos de resistência e de que forma eles são produzidos dentro do espaço discursivo da sala de aula do Ensino Superior.

## **2 CONCEITOS GERAIS E REVISÃO DE LITERATURA**

Neste capítulo, iremos apresentar alguns conceitos a fim de esclarecer de que forma iremos mobilizá-los durante as análises. Para isso, traremos aqui uma contextualização sobre o surgimento da Análise de Discurso de vertente materialista, assim como, as demais áreas que contribuem para o desenvolvimento deste trabalho.

A partir disso, apresentamos o nosso dispositivo teórico-analítico como um meio de aproximar o leitor dos conceitos que serão desenvolvidos a seguir. Assim, considerando o tema desta pesquisa como o discurso das mulheres no Ensino Superior, buscamos na historicidade as lutas das mulheres pelo direito ao ensino, pois só assim conseguimos entender e buscar na memória uma explicação para a existência de discursos que reforçam e enquadram as mulheres em determinados papéis.

Nesse sentido, nas próximas seções, faremos algumas reflexões acerca da temática escolhida para a pesquisa com o intuito de compreender o processo sócio-histórico que direcionou certas determinações ideológicas que compõem o interdiscurso, bem como, os discursos das mulheres que surgem como um meio de romper com essas estruturas.

### **2.1 Dispositivo teórico-analítico**

As reflexões trazidas aqui partem da noção de discurso desenvolvida por Michel Pêcheux, que considera a materialidade da língua em seu funcionamento discursivo, assim, indo além do estudo estrutural da língua, e levando em conta o conceito de ideologia formulado por Louis Althusser e reformulado por Eni Orlandi. Nesse caso, a AD irá considerar o discurso como um efeito de sentidos entre interlocutores, buscando compreender a construção de um determinado discurso por meio das condições de produção que o constitui.

Dessa forma, foi no contexto de maio de 1968 que a AD surgiu, período que ficou conhecido pela grande agitação em que as ideias revolucionárias atuavam na Europa, dando início às manifestações estudantis que visavam reformas no sistema educacional. A partir disso, o movimento evoluiu para uma greve de trabalhadores e gerou uma série de conflitos entre estudantes da universidade de Paris. Dessa forma, esses acontecimentos acabaram impactando muitos linguistas que defendiam os paradigmas da época, visto que, o movimento trouxe consigo novos questionamentos no âmbito das ciências humanas, e estes foram cruciais para estabelecer uma ruptura com o pensamento estruturalista, levando muitos estudiosos a considerar o sujeito durante suas análises, assim como, diferentes questões sociais que passam a ser discutidas devido à abertura dada pelo movimento. Nesse caso, a AD nasce a partir de uma “perspectiva de intervenção, de uma ação transformadora, que visava combater o

excessivo formalismo lingüístico [sic] então vigente. Ao lado dessa tendência revolucionária, a AD buscava desautomatizar a relação com a linguagem” (Ferreira, 2010, v. 24, p. 2) relacionando-se de modo conflitante com a linguística. Para isso, houve a necessidade de romper com o corte saussuriano entre a língua/fala, que é trazido no Curso de Linguística Geral<sup>5</sup> de Saussure, com a intenção de mudar a relação entre os termos que compõem o novo par que ficou conhecido como língua/discurso em oposição à contradição (Ferreira, 2010).

Nesse sentido, “o discurso 68 entra nas universidades enquanto a vivência de 68 está fora delas e presente nas mulheres, nos homossexuais, nos trabalhadores imigrados, que mudam a sociedade” (Soares, 2005, p. 31). À vista disso, na década de 70 esses estudiosos fizeram uma releitura das teorias saussurianas, o que motivou ainda mais os estudos da AD, assim como, os discursos de resistência se tornaram frequentes e atemporais. A partir disso, a AD abriu:

[...] um campo de questões no interior da própria lingüística, operando um sensível deslocamento de terreno na área, sobretudo nos conceitos de língua, historicidade e sujeito, deixados à margem pelas correntes em voga na época (Ferreira, 2010, v. 24, p. 2).

Sendo assim, a inserção desse campo teórico trouxe à tona debates atuais sobre a educação e, por isso, o contexto sócio-histórico passa a ser um aspecto importante para a realização das análises. E, a partir dessa nova concepção de linguagem e de discurso, passa a ser considerado o discurso pedagógico, que se caracteriza pelo “fato de estar vinculado à escola, à instituição em que se origina e para a qual tende: isso lhe dá um caráter circular (Orlandi, 1983, p. 75), isso porque a escola cumpre a função social de reprodução de determinados discursos em função de uma ideologia dominante.

Podemos, então, considerar as condições de produção como o momento em que os sujeitos desencadeiam o processo de significação por meio de uma tensão entre paráfrase e polissemia e, a partir disso, definem-se as condições que configuram o processo de interpretação de cada sujeito. Além disso, precisamos olhar tanto para o contexto imediato de enunciação quanto para a exterioridade do discurso, porque será através destes que conseguiremos identificar a evidência que aponta para a incompletude de um texto. Por isso, a AD foi constituída por “outras áreas de saber, como a psicanálise, o marxismo, a lingüística [sic] e o materialismo histórico” (Ferreira, 1997, v. 24, p. 3). A psicanálise aparece aqui através de Lacan que reformula o conceito de inconsciente desenvolvido por Freud, bem como, o conceito de ideologia reiterado por Althusser, no qual, ele nos traz que os Aparelhos Ideológicos de Estado funcionam pela ideologia, já que é “pela ideologia (cujas formas concretas são realizadas nos Aparelhos Ideológicos de Estado). Inserem-se nas práticas, regidas

---

<sup>5</sup> O Curso de Linguística Geral (1916) é uma obra de Ferdinand de Saussure que aborda sobre as dicotomias e elege a língua em oposição à fala, como objeto central da linguística. Saussure considera que a língua é um sistema de signos formado pelo conceito (significado) mais a imagem acústica (significante).

pelos rituais dos AIE” (Althusser, 1980, p. 112). Assim, é “pela instalação dos Aparelhos Ideológicos de Estado, nos quais essa ideologia (a ideologia da classe dominante) é realizada e se realiza, que ela se torna dominante” (Pêcheux, 1995, 145), e com isso, podemos considerar como AIEs as mais diferentes instituições, como a escola, a política, os meios de comunicação e até mesmo a família. Por meio desses mecanismos, o sujeito passa a acreditar que é livre para crer ou pensar como quiser, pois não percebe a sua interpelação pela ideologia. Nesse sentido, o sujeito do discurso:

Não é apenas o sujeito ideológico marxista-althusseriano, nem apenas o sujeito do inconsciente freudo-laciano; tampouco, é apropriado afirmar que esse sujeito seja uma mera adição entre essas partes. O que vai fazer a diferença desse sujeito é o papel de intervenção da linguagem, na perspectiva de materialidade lingüística [sic] e histórica que a AD lhe atribui (Ferreira, 2010, v. 24, p. 10).

Nesse caso, as três áreas de saber interrogam a linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questionando o materialismo pelo simbólico e sendo delimitada na Psicanálise pelo modo como ela trabalha a ideologia, assim como, a materialidade é relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele. Dito isso, a AD rompe com os conhecimentos tradicionais, tendo a apropriação dos conceitos desses diferentes campos de conhecimento para focar em um novo objeto, o discurso.

Segundo Orlandi (2012), o discurso é a palavra em movimento, pois “procura compreender a língua fazendo sentido, enquanto o trabalho simbólico parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (p. 15). Isso porque diferentes leituras podem ser feitas sobre um discurso em uma dada época e, em outra, pode variar de acordo com as condições de produção, pois os sentidos têm sua história, assim como, cada sujeito irá atribuir um novo sentido para o que é dito, ainda que este não seja um determinante.

Na tentativa de entender os discursos de mulheres dentro do espaço acadêmico, foi desenvolvido um projeto de pesquisa com a finalidade de compreender os efeitos de sentidos que constituem o processo discursivo. Assim, será a partir das condições de produção em torno do objeto de análise que o *corpus* discursivo será construído por meio da observação em sala de aula de uma turma do curso de Engenharia da Computação e do curso de Letras Português, na qual, serão feitas questões às alunas que compõem cada turma. Nesse caso, a partir dessa compreensão, iremos olhar para o funcionamento do discurso do sujeito-mulher<sup>6</sup> e as condições de produção que impulsionam os discursos de resistência das mulheres às imposições da ideologia dominante.

---

<sup>6</sup> O sujeito-mulher é um sujeito que ocupa o lugar social de mulher na sociedade e que é significado de acordo com a formação ideológica dominante, mas que busca se ressignificar através de suas lutas ou manifestações discursivas.

## 2.2 Sujeito, corpo e materialidades significantes: O corpo em sua discursividade

A análise do discurso, diferentemente de outras teorias, considera o discurso como um efeito da articulação entre língua, história e sujeito. Nesse sentido, a perspectiva não envolve a criação de um sistema linguístico que crie previamente significados. Em vez disso, ela sugere que um sujeito ideológico atribui sentidos aos objetos do mundo a partir do interdiscurso o qual lhe “permite recuperar sentidos já produzidos em outros dizeres através do processo parafrástico. Esse processo de significação é, então, apagado pela ideologia que faz a linguagem funcionar como se fosse transparente” (Fernandes, 2021, p. 15).

A partir disso, considerando o sujeito o resultado da relação da linguagem com a história, ele passa a ser tomado como o objeto fundamental para a constituição de todo e qualquer discurso, já que é através das palavras e das posições ocupadas por aqueles que as empregam que os sentidos são constituídos. Desse modo, aqui quando falamos em sujeito não se trata do sujeito empírico e sim do sujeito que é interpelado ideologicamente “ao ocupar um lugar determinado no sistema de produção” (Gadet, 1997, p. 30).

Nesse sentido, não se pode ter certeza se o que é dito produz o sentido esperado por aquele que enuncia, assim como, para o sujeito que recebe o que está sendo dito. No entanto, as mesmas palavras e expressões podem mudar de sentido de uma formação discursiva para outra, e isso ocorre porque os sentidos são determinados historicamente e quando um discurso é enunciado por um sujeito, ele ganha novos sentidos de acordo com as condições de produção em que esse discurso é emitido. A partir disso, o discurso passa a designar um sistema de relações de substituições e paráfrases “que funcionam entre elementos lingüísticos (sic) - "significantes" - em uma formação discursiva dada” (Pêcheux, 1995, p. 161). Nesse caso, os sentidos fazem a relação entre as diferentes significações, enquanto a paráfrase aparece aqui como a matriz do sentido, "pois não tem sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo" (Orlandi, 2012, p. 38), por isso, há uma simultaneidade nos movimentos distintos de sentido no mesmo objeto simbólico.

Para tratar do sujeito, devemos também falar de ideologia, já que ambos se encontram imbricados na mesma trama. No entanto, o que os diferencia é que a ideologia chega na AD a partir do viés do materialismo histórico, por meio da perspectiva althusseriana, e recebe um lugar de destaque na área do discurso, pois não se pode separar o sujeito da ideologia, já que:

o funcionamento da ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeitos (e, especificamente, em sujeitos de seu discurso) se realiza através do complexo das formações ideológicas (e, especificamente, através do interdiscurso intrincado nesse complexo) e fornece "a cada sujeito" sua "realidade", enquanto sistema de evidências e significações percebidas - aceitas - experimentadas (Pêcheux, 1995, p. 162).

Enquanto isso, podemos dizer que o sujeito é interpelado pela ideologia e a história que, nesse caso, é “determinada em última instância pela luta de classes” (Althusser, 1970, p. 74),

enquanto ocorre uma disputa de sentidos entre as mais diferentes classes por meio dos AIEs, que muitas vezes se manifestam por meio das ideias e crenças de um sujeito de forma inconsciente. No entanto,

Lacan vai deter-se, particularmente, no inconsciente, chegando a constituir um novo nome ao inconsciente freudiano, que tem a ver precisamente com a tríade real – simbólico – imaginário, três registros distintos e essenciais da realidade humana (Ferreira, 2010, p. 5).

A partir dessa configuração, podemos refletir sobre a incompletude da linguagem e do sujeito, já que não há transparência no discurso, o que nos faz questionar sobre os sentidos produzidos por cada discurso. Dito isso, se não houvesse a falta, se o sujeito fosse pleno, “se a língua fosse estável e fechada, se o discurso fosse homogêneo e completo, não haveria espaço por onde o sentido transbordar, deslizar, desviar, ficar à deriva” (Ferreira, 2010, v. 24, p. 5-6). Sendo assim, a falta é, tanto para o sujeito quanto para a língua, o lugar do possível e do impossível, assim como é impossível não produzir sentidos sobre algo, ainda que em silêncio. Nesse sentido, a constituição do sujeito se dá pela ideologia, e por esse motivo, a noção de sujeito nos faz compreender que o sujeito é assujeitado e “interpelado como sujeito (livre) para que se submeta livremente às ordens do sujeito, portanto para que aceite (livremente) a sua sujeição” (Althusser, 1980, p. 113) a uma ideologia.

Nesse sentido, devemos observar as materialidades durante a análise, pois na AD a manifestação discursiva é considerada uma materialidade que integra o funcionamento discursivo de um fato de linguagem. Dessa forma, ao realizar uma análise, é possível compreender “como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do domínio do sentido” (Orlandi, 2012, p. 26) e que, ao produzir sentido para o sujeito, pode dar a impressão de realidade (Althusser, 1980).

Por meio das diferentes materialidades do discurso e das relações que ele produz, é possível encontrar deslocamentos que expõem os sujeitos aos sentidos, visto que, nenhum discurso é construído ao acaso. No entanto, é possível observarmos diferentes sentidos produzidos para uma mesma materialidade e isso se dá em função das mais diferentes posições ideológicas em que os sujeitos se colocam ao enunciar. Nesse caso, cada sujeito se identifica com uma determinada ideologia dentro de uma dada conjuntura, e esta será entendida como um dos princípios organizadores de uma Formação Discursiva (FD), assim como, a noção de sujeito, uma vez que, a ideologia constitui os discursos, garantindo a possibilidade de encontrar efeitos de sentidos através de sua materialidade. Com isso, quando o sujeito produz um discurso, ele o faz constituído por uma ideologia e pelas condições de produção de um discurso, e assim as lutas de resistência e acontecimentos políticos podem garantir que os

discursos não sofram apagamentos, ainda que os mesmos sofram alterações em seus processos de significações. Dito isso:

O aspecto ideológico da luta para a transformação das relações de produção se localiza, pois, antes de mais nada, na luta para impor, no interior do complexo dos aparelhos ideológicos de Estado, novas relações de desigualdade-subordinação (o que se encontra expresso, por exemplo, na palavra de ordem “colocar a política no posto de comando”), que acarretariam uma transformação do conjunto do “complexo dos aparelhos ideológicos de Estado” em sua relação com o aparelho de Estado e uma transformação do próprio aparelho de Estado (Pêcheux, 1995, p. 147).

Sendo assim, haverá aquele que estará em uma posição de dominância e o outro de subordinação, o que ocorre de forma sutil através da dominação cotidiana que “está brutalmente presente, por exemplo nas formas da democracia política” (Althusser, 1970, p. 35), já que através de um discurso político é possível introduzir o sujeito a uma certa ideologia, fazendo com que ele se identifique ou não com o que é dito. Isso porque o sujeito é interpelado pela ideologia e isso garante as inúmeras possibilidades de sentidos sobre uma materialidade, pois ainda que o discurso seja material, ele estará sempre em curso, possibilitando através das condições de produção inúmeras interpretações para quem diz e para quem recebe o que foi enunciado. Nesse sentido,

a língua é vista como um espaço heterogêneo, que reconhece também elementos de sua ordem externa, ou seja, na concepção discursiva de língua, ela perde seu caráter extremamente independente e ganha o estatuto de lugar aberto à exterioridade, instável, passando a ser reconhecida como objeto de base material, “que combinado à materialidade do processo sócio-histórico constitui o lugar da produção dos efeitos de sentido (Radde, 2013, v. 1, p. 5).

Pensando nisso, podemos considerar o corpo como uma materialidade do sujeito em discurso, visto que, o sujeito em sua condição fisiológica significa e produz sentidos por meio de manifestações corporais, assim, devemos dizer que “a significação do corpo não pode ser pensada sem a materialidade do sujeito. E vice-versa, ou seja, não podemos pensar a materialidade do sujeito sem pensar sua relação com o corpo” (Orlandi, 2011, p. 83), pois só assim, poderemos entender quais corpos importam e por quê (Butler, 2019). Nesse sentido, “o corpo passa a ser determinante da constituição subjetiva, pois, além dos efeitos somáticos já alertados pela Psicanálise, o corpo se torna forma de existência material da instância ideológica” (Vinhas, 2021, p. 37).

A partir dessas informações, podemos pensar sobre o corpo das mulheres como uma materialidade que produz sentidos diante das mais diversas formas de opressão, assim como, o modo como esses corpos se posicionam politicamente nas universidades, já que só de estarem nesses espaços, ainda que, muitas vezes não haja tanta interação, elas demonstram uma certa resistência às imposições de um sistema patriarcal que oprime e exclui as mulheres nas instituições de ensino, pois “o corpo não fala, ele significa” (Orlandi, 2011, p. 96) e os

discursos produzidos através dele entram em um jogo discursivo por meio da materialidade significativa. Nesse caso, o sistema patriarcal atuou, historicamente, por meio do controle dos corpos das mulheres através de uma ideologia patriarcal, a partir da ideia de que:

o contrato social é distinto do contrato sexual, restringindo-se este último à esfera privada. Segundo este raciocínio, o patriarcado não diz respeito ao mundo público ou, pelo menos, não tem para ele nenhuma relevância. Do mesmo modo como as relações patriarcais, suas hierarquias, sua estrutura de poder contaminam toda a sociedade, o direito patriarcal perpassa não apenas a sociedade civil, mas impregna também o Estado (Saffioti, 2015, p. 57).

Assim, é colocado um nome para a dominação dos homens sobre os corpos das mulheres, o *patriarcado*, que “na sombra significa operar segundo a ideologia patriarcal” (Saffioti, 2015, p. 59), o que torna recorrente essa dominação-exploração dos homens sobre as mulheres, pois “o que está em jogo é um contraste entre o funcionamento da agência dentro de relações maciças de poder” (Ortner, 2006, p. 64). A agência pode ser considerada um sinônimo para as diferentes formas de poder, incluindo tanto a dominação quanto a resistência, já que um corpo silenciado não significa, necessariamente, estar em silêncio.

Dessa forma, o corpo produz sentidos em sua discursividade, visto que ele significa e se ressignifica através das condições de produção e transformações de cada discurso. Portanto, é possível entender que a materialidade não tem transparência e por isso, pode apresentar diferentes possibilidades de sentidos de acordo com aquele que enuncia e quem observa, pois cada um produz diferentes significados sobre ela, e é por isso, que a AD se encarrega de observar o funcionamento desses discursos. Além disso, precisamos entender o modo como o sujeito se relaciona com a ideologia e como ele assume uma posição-sujeito com relação à FD dominante. Essa posição-sujeito poderá ser reconhecida através das modalidades de identificação, que segundo Pêcheux, se dividem em três. Nesse caso, a:

primeira modalidade consiste numa superposição (um recobrimento) entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal, de modo que a "tomada de posição" do sujeito realiza seu assujeitamento sob a forma do "livremente consentido: essa superposição caracteriza o discurso do "bom sujeito" que reflete espontaneamente o Sujeito (Pêcheux, 1995, p. 215).

Dessa forma, o sujeito passa a sentir que tem controle sobre suas palavras, pois o interdiscurso determina a formação discursiva com a qual o sujeito se identifica em seu discurso, e ele é passivamente determinado por essa influência, realizando seus efeitos com uma sensação de "plena liberdade". Em seguida, temos a segunda modalidade, que se caracteriza pelo:

[...] discurso do “mau sujeito”, discurso no qual o sujeito da enunciação “se volta” contra o sujeito universal por meio de uma “tomada de posição” que consiste, desta vez, em uma separação (distanciamento, dúvida, questionamento, contestação, revolta...) (Pêcheux, 1995, p. 215).

À vista disso, o sujeito da enunciação se volta contra os sentidos que regulam o "sujeito universal", apontando uma luta contra a evidência ideológica, travada no campo dessa FD, a qual é influenciada pela negação e contestada em seu próprio domínio. Isso porque não é infalível o assujeitamento ideológico do sujeito ao discurso dominante, já que a interpelação ideológica não é um "ritual sem falhas".

Na terceira modalidade, há uma desidentificação através de uma tomada de decisão não subjetiva. Essa modalidade é constituída por um processo de transformação-deslocamento da forma-sujeito e não apenas pela sua completa anulação. Em outras palavras, essa desidentificação paradoxal ocorre por meio de um processo subjetivo de assimilação dos conceitos científicos e identificação com as estruturas políticas "de novo tipo". Assim, a ideologia permanece "eterna" e única para o sujeito, como processo de transformação dos indivíduos em sujeitos, que não desaparece, ao contrário, opera de certa forma de maneira paradoxal, ou seja, trabalha sobre si mesma e contra si mesma, por meio do "desarranjo-rearranjo" do conjunto das formações ideológicas (e das formações discursivas que se encontram intrincadas neste conjunto) (Pêcheux, 1995), como se o sujeito estivesse buscando se libertar da ideologia que molda suas percepções e ações. Desse modo, ele se identifica inicialmente com o imaginário construído para ele e, ao se relacionar com saberes vindos de outra FD, rompe com aquele que o determina, passando a se identificar com a outra FD. À vista disso, a partir dessa pesquisa buscamos compreender os efeitos de sentidos produzidos sobre os discursos de mulheres que circulam na universidade, bem como, uma reflexão sobre o corpo como um meio de resistir às imposições ideológicas.

### **3 TRAJETÓRIA HISTÓRICA DAS MULHERES NA EDUCAÇÃO**

Neste capítulo, recorreremos à historicidade da integração das mulheres na educação para elucidar os diversos mecanismos de poder empregados ao longo da história para regular os corpos femininos, bem como sua inclusão no mercado de trabalho e acesso à educação, já que até mesmo na atualidade, as mulheres ainda enfrentam desafios significativos no campo da educação que influenciam as escolhas educacionais e profissionais.

Este capítulo também aborda questões interseccionais, que consideram não apenas o gênero, mas também a raça e a sexualidade, examinando como essas representações se manifestam dentro do ambiente universitário, especialmente quando se considera essas identidades, que muitas vezes, não se sentem representadas no ambiente acadêmico. E esses acontecimentos podem influenciar a forma como as mulheres são percebidas e avaliadas em relação aos seus colegas masculinos e brancos, afetando suas oportunidades de progressão na

carreira acadêmica. Portanto, nas próximas seções apresentamos uma discussão sobre essas questões em busca de compreensão sobre os discursos que reforçam essas crenças e que são passados de geração em geração ao longo dos tempos.

### **3.1 A domesticação dos corpos: Os mecanismos de isolamento feminino**

O modo como as mulheres são retratadas na contemporaneidade foi construído a partir das considerações feitas por meio de um sistema patriarcal que conduz os homens a uma posição de poder com relação às mulheres. Com isso, a mulher foi, por muito tempo, vista apenas como um corpo ou pior, um corpo incompleto. Nessa perspectiva, o corpo assume diversas significações, através de variados recortes ao longo dos séculos, já que houve períodos de grandes especulações humanas em que o corpo se inseriu nos espaços históricos, sendo atravessado “por uma memória, pelo discurso social que o significa, pela maneira como ele se individualiza” (Orlandi, 2015, p. 93), fazendo com que houvesse múltiplos sentidos atribuídos ao corpo.

Desse modo, um dos meios utilizados para manter o controle sobre as mulheres no século XV, foi a perseguição religiosa conhecida como *caça às bruxas*. O termo se refere à perseguição sistemática pela inquisição<sup>7</sup> e que acontecia com qualquer mulher que, aparentemente, possuísse um comportamento considerado suspeito pela igreja. Nessa época, a igreja detinha total poder sobre as decisões destinadas ao povo, por isso, aqueles que desobedecem suas ordens seriam torturados até a morte, assim como as mulheres tinham seus corpos queimados em praça pública, bem como, aqueles que negavam a existência de Deus e a fé cristã. Com isso, a “ideologia religiosa se dirige de fato aos indivíduos para os transformar em sujeito” (Althusser, p. 106) e assim, os assujeitar. No entanto, grande parte das perseguições eram feitas com as mulheres, normalmente, de classe social mais baixa, já que estas, apenas por existirem, geravam um incômodo à igreja quanto às questões sociais religiosas e políticas.

Outro mecanismo utilizado pela igreja para a verificação de quem atuava como uma bruxa ou não eram as marcas de nascença como pintas, cicatrizes ou verrugas. Essas marcas eram chamadas de marcas do demônio e para descobrir se a pessoa era uma bruxa ou não, os inquisidores espetavam uma agulha na parte que levantava suspeita e se não houvesse sangue a mulher seria acusada.

Nesse período, as mulheres estavam tentando controlar a própria função reprodutiva por meio de chás como um meio contraceptivo. Após algum tempo, surgiram muitas doenças como a peste negra<sup>8</sup> que ocasionava muitos surtos, assim como, a fome e as grandes secas que gerava muito desespero da população diante desses problemas. A partir disso, a fim de proporcionar

---

<sup>7</sup> O período de dominação da inquisição teve início em 1453 até 1789.

<sup>8</sup> A peste negra aconteceu entre 1347 a 1352.

soluções, muitas mulheres passaram a se oferecer para ajudar, através de práticas de cura, o que a igreja passou a considerar como bruxaria. Com isso, a mortalidade cresce na Europa, sobretudo, a mortalidade infantil, que foi associada aos chás feitos pelas mulheres, que foram tidos como “poções”, já que elas passaram a ser uma ameaça à economia social, pois, ao ajudar as pessoas, elas intervinham na procura de médicos. Diante desse contexto, muitas mulheres foram enquadradas nessa definição<sup>9</sup> em nome da fé, na qual as mulheres eram tidas como loucas, pervertidas e desonradas. Dessa forma, a caça às bruxas foi um ataque diretamente às mulheres que surgiu para que a igreja pudesse reafirmar o cristianismo, construir uma nova ordem patriarcal e obter poder sobre o corpo e a sexualidade das mulheres.

Nesse caso, o corpo das mulheres está cercado de interdições na tentativa de justificar os abusos e práticas lançadas pelos homens sobre elas. A partir disso, devemos lembrar que, por muito tempo, foram adotadas algumas teorias a partir da ciência e filosofia que contribuíram de forma significativa para os estudos do corpo com o intuito de entender de que forma os corpos das mulheres se diferenciavam dos homens, no entanto, por meio de suas determinações biológicas, sem levar em conta o corpo do sujeito como “um corpo ligado ao corpo social” (Orlandi, 2015, p. 93). Assim, a partir desses estudos, alguns médicos passaram a entender o “corpo feminino” como algo que estava sujeito a doenças nervosas, como depressão, epilepsia e histeria. Doenças que mais tarde foram, comprovadamente, tidas como doenças que atingem ambos os sexos. Ainda assim, muitas dessas doenças impactaram a sociedade, especialmente as mulheres, como por exemplo a *histeria*.

Durante a época vitoriana, a histeria começou a se espalhar como uma doença hostil destinada apenas às mulheres, já que muitos médicos da época entendiam que a doença estava ligada a perturbações no útero. Isso porque o modo como a doença se apresentava fazia com que as mulheres se sentissem muito cansadas, abatidas e que apresentassem comportamentos que eram vistos como de uma pessoa “louca”. Essa crença se deu porque muitos acreditavam que o útero das mulheres se desprendia de seu corpo, o que gerava dores e causava inúmeros problemas. Assim, a ciência e a política passam a ser representadas pela medicina que, “como produtora de uma ‘verdade’ acerca dos papéis masculinos e femininos, está embasada em questões organicistas, delimitando, a partir desse saber, os melhores rumos para a sociedade” (Matos; Soihet, 2003, p. 243).

Nesse período, as mulheres eram obrigadas a casar cedo e a viver em obediência aos pais e depois do casamento ao marido. Com isso, após a Revolução Industrial, as mulheres começaram a se rebelar contra a dominação dos homens sobre elas e passaram a questionar essa realidade que era imposta. E aquelas que não conseguiam se manifestar, sentiam-se

---

<sup>9</sup> Assim como as pessoas que praticavam adivinhação, faziam encantamentos ou compartilhavam presságios.

aprisionadas por conta dos papéis que eram impostos. Com isso, Freud<sup>10</sup> passa a estudar a histeria e, a partir de suas pesquisas, ele concluiu que suas pacientes sofrem de reminiscências, ou seja, as mulheres sofrem ao retomar inconscientemente uma memória traumática que faz com que elas apresentem sintomas que indicam o sofrimento delas diante dos acontecimentos passados. Além disso, ele passa a entender que os sintomas apresentados pelas mulheres acontecem por conta da repressão que elas sofriam, por isso, tratam-se de memórias recalçadas que retornam à consciência tendo uma nova interpretação que é dada pelo sujeito afetado, já que ele é interpelado ideologicamente. Pêcheux dirá, então, que:

O pré-consciente caracteriza a retomada de uma representação verbal (consciente) pelo processo primário (inconsciente), chegando à representação de uma nova formação, que aparece conscientemente ligada à primeira, embora sua articulação real com ela seja inconsciente. (Pêcheux, 1995, p. 175)

E esse vínculo entre as diversas representações verbais se dá a partir da discursividade. Nesse sentido, a histeria é usada para colocar as mulheres em uma situação de dependência emocional ou psicológica apresentada pela doença, a fim de limitar sua liberdade, já que muitas mulheres passaram a se posicionar, reivindicando direitos como os que homens já tinham e a ter ideias revolucionárias. Dessa forma, para conter a autonomia das mulheres sobre os seus próprios corpos, elas passaram a ser reconhecidas como histéricas e levadas aos hospitais psiquiátricos para serem estudadas e receber tratamento de choque, ao menos aquelas que tinham comportamentos que eram tidos como o de uma mulher histérica.

As mulheres também deviam ocultar a menstruação, já que expelir sangue por sua parte íntima era um motivo de vergonha. Nesse tempo, acreditava-se que o sangue seria como uma manifestação de um ferimento nos órgãos internos de uma mulher. Dessa forma, elas se sentiam envergonhadas e sujas, por isso, muitas vezes saiam correndo para lavar ou esconder suas roupas maculadas (Beauvoir, 1970). Nesse sentido, por muito tempo foram criados mitos para tentar explicar a origem do sangramento, como a crença de que ao sangrar as mulheres emitem uma substância tóxica e por isso, não poderiam tocar na carne ou fazer um pão caseiro, pois ele não iria crescer, assim como a informação que era disseminada pela inquisição de que “as bruxas europeias espalhavam a mesma infusão venenosa sobre seus corpos com a finalidade de obter o poder de voar até o sabá” (Federici, 2017, 412). Teorias que ainda se repetem, bem como a histeria feminina, e que são passadas de geração em geração em um processo de reprodução desses discursos.

Por ser um período associado à constante repressão sexual que as mulheres sofriam, passa a ser discutida a diferença entre sexo e gênero, já que até então ser mulher era associada a

---

<sup>10</sup> O autor discute suas teorias sobre a histeria nas obras *A histeria (1968)* e *Estudos sobre a histeria (1895)* publicado por Freud e Breuer.

características biológicas impostas pela sociedade e que eram tidas como femininas, como a sensibilidade, fragilidade e a delicadeza. No entanto, nem toda mulher é feminina, assim como o corpo de uma mulher não pode de forma genérica ser tido como um corpo feminino, ainda que muitas mulheres se reconheçam nessas definições. Por isso, muitas mulheres buscam, através de movimentos organizados, identificar a origem da condição feminina, assim como uma justificativa para tal compreensão,

[...] já que a representação do corpo feminino quase que em sua totalidade foi realizada por homens ao longo da história, seja nas artes visuais, na poesia, na literatura, no conhecimento científico, na música, dentre outros lugares de enunciação (Chaves, 2013, p. 3).

Sendo assim, as mulheres que faziam parte dos movimentos feministas da década de 1960, também questionaram sobre os padrões de beleza da época, sendo contra os concursos de beleza, por ser um meio de aprisionar as mulheres aos desejos dos homens, visto que, elas eram tratadas como objetos, já que, muitas vezes, a beleza passa a ter uma relevância maior do que o intelecto das mulheres, fazendo com que as mulheres dependam de um padrão de beleza para serem aceitas e criando até mesmo uma rivalidade entre elas. Neste contexto, há uma ideologia dominante que produz essa imagem da mulher, possivelmente resultando em maior impacto sobre as mulheres afetadas por esses imaginários naquela época, cujo o discurso feminista tenta romper até hoje. No entanto, os concursos ainda seguem existindo e por mais que na atualidade eles incentivem que as participantes tenham algum conhecimento, assim como, a participação delas em projetos ou ações sociais, a aparência segue sendo o foco. Nessa perspectiva, o corpo passa a servir como um produto que é usado para reafirmar padrões de beleza e estabelecer papéis sociais.

A partir desses acontecimentos, as mulheres seguem em luta pela libertação de seus corpos, bem como, as discussões em torno das questões de gênero. Dessa forma, por mais que “o tema da sexualidade feminina apareça calado e restrito na história, é através dos primeiros ruídos corajosamente produzidos que se configuram as nuances de sua emancipação” (Mattos; Soihet, 2003, p. 245), da mesma forma que a reprodução desses discursos impulsionam a constante resistência das mulheres às imposições dos homens com o intuito de romper com os discursos mantidos pela ideologia do patriarcado que insiste em tentar domesticar os corpos das mulheres.

### **3.1 A historicidade das lutas das mulheres pelo direito ao ensino**

A sociedade sofreu muitas transformações com o passar do tempo, mudanças que também alteraram a educação, principalmente, no que diz respeito às mulheres. Dessa forma, a luta pelos direitos das mulheres vem sendo recorrente no mundo todo desde muito tempo. Com

isso, mesmo que as mulheres tenham ocupado todos os níveis de formação no sistema educacional, nem sempre foi assim e podemos confirmar isso ao retomar o fato de que as mulheres ingressaram nas escolas de forma tardia, sendo incluídos nos currículos os cuidados com o lar e a família.

Nesse sentido, devemos lembrar que as primeiras escolas em terras brasileiras surgiram no Brasil colônia, período que teve início em 1530 com a chegada da primeira expedição portuguesa com o objetivo de povoar as terras. No início, as escolas foram ocupadas apenas pelos padres jesuítas, mas somente os homens podiam frequentar. Dessa forma, por muito tempo foi construído um imaginário que enquadrava as mulheres como subordinadas na sociedade regido por uma simbolização que se dá a partir de uma ideologia dominante. Assim, muitos discursos sobre o sujeito-mulher são retomados e produzem sentidos que se atualizam através das condições de produção dos discursos, e que podem derivar de outros sítios de significação, “produzindo novos sentidos, efeitos do jogo da língua inscritos na materialidade da história” (Orlandi, 2007, p. 39), já que os sentidos estão sempre em movimento, significando o que já foi dito antes de várias maneiras.

Conforme as leis lusitanas, as mulheres faziam parte do *imbecilitus sexus*<sup>11</sup>, e nessa categoria, também estavam as crianças e os portadores de doenças neurológicas. Dessa forma, a primeira reivindicação voltada à educação para as mulheres partiu de um indígena que questionou porque elas não eram alfabetizadas e pediu ao padre Manoel da Nóbrega que ensinasse sua mulher a ler e a escrever, e como na época não havia segregação por gênero<sup>12</sup>, pois o padre escreveu uma carta à rainha de Portugal, dona Catarina, que negou o pedido, justificando que, a partir dos estudos, as mulheres iriam possuir mais conhecimentos e talvez reconhecer o seu assujeitamento. No entanto, há registros de que uma mulher conseguiu burlar a regra, a indígena conhecida por Madalena Caramuru<sup>13</sup>, foi a primeira mulher que aprendeu a ler e a escrever em território brasileiro, e isso foi comprovado através de uma carta que ela escreveu endereçada ao padre Manoel da Nóbrega, na qual, ela pedia que os povos indígenas fossem tratados com dignidade. Isso porque Madalena era filha de um português com uma indígena, o que era comum nesse período, já que a:

[...] escassez de mulheres brancas criou zonas de confraternização entre vencedores e vencidos, entre senhores e escravos. Sem deixarem de ser relações - as dos brancos com as mulheres de cor - de "superiores" com "inferiores" e, no maior número de casos, de senhores desabusados e sádicos com escravas passivas, adoçaram-se, entretanto, com a necessidade experimentada por muitos colonos de constituírem família dentro dessas circunstâncias e sobre essa base (Freyre, 2003, p. 32).

---

<sup>11</sup> Em sua tradução significa *Sexo imbecil*.

<sup>12</sup> Nesse período havia “uma série de transformações sociais e culturais. Significativamente, gênero e categorias raciais surgiram durante essa época como dois eixos fundamentais ao longo dos quais as pessoas foram exploradas, e sociedades, estratificadas” (Oyèwùmí, 2004, v. 1, p. 1).

<sup>13</sup> Catarina Paraguassu, mais conhecida como Madalena Caramuru, era filha do português Diogo Álvares Corrêa com a índia Moema Paraguassu.

Madalena foi uma exceção no sistema português estabelecido no Brasil, já que ter mulheres com habilidade na escrita ainda era algo raro. Com isso, por volta de 1678 surgiram os primeiros conventos no Brasil, também conhecidos como *recolhimentos*. Algumas freiras não iam para os conventos por vocação, apenas eram levadas pelos pais, que, por receio de dividir seus bens com os possíveis genros, as entregavam à igreja assim como as mulheres abandonadas por seus esposos eram acolhidas nas casas religiosas. Ainda que os conventos não possuíssem uma estrutura formal de ensino, as mulheres tinham a chance de estudar por meio dele. Além das atividades como bordado e costura, elas aprendiam a ler, a escrever, a tocar instrumentos e o exercício da oração incessante.

O método jesuíta predominou até 1759, quando os missionários foram expulsos da colônia em um evento que ficou conhecido como *Reforma de Pombal*. Assim, o ensino passou a incluir as mulheres e, nesse novo sistema, elas foram autorizadas a frequentar a sala de aula, no entanto, foram segregadas por sexo. Dessa forma, em 1808 a família real portuguesa veio ao Brasil devido à transferência da corte para a colônia, fazendo com que os homens passassem a se preocupar com o fato de que as mulheres poderiam, a partir desse período, aparecer em público, e por serem alfabetizadas, podiam envergonhá-los. Até então, era assim que as mulheres eram educadas, sem nunca serem ensinadas a assumir a sua própria existência (Beauvoir, 1970). Então, a grande parte das famílias começou a procurar professores particulares que pudessem ensinar tanto os meninos quanto as meninas em casa.

Quando surgiu a primeira constituição do Brasil, por meio da Lei Geral em 1824<sup>14</sup>, durante o período imperial, que instaurou o ensino gratuito a todos os cidadãos, com exceção dos indígenas e da população negra. Dessa forma, nas escolas do império, as meninas aprendiam os tópicos mais básicos, como a ler, escrever e as quatro operações matemáticas, além de uma disciplina que apresentava as “artes do lar”, assim como, a economia doméstica. A lei também estabelecia uma adequação da remuneração dos mestres, sendo homens ou mulheres para a admissão de professores para as escolas. Também houve um decreto, em 1831, que fez com que as mulheres ganhassem menos com relação aos homens, pois eram menos preparadas já que não eram autorizadas a se qualificar em cursos preparatórios. Nesse caso, por mais que as mulheres circulassem nos espaços públicos, elas ainda eram discriminadas por seu sexo. Com isso, não lhes eram apresentados os conhecimentos ligados à ciência, geometria, entre outras disciplinas que levam em conta a lógica (Fernandes, 2019).

A partir de 1854, foram fundadas escolas religiosas que eram focadas na educação de meninas que vinham de famílias ricas, seguindo os rígidos ensinamentos da igreja católica.

---

<sup>14</sup> A primeira constituição do Brasil foi outorgada no dia 25 de março de 1824.

Nesse caso, “é absolutamente evidente que existia um Aparelho Ideológico de Estado dominante, a Igreja, que concentrava não só as funções religiosas mas também escolares, e uma boa parte das funções de informação e de ‘cultura” (Althusser, 1970, p. 58), o que resultava em uma forma de controle sobre as mulheres. Em seguida, em 1874<sup>15</sup>, surgem as escolas mistas, permitindo que meninos e meninas tivessem acesso à educação e que estudassem juntos na mesma classe, porém, as mulheres só podiam trabalhar nas escolas que tinham meninas como alunas, enquanto os homens ensinavam nas escolas masculinas.

Nas escolas direcionadas apenas às meninas, quando eram organizadas por grupos religiosos eram muito rígidas, tendo horário de visita para receber os familiares e média alta para conseguir permissão para sair aos domingos. Elas também tinham que ir ao confessionário uma vez ou outra, assim como, toda a população para que a igreja pudesse absolver os pecados de todos, por meio de seus “segredos pessoais e de família, estancando nos homens, e principalmente nas mulheres” (Freyre, 2003, p. 42). Além disso, as mulheres eram, constantemente, associadas à profissão de professora, pois muitos acreditavam que, por elas terem o dom de educar os próprios filhos, elas poderiam educar outras crianças e adolescentes. Nesse caso, havia dois grupos de mulheres que frequentavam as escolas da época, como aquelas que estudavam para ensinar seus filhos e aquelas que tinham interesse na carreira profissional, com o propósito de complementar a renda da família.

Ascender profissionalmente neste período era muito difícil para as mulheres, já que nem os cargos da direção escolar elas poderiam assumir. Por isso, foi pensado em um curso de vocação para as mulheres, em que os pais, médicos e as classes sociais mais altas, acreditavam, de uma forma generalista, que elas apresentavam características mais afetuosas e que eram tidas como “naturais” em toda e qualquer mulher, e que, ao apresentarem esse perfil, as mulheres eram as mais adequadas para assumirem a profissão de professoras.

A partir disso, muitas mulheres, insatisfeitas com as opressões da sociedade, passam a se mobilizar, em prol das lutas pelo direito ao ensino, como a educadora e escritora Nísia Floresta<sup>16</sup>, que foi uma das pioneiras na inserção das mulheres na educação no início do século XIX, pois lutou pela abolição da escravidão e a liberdade religiosa e, por esse motivo, as suas ideias eram consideradas como avançadas demais para a sua época. A partir de 1830, ela começa a dar aulas e a escrever e, em seguida, lança o seu primeiro livro que ficou conhecido como *Direito das mulheres e injustiças dos homens*, no qual ela defende os direitos das mulheres à educação, ao trabalho e o respeito entre homens e mulheres. Já em 1838 ela abre uma escola para meninas no Rio de Janeiro, e nessa escola as meninas passam a ter a

---

<sup>15</sup> Dado retirado do texto “O processo de feminização do magistério no Brasil do século 19: Coeducação ou escolas mistas”.

<sup>16</sup> Nísia Floresta Brasileira Augusta é o pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto.

oportunidade de estudar os conteúdos que eram proibidos às mulheres até então, como ciências, matemática e até outras línguas, o que gerou uma onda de críticas, visto que, a sociedade ainda produzia o imaginário de que o sujeito-mulher não deveria ter opinião própria, deixando suas aptidões de lado para ficar em casa se submetendo aos caprichos dos homens. Com isso, ela "ousou" colocar seus discursos através de seus livros que aborda a situação dos povos indígenas questionando o sistema escravocrata, o "que era o normal para muitos, de repente viu-se diante de turbilhões de contestações e questionamentos, que não aceitavam com facilidade aquela situação, o conservadorismo dominante" (Itaquy, 2013, p. 16) que tentou por muito tempo inviabilizar a participação das mulheres na educação.

A professora e escritora Maria Guilhermina, que também foi uma ativista pela educação inclusiva, fundou a primeira escola de educação infantil no Brasil, em 1864, juntamente com sua mãe, dando a oportunidade de expandir a atuação das mulheres no mercado de trabalho por meio da atuação docente. Em suas produções feitas na área da educação, ela desenvolveu material didático, livros e artigos pedagógicos que eram inspirados nas produções americanas, visto que, por ser uma mulher de classe social mais alta, ela tinha condições de explicar o campo da educação fora do país. Dessa forma, "a trajetória percorrida por Maria Guilhermina no campo educacional nos remete a essa rede de pertencimento que operou, no seu caso, como filtro e veículo de acesso ao repertório pedagógico norte-americano" (Chamon, 2008, v. 12, p. 85), o que a motivou mais tarde a tomar parte da criação da Associação dos Professores do Brasil, tornando-se uma figura conhecida quando se fala na educação feminina.

As famílias tinham o costume de casar as mulheres cedo, entre "os doze, treze, quatorze anos. Com filha solteira de quinze anos dentro de casa já começavam os pais a se inquietar e a fazer promessas" (Freyre, 2003, p. 444), pois antes dos vinte anos a moça já deveria estar casada, o que dificultava a inserção delas nas instituições de ensino. Nesse caso, foi só em 1879 que as mulheres conseguiram a permissão do governo para entrar nas universidades, sob algumas condições. As mulheres solteiras poderiam estudar, desde que apresentassem a autorização dos seus pais, assim como, as casadas deveriam ser autorizadas pelos maridos. As mulheres sem o auxílio dos pais não conseguiam estudar, pois não tinham quem as autorizasse e as mães solteiras eram desprezadas e excluídas da sociedade, já que é "somente no casamento que a mãe é glorificada, isto é, na medida em que permanece subordinada ao marido" (Beauvoir, 1970, p. 293). Com isso, o número de mulheres que conseguiram chegar ao Ensino Superior era mínimo. Então, por mais que as mulheres pudessem se inserir nesse meio, havia muitas dificuldades que impediam que elas assumissem cargos de chefia ou recebessem os mesmos benefícios que os homens, o que reforçou a desigualdade de gênero nesses espaços. Foi só por volta dos anos 90 que as mulheres começaram a se inserir de fato e a dominar o

mercado de trabalho no Ensino Superior, e ainda assim, para assumir os mesmos cargos que os homens as mulheres precisavam ser solteiras e as que casassem, deixariam de assumir o cargo.

Diante disso, outra figura marcante na história da educação feminina foi a ativista e professora Antonieta de Barros que também foi a primeira mulher negra a ser eleita como deputada em 1934 no Brasil, assim que o voto das mulheres passou a ser permitido no país. Antonieta defendia a educação e a sua luta pela educação fez com que ela começasse a escrever crônicas, nas quais ela materializava o discurso a favor do ensino das mulheres, a valorização da cultura negra e a emancipação feminina. Além de Antonieta, outras mulheres embarcaram na política como Bertha Lutz, que foi uma das primeiras mulheres a atuar no serviço público e que, em 1924, fundou a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), junto a outras mulheres.

As mulheres só começaram a ampliar os debates na década de 60, quando passaram a discutir sobre as sexualidades, uso do anticoncepcional e a inserção das mulheres no ambiente de trabalho e direitos reprodutivos. Anos depois, durante o Maio de 68, a luta por libertação segue, mas também pelos costumes e direitos estudantis, com isso, os movimentos de mulheres foram essenciais para a ascensão da igualdade entre os gêneros no meio acadêmico, já que as assembleias reuniram estudantes, militantes e trabalhadoras, ainda que dificilmente elas estivessem no papel de liderança. No entanto, todas tinham uma questão em comum, a luta pelo direito de decidir pelo próprio corpo. Isso porque as mulheres vinham desde a sociedade medieval sofrendo com as tentativas de controle sobre as funções reprodutivas, com isso, até mesmo a Igreja reconheceu que as mulheres deveriam ser capazes de gerenciar a própria gestação, mas em virtude das questões econômicas.

Sendo assim, podemos entender que os corpos das mulheres sempre foram atrelados à servidão, sendo desqualificadas e obrigadas a servir como uma máquina de reprodução e instrumento de afirmação dos homens a partir da “arquitetura moral do patriarcalismo brasileiro” (Freyre, 2003, 570), visto que, os homens detinham a “posse” dos corpos femininos, as mulheres eram exploradas pelo sistema capitalista através da exploração no ambiente de trabalho e desumanizadas tendo o seu corpo violado a fim de procriação. Nesse sentido, tendo em vista que “toda dominação repousa sobre uma exploração” (Pêcheux, 2015. 11), as mulheres ainda seguem em resistência em razão da desigualdade de gênero que ainda persiste na contemporaneidade.

### **3.2 Gênero, raça e colonialidade**

Como uma crítica aos movimentos feministas, surge o discurso de resistência das mulheres negras, por esse motivo, precisamos resgatar a história que moldou a sociedade

brasileira e refletir sobre o processo de inserção das mulheres, especialmente, das mulheres racializadas no campo educacional. Para isso, precisamos entender, também, a história da escravidão no Brasil, a fim de compreender as relações de trabalho e a formação da nossa sociedade. Essa instituição, que deixou marcas profundas não apenas no imaginário coletivo, mas também nas práticas sociais transmitidas às gerações seguintes e que trouxe consequências, fez com que muitas pessoas fossem submetidas a uma realidade de exploração e precarização em suas condições de trabalho, resultando em uma ética laboral degradante.

A história da escravidão no Brasil remonta ao período colonial, que teve início em 1500, quando os portugueses chegaram ao território que hoje é o Brasil. Durante os primeiros anos de colonização, os portugueses tentaram utilizar o trabalho indígena nas lavouras e nas atividades de exploração, mas isso se mostrou pouco eficiente devido à resistência dos povos nativos e a disseminação de “doenças típicas do continente tropical, como a malária, juntamente com as trazidas pelos europeus, como varíola, peste bubônica e cólera” (Andrade, Cruz, 2019, p. 2-3), que dizimaram grande parte da população indígena<sup>17</sup>. Com isso, os colonizadores voltaram os seus olhares para a África, onde já havia uma longa tradição de exploração e escravidão. A partir do século XVIII, o tráfico de escravos africanos para o Brasil foi intensificado e milhões de africanos foram arrancados de suas terras, capturados e trazidos à força para trabalhar nas plantações de cana-de-açúcar, café, algodão e outros cultivos agrícolas, bem como, nas minas de ouro e de diamante. Assim, sendo submetidos a uma exploração brutal, com condições de trabalho extremamente degradantes, além de sofrerem castigos físicos, torturas e restrições à sua própria cultura e liberdade. No entanto, a situação das mulheres negras era ainda pior, porque estas:

[...] eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas. A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas (Davis, 2016, p. 24).

O sistema escravista no Brasil perdurou por quase quatro séculos, tornando-se a base da economia colonial e, mais tarde, da economia do império. E mesmo após a abolição da escravatura, a libertação não veio acompanhada de políticas de inclusão e reparação, o que levou a população negra a enfrentar muitos desafios para conseguir sua inserção plena na sociedade brasileira, gerando impactos que reverberam até os dias atuais. Com isso, surge a naturalização da inferiorização do sujeito-negro pela ideologia dominante, o que faz com que a mulher negra seja afetada por um duplo imaginário de inferiorização, pelo sexo e pela raça. Por

---

<sup>17</sup> A mão-de-obra que era empregada na montagem dos engenhos de açúcar no Brasil foi predominantemente indígena. Grande parte dos índios trabalhavam sob regime de assalariamento, mas a maioria era submetida à escravidão.

esse motivo, podemos afirmar que o racismo está, intrinsecamente, ligado a esse passado e a partir de um princípio constitutivo que permeia todas as relações de dominação na modernidade, incluindo a divisão de trabalho e as hierarquias epistêmicas de gênero, sexuais e religiosas, sendo um fator determinante na definição de quem tem permissão para formular um conhecimento científico legítimo e quem é excluído desse processo.

Nesse caso, é evidente que a persistência das desigualdades é causada pela sobreposição das opressões presentes em nossa sociedade, como ocorre nas relações de gênero e raça. Neste caso, é essencial compreender que as questões relacionadas ao acesso e a produção do conhecimento estão intimamente ligadas ao processo de colonização do conhecimento, que é resultado da própria colonização. Dessa forma, esse processo é alimentado pela reprodução de lógicas através de políticas, da economia, entre outros mecanismos de controle e dominação (Davis, 2016) que reforçam a existência de certos discursos. Esses discursos foram moldados durante o período colonial, estabelecendo saberes hegemônicos que impõem estatutos de verdade em detrimento de outros discursos que são marginalizados e considerados menos relevantes, com o intuito de “apagar esses povos e seus países da análise dos conflitos, das contradições e das resistências” (Vérges, 2019, p. 26) para minimizar os laços entre o racismo, capitalismo e sexismo e preservar a versão europeia dos fatos. Nesse sentido, a colonialidade não se limita apenas a eventos históricos específicos, mas é um fenômeno contínuo que permeia as estruturas sociais, políticas e econômicas. Assim, as práticas coloniais persistem de maneiras sutis e muitas vezes invisíveis, moldando as identidades e as relações sociais contemporâneas (Silva; Almeida; Gonçalves, 2020).

Em contrapartida, a descolonialidade pode ser compreendida como um conjunto de ações de resistência política e epistêmica lideradas pelas populações indígenas e negras que se abre para a pluralidade, e que tem como propósito expor as estruturas coloniais de poder, identidade e conhecimento que se consolidaram ao longo da história, a fim de promover uma reflexão sobre as estratégias de transformação da realidade. Nesse caso, como também estamos tratando de gênero aqui, trago o feminismo decolonial que:

[...] opõe-se frontalmente ao feminismo liberal, cujas pautas se encerram em demandas relativas à liberação sexual e à igualdade no mercado de trabalho, desconsiderando as clivagens e as desigualdades entre as mulheres. Opõe-se também ao “feminismo civilizatório”, que na verdade é uma faceta assumida por organismos internacionais que em geral validam políticas imperialistas sobre os países periféricos, gerando opressão de povos, sobretudo de mulheres racializadas (Vérges, 2019, p. 5).

Assim, não há um feminismo universal, mas sim formas de pensar e viver o feminismo. Por isso, ao tratarmos do feminismo, devemos considerar a existência de uma Formação Discursiva (FD), conceito desenvolvido por Michel Foucault e reformulado por Michel Pêcheux, que direciona suas pesquisas para compreender como a ideologia se manifesta no

discurso. Pêcheux (1997) explica que a formação discursiva, dentro de uma determinada formação ideológica e em uma conjuntura determinada pelo conflito de classes, determina o que pode e deve ser dito. Isso resulta em um sujeito-falante que "seleciona no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências que nela se encontram em relação de paráfrase" (Pêcheux, 1995, p. 173). Nesse sentido, o sujeito se identifica com as construções imaginárias presentes em uma determinada FD, nesse caso, com uma FD feminista e, assim, é possível reconhecer essa interpelação do sujeito por meio de seu discurso. Com isso, haverá as posições-sujeito dentro de uma FD feminista, já que esta não é homogênea, como a posição-sujeito das mulheres transgênero, negras, indígenas, brancas, lésbicas, operárias, entre outras. Assim, o "feminismo inclusivo desejado em 'Sejamos todos feministas' se revela inatingível, já que as mulheres como um todo não são iguais e os homens como um todo não são iguais" (Vérges, 2019, p. 76).

Ainda assim, quando falamos de feminismo, ou melhor, sobre os movimentos feministas, podemos acompanhar alguns acontecimentos históricos que foram registrados através de filmes, obras, peças de teatro e que tornaram conhecidas algumas figuras históricas, deixando de lado as lutas das mulheres racializadas. Por isso, a autora Françoise Vérges afirma que "a história das lutas feministas é repleta de lacunas, de aproximações" (2019, p. 32), que minimizam e silenciam frequentemente as lutas e conquistas dessas mulheres.

Desse modo, a sociedade em que vivemos, assim como muitas outras, foi moldada pela herança patriarcal e pelo racismo, ou ainda, nossa formação social é estruturada pela ideologia dominante que se alicerça no sexismo, racismo e na divisão de classes. Nesse sentido, é fundamental destacar que as opressões e preconceitos encontram apoio na ciência, através de um discurso supostamente verídico que já se justificou muito a partir do fenômeno que ficou conhecido no século XIX como racismo científico, baseando-se na biologia para investigar as características da cor, da pele e sustentando a ideia de que a humanidade está dividida em diferenças de raças, a partir da "premissa científica acerca da hierarquização social, onde o branco europeu estava no topo, abaixo dele os índios e por último, os negros" (Katal, 2022, p. 3).

Nesse contexto de opressões, surgem interseções que tornam certos grupos ainda mais marginalizados. Dessa forma, em sociedades racistas, as pessoas negras são constantemente oprimidas, fortemente constrangidas e, quando temos a combinação do racismo e o machismo, as mulheres negras são as mais afetadas, pois enfrentam uma opressão ainda maior. Dessa forma, essa questão social traz consigo diversas dificuldades e, naturalmente, afeta as pessoas que frequentam as instituições acadêmicas, que são o epicentro da produção de conhecimento

científico. Por isso, muitas pesquisas indicam que o acesso aos níveis mais prestigiados da academia ainda é restrito para homens, já que há uma segregação horizontal que se expressa:

[...] na desigual participação de homens e mulheres nas áreas de conhecimento e nas carreiras acadêmicas e profissionais, sendo reduzida a participação de mulheres nas ciências exatas e tecnológicas, especialmente nas engenharias, em contraste com a maior ou equivalente participação feminina nas áreas biológicas, especialmente de saúde, e também humanas e sociais, com destaque à educação (Sígilo; Gava; Unbehaum, 2021, p. 5).

Nesse caso, por mais que haja vagas para mulheres ou ações afirmativas para incluir os mais diferentes grupos, há discursos que reforçam a ideia de que alguns cursos são de mulheres e outros para homens. E mesmo com a tentativa de diminuição gradual das desigualdades de gênero, haverá diferenças entre as mulheres. Isso porque por um lado temos mulheres com carreiras estimulantes e bem remuneradas, capazes de equilibrar o modelo tradicionalmente masculino e de sucesso profissional com suas responsabilidades familiares e obrigações domésticas. Enquanto, por outro lado, nos deparamos com aquelas que se encontram em empregos precários, trabalhos em tempo parcial involuntários, recebendo salários baixos e enfrentando dificuldades na esfera doméstica sem o apoio necessário (Vérges, 2019). Há, também, uma racialização do trabalho doméstico que se dá pela necessidade da sociedade que precisa de mão de obra feminina para preencher os cargos da categoria C no serviço público, através de hospitais, creches, asilos e escolas infantis. Nesse caso,

O acesso de um número maior de mulheres brancas à vida profissional (fora das fábricas) exige que as mulheres racializadas cuidem das funções de reprodução social – cuidado das crianças, limpeza, cozinha – e as famílias da classe média querem trabalhadoras domésticas (Vérges, 2029, p. 78).

Da mesma forma, existem diversas barreiras para a progressão de carreira de pessoas negras na ciência ou nas universidades que se dão através de discursos que confirmam o machismo e o racismo dentro desses espaços.

É importante destacar que a ciência moderna surge a partir da formação de um Estado-nação, que se estabelece como um Estado colonizador, através das colônias e países colonizados e que são tomados como Estados subalternos, já que “a globalização neoliberal tem provocado transformações profundas nas relações entre capital e trabalho, capital e recurso natural, e entre os capitais” (Assis, 2014, p. 619). Portanto, a estrutura da ciência é até hoje moldada pela lógica do capitalismo colonial da modernidade, uma vez que o capitalismo e o colonialismo são inseparáveis. No Brasil, a história é contada a partir da colonização, e isso influencia a fundação do identitarismo branco em nossa estrutura social, na educação, nas relações de trabalho e no patriarcado. Assim, o branco é estabelecido como referência de humanidade, o que molda a produção de conhecimento em diferentes campos. Até mesmo nas escolas dificilmente são incluídos temas que abordam essas questões nos currículos ou nas

metodologias pedagógicas, ainda que hajam leis que obriguem a discussão sobre a temática, como a Lei 10.639/2003, que está em vigor a 20 anos, tornando obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira em todas as escolas do Brasil, e a Lei 11.645 que foi sancionada em 2008 em luta pelos povos indígenas e seu reconhecimento através do ensino da história e cultura indígena nas escolas. Nesse caso, devemos questionar o modo como esse tema é apresentado no espaço escolar, porque muitas vezes apenas reforçam os estereótipos e os processos coloniais de racialização.

### **3.3 A representatividade feminina e o apagamento das mulheres no Ensino Superior**

Por muito tempo, as desigualdades de gênero vêm atuando como marcadores sociais, considerando gênero e raça para definir os lugares que cada sujeito deve ocupar até mesmo quando se trata de um curso superior e essas marcações se tornam visíveis quando nos deparamos com uma turma de um curso de exatas e outra de um curso de licenciatura. Nesses casos, geralmente as turmas dos cursos de engenharias são compostas, em sua maioria, por homens, ao passo que as turmas de cursos de licenciaturas em Letras por mulheres, o que nos faz questionar porque isso acontece.

Dessa forma, essas informações evidenciam que, apesar dos números consideráveis de estudantes matriculados no Ensino Superior, o caminho trilhado pelas mulheres na educação tem sido conturbado, isso porque as universidades sempre foram um ambiente dominado por homens mesmo tendo um número elevado de mulheres na atualidade que, segundo o IBGE<sup>18</sup>, superam os homens nos indicadores educacionais. Assim, como mencionado no capítulo anterior, além da disparidade de gênero, também há desigualdade entre mulheres brancas, negras ou pardas, tornando visível que seus corpos racializados são uma desvantagem educacional entre as mulheres, pois, ainda que muitas apresentem bons resultados durante o Ensino Superior, elas não alcançam resultados compatíveis com a sua qualificação no mercado de trabalho, principalmente, as mulheres pretas ou pardas. Isso ocorre frequentemente devido à pressão para priorizar a família e a criação dos filhos, o que pode prejudicar o progresso na carreira dessas mulheres. Além disso, há um enfrentamento de barreiras econômicas e educacionais que dificultam seu acesso à universidade. Isso pode incluir falta de acesso à educação de qualidade no ensino básico e médio, além de dificuldades financeiras para arcar com os custos da educação superior. A ausência de modelos e referências étnico-raciais nos currículos e no corpo docente que pode impactar negativamente o sentimento de pertencimento e identificação dessas mulheres com a universidade, afetando sua motivação e desempenho acadêmico, além da discriminação racial dentro do ambiente universitário, que podem

---

<sup>18</sup> Link de acesso: Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil | IBGE.

acontecer através de estereótipos negativos, preconceitos e tratamento diferenciado por parte de colegas, professores e funcionários, e que também contribuem para essas dificuldades. No entanto, o aumento do número de mulheres no ambiente universitário não resultou em uma igualdade na representatividade de gênero, já que ainda há uma predominância masculina nos cursos de exatas. Com isso, no campo científico são valorizados, normalmente, apenas os cursos que apresentam em seu currículo características que indicam que há objetividade, racionalidade e lógica. Características que tradicionalmente são associadas ao sexo masculino. Isso acontece porque:

O trabalho realizado pelos homens é associado a um conhecimento adquirido pela formação profissional, enquanto as mulheres o desenvolvem de acordo com o conhecimento adquirido pela prática do trabalho doméstico. Isso mostra que esta “desqualificação” do trabalho feminino está relacionada a uma construção social do gênero desenvolvida socialmente por meio da educação e do trabalho (Loch; Torres; Costa, 2021, v. 29, p. 7).

E, essa construção social do gênero é que produz imaginários para ambos os sexos por meio da ideologia patriarcal que naturaliza os sentidos do que é ser homem e ser mulher na nossa sociedade. Além disso, muitas mulheres sofrem com o machismo em sala de aula, tanto por parte dos professores, quanto pelos colegas, sejam homens ou mulheres, e esses acontecimentos estão tão enraizados nesses espaços que, muitas vezes, as mulheres não tomam consciência de seu assujeitamento, por isso, muitas dirão que não sofrem com o machismo no espaço universitário, isso porque o sujeito-falante não pode "por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina" (Pêcheux, 1995, p. 173). Isso acontece porque muitas mulheres podem não ter consciência de um sofrimento decorrente do machismo, crendo que é por pura falta de habilidade ou má sorte que não conquistou tal posição, mas todas convivem com esse fenômeno de forma estrutural, por isso, esses discursos podem ser reproduzidos tanto por homens quanto por mulheres. No entanto, pouco se fala sobre essas marcações sociais dadas por gênero, classe social e raça:

[...] e em nenhum lugar há um silêncio tão intenso acerca da realidade das diferenças de classe quanto nos contextos educacionais. É significativo que as diferenças de classe social sejam particularmente ignoradas nas salas de aula. Desde o ensino fundamental, somos todos encorajados a cruzar o limiar da sala de aula acreditando que estamos entrando num espaço democrático - uma zona livre onde o desejo de estudar e aprender nos torna todos iguais. E, mesmo que entremos aceitando a realidade das diferenças de classe, em nossa maioria ainda acreditamos que o conhecimento será distribuído em proporções iguais e justas (Hooks, 2013, p. 235).

Dessa forma, podemos entender que as discussões acerca de raça, gênero e sexualidades devem ser amplamente discutidas até mesmo nas escolas, dado que, muitas vezes, esse assunto sequer é mencionado em casa, pois até mesmo a família pode acabar reproduzindo a estrutura

hierárquica ditada pela ideologia do patriarcado, e por isso, muitos entram na universidade com discursos atravessados por esta que é uma ideologia dominante. A partir disso, podemos dizer que, ainda que sejam feitas essas discussões, não haverá garantias de que professores e colegas irão respeitar as especificidades dessas estudantes, no entanto, tais ações possibilitam um novo olhar e consciência sobre o sujeito-mulher como um outro, ou seja, reconhecendo assim sua constituição enquanto sujeito.

A partir dessas informações, poderíamos traçar, com toda a certeza, uma discussão sobre a influência no Aparelho Ideológico da família nesses contextos, e o quanto é preocupante em virtude dos casos de violência contra mulheres e crianças dentro do círculo familiar, além da culpabilização da vítima, já que, ao denunciar um parente, a vítima passa a receber certos julgamentos dos familiares e é tida como um “mau sujeito” por contestar sua submissão. E tudo isso molda também o modo como as mulheres, ao chegar na fase adulta, se posicionam diante de alguma exclusão ou situação de constrangimento.

Nas universidades não é diferente, na verdade, é possível reconhecer uma semelhança nos casos de exclusão das mulheres e até mesmo o apagamento de suas vozes em sala de aula, principalmente, quando se trata das mulheres negras. Isso acontece porque não há uma consciência sobre o espaço de fala que é dado às mulheres, assim como o lugar de fala<sup>19</sup> quando se trata de um grupo de falantes que tentam determinar regras sobre as dores do outro. Nesse caso, “o ‘lugar de fala’ se mostra, no seu funcionamento enunciativo, sustentado em processos metonímicos que o legitimam a partir da experiência vivida de um eu que se identifica com outros eu” (Fontana, 2018, p. 70), sendo determinado pela ideologia, a língua e o inconsciente. Ainda assim, qualquer:

tentativa da parte de um aluno para criticar os preconceitos burgueses que moldam o processo pedagógico, especialmente na medida em que têm relação com as perspectivas epistemológicas (os pontos de vista a partir dos quais a informação é partilhada), será vista na maioria dos casos, sem sombra de dúvida, como negativa e perturbadora (Hooks, 2013, p. 244).

Todos esses preconceitos burgueses relacionados a cor e classe social que a autora menciona em sua obra, tem como base uma ideologia que se origina de valores vinculados à ideologia patriarcal, e que enxergam as diferenças do outro como uma motivação para as exclusões, por isso, o autor Gilberto Freyre nos traz em sua obra<sup>20</sup> que a formação patriarcal:

---

<sup>19</sup> Para a autora e filósofa Djamila Ribeiro o “termo lugar de fala especificamente, ou melhor, a origem do termo é imprecisa, acreditamos que este surge a partir da tradição de discussão sobre feminist stand point – em uma tradução literal “ponto de vista feminista” – diversidade, teoria racial crítica e pensamento decolonial” (RIBEIRO, 2017, p. 33).

<sup>20</sup> Gilberto Freyre em sua obra Casa-grande e Senzala apresenta as relações raciais no Brasil, assim como, a formação social do brasileiro por meio da família, trazendo de forma simbólica que a casa-grande e a senzala seriam um modelo de como é o Brasil na década em que ele vivia quando o texto foi publicado, em 1933. No entanto, uma das ramificações das concepções do autor foi a disseminação do mito da democracia racial no Brasil. Este mito refere-se à

explica-se, tanto nas suas virtudes como nos seus defeitos, menos em termos de "raça" e de "religião" do que em termos econômicos, de experiência de cultura e de organização da família, que foi aqui a unidade colonizadora. Economia e organização social que às vezes contrariam não só a moral sexual católica como as tendências semitas do português aventureiro para a mercancia e o tráfico (Freyre, 2016, p. 4).

Isso acontece por conta da reprodução desses discursos que garantem a predominância de sentidos construídos por uma ideologia dominante e que são passadas de geração em geração em um processo de reprodução e transformação que enraízam essas construções sobre as mulheres. Dessa forma, a partir desses imaginários construídos pelos homens, as mulheres não teriam a possibilidade de estar em outra posição, sem ser a que é pensada e enunciada por sujeitos que produzem discursos machistas. Essas questões configuram os espaços sociais em que observaremos a demarcação de lugares entre homens e mulheres, assim como entre brancos e negros. Nesse sentido, a partir do modo como nossa formação social é materialmente constituída, podemos compreender que “há corpos que podem e devem ocupar esses mesmos lugares e, ao mesmo tempo, há corpos que não devem e não podem ocupar esses mesmos lugares (e devemos lutar contra essa naturalização)” (Vinhas, 2021, p. 38). Assim, por mais que as mulheres tenham acesso aos mesmos lugares que os homens na atualidade, elas, muitas vezes, não são ouvidas ou mesmo têm suas posições consideradas, visto que ocupar o lugar legalmente não implica automaticamente a sua aceitação, e essa realidade se reflete nas universidades.

Com base na afirmação de Pêcheux de que “não há dominação sem resistência” (Pêcheux, 1995, p. 304), entendemos que as práticas de resistência surgem das contradições internas à dominação, como, por exemplo as mudanças provocadas pelo feminismo no discurso político e por sua vez, o confronto social e racial que se deu no interior do discurso feminista, que são assumidos aqui como uma possibilidade de subjetivação na resistência à dominação ideológica (Fontana; Ferrari, 2017). Assim, a noção de resistência é tida como da ordem da ruptura e:

Se faz no interior da língua (por meio do equívoco), da história (por meio da luta de classes), e do sujeito (por meio do inconsciente). É, portanto, intrínseca à constituição do sujeito simbólico e social, o que o faz resistir à dominação “nem sempre de forma consciente e nem sempre de forma exitosa, mas o faz sem cessar” (Fernandes, 2021, p. 10-11).

E, ao resistir, o sujeito inscreve na linguagem suas contradições e dilemas decorrentes da revolta gerada por certas identificações. Sendo assim, a partir desses confrontos, haverá sujeitos que não aceitarão o silenciamento e que, mesmo em silêncio, ganham voz a partir das

---

ideia amplamente difundida de que brancos, negros e indígenas se misturaram de maneira harmoniosa, levando à crença de que, por ser uma nação miscigenada, o Brasil não enfrentaria problemas de racismo.

manifestações corporais. Assim, o que não é dito também produz sentido, pois um “sujeito em silêncio se apresenta com um corpo que significa seu silêncio e se significa nesse silêncio” (Orlandi, 2011, p. 86), porque o modo como o corpo se posiciona indica, muitas vezes, se estamos satisfeitos ou não com o que está sendo dito.

Podemos pensar, então, que o silenciamento pode acontecer porque as mulheres são constantemente invalidadas até perder a vontade de se comunicar ou revidar as opressões, pois muitas vezes, as mulheres ganham a “rotulação de ‘histéricas’, ‘loucas’ e ‘descontroladas’” (Barros; Busanello, 2019, v. 27, p. 10), com o intuito de tratá-las de modo inferior. À vista disso, os corpos comunicam o que o sujeito não consegue enunciar, informando através do corpo que estar na universidade também é seu direito.

Sendo assim, por meio da materialização de um discurso podemos perceber os possíveis sentidos produzidos por cada sujeito. Com isso, surgem os efeitos de sentidos que “produzem uma unidade imaginária, que organiza as formas, materializando a ordem (não acessível), em que os sentidos são constituídos, em formas tangíveis”. (Orlandi, 2011, p. 89). Portanto, o corpo nos mais diferentes espaços, ganha a possibilidade de ser um objeto de resistência frente às relações de poder de um discurso dominante, com o intuito de fazer ouvir as suas reivindicações.

#### 4 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPUS BAGÉ

Esta investigação foi realizada na Universidade Federal do Pampa (Unipampa)<sup>21</sup>, instituição que foi criada em 2006 e que está ativa desde 2008, proporcionando o acesso de estudantes no Ensino Superior com o propósito de cumprir um Plano institucional voltado para o desenvolvimento da região da fronteira oeste do Rio Grande do Sul. Além disso, a Unipampa possui campi em dez cidades do estado, incluindo Bagé, Caçapava do Sul, Dom Pedrito, Itaqui, Jaguarão, Santana do Livramento, São Borja, São Gabriel e Uruguai. Cada campus apresenta cursos de graduação, pós-graduação e atividades de pesquisa e extensão em diversas áreas do conhecimento, através da formação especializada e do apoio a projetos que beneficiam a comunidade.

A pesquisa foi desenvolvida no campus Bagé, que fica a cerca de 380 km da capital, Porto Alegre, na região da Campanha, cidade que também é sede da Reitoria da Unipampa. Segundo os dados apresentados pela Pró-reitoria 2021<sup>22</sup>, na unidade, também funcionam 12 cursos de graduação, totalizando 993 alunos e 193 alunos de pós-graduação, ocupando a segunda posição na Universidade em termos de quantidade de programas de pós-graduação *stricto sensu*, no qual, oferece um total de cinco cursos de mestrado.

**Figura 1: Mapa do Rio Grande do Sul com os campus da Unipampa<sup>23</sup>.**



Fonte: Nesul (2019)

A universidade vem sendo construída aos poucos, e com a expansão de novos blocos, o campus oferece instalações destinadas a projetos, uma cozinha e, adicionalmente, dois espaços infantis para crianças que acompanham seus pais na instituição e que surgem como uma tentativa

<sup>21</sup> A Universidade Federal do Pampa foi instituída através da Lei nº 11.640. Link de acesso: [Lei nº 11.640 planalto.gov.br](http://Lei%20n%2011.640.planalto.gov.br).

<sup>22</sup> Link de acesso: Microsoft Power BI.

<sup>23</sup> Link de acesso ao site: <https://www.copenesul2019.abpn.org.br/sobreainstituicao>.

de atender às reivindicações das estudantes. Contudo, é importante notar que esses espaços infantis só são utilizados na presença de um adulto, uma vez que não há supervisão constante no local.

O campus também conta com servidores que desempenham funções nas áreas administrativas, acadêmicas e de apoio. Esses servidores podem incluir professores, técnicos administrativos, pessoal de manutenção, bibliotecários, entre outros. E estes contribuem para o funcionamento da instituição. No entanto, segundo o Relatório de Gestão do campus Bagé<sup>24</sup>, não houve mulheres assumindo a posição na direção ou reitoria de 2013 a 2023 e não há dados com as informações sobre os funcionários do campus nos anos anteriores. Diante disso, o relatório de 2022/2023 nos mostra que há, no campus, 84 professores homens, enquanto 71 são mulheres. Destes docentes, pelo menos dez homens e sete mulheres assumiram a coordenação de cursos, enquanto havia mais mulheres no cargo de coordenador substituto, o que indica que no campus Bagé há uma menor quantidade de mulheres em cargos de liderança do que homens. Não encontramos informações detalhadas sobre os funcionários terceirizados.

Para fortalecer essas ações, a Unipampa estabeleceu o Comitê Institucional do Movimento HeForShe, que posteriormente evoluiu para o Comitê Institucional de Gênero e Sexualidade. Atualmente, ele é oficializado pela Portaria número 537, de 08 de abril de 2021, abrangendo as 10 unidades da Unipampa através de representantes que se posicionam através de palestras, rodas e formações que mobilizam discussões sobre o tema. Dessa forma, o Comitê Institucional de Gênero e Sexualidade, atua nos dez campi como um espaço de coordenação que busca efetivar a interconexão entre extensão, ensino e pesquisa, amplificando as ações relacionadas à temática de gênero e sexualidade, com o intuito de fomentar o diálogo e reflexão através da construção coletiva de alternativas que promovam uma cultura de equidade de direitos para as minorias excluídas, visando a justiça e dignidade social. No entanto, não há dados confirmando a atuação do comitê durante a realização da pesquisa. Nesse caso, visto a necessidade de ressaltar a histórica invisibilidade em relação à violência de gênero e sexualidade a universidade viu a necessidade contemporânea de um amplo debate, conscientização e a formulação de políticas públicas que garantam a equidade de direitos, já que essa disparidade pode ser encontrada até mesmo no espaço de sala de aula.

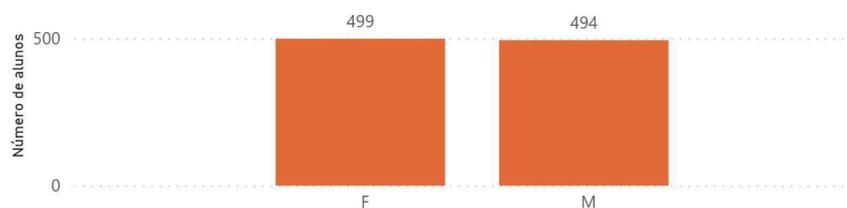
A busca por debates dentro da universidade que abordam as questões de gênero surgem, também, por conta dos diversos desafios enfrentados pelas mulheres ao ingressar e permanecer nos cursos escolhidos, já que, muitas vezes, há uma pressão para equilibrar os estudos com outras responsabilidades, como cuidar dos filhos ou familiares, assim como, as dificuldades de acessar oportunidades de pesquisa e financiamento, o que pode afetar sua capacidade de realizar pesquisas e avançar em suas carreiras acadêmicas. Dessa forma, os comitês que discutem essas questões são

---

<sup>24</sup> Link de acesso ao relatório: <https://unipampa.edu.br/bage/relatorios-de-gestao>.

frutos de uma demanda que cresce em virtude da participação das mulheres na universidade e do enfrentamento de suas dificuldades em manter os estudos, principalmente, por conta do assédio e falta de uma rede de apoio resultantes da ideologia patriarcal que objetifica seus corpos e impõe unicamente a elas a responsabilidade pelo cuidado dos filhos. Nesse caso, embora a proporção de estudantes homens e mulheres entre os alunos regulares seja quase igual, como mostra o gráfico a seguir, a partir dos dados gerados pela PROGRAD<sup>25</sup>, ainda persiste uma disparidade quanto ao gênero no campus e na distribuição dos cursos, dada a matrícula atual de 993 alunos.

**Figura 2: Número de alunos regulares no campus Bagé**



Fonte: Universidade Federal do Pampa (2023)

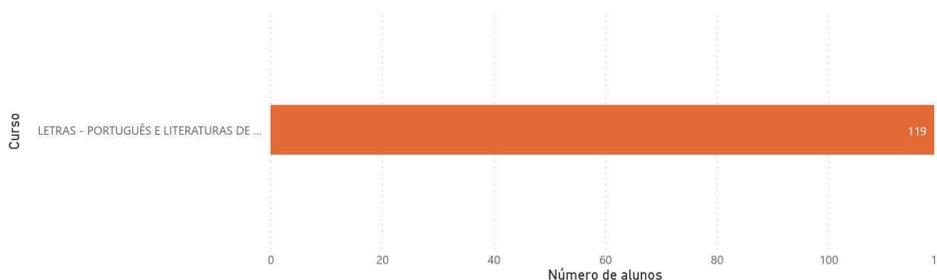
Podemos perceber essa desigualdade através da proporção de estudantes de acordo com o sexo em diferentes cursos e programas acadêmicos, pois há uma diferença significativa na matrícula entre os gêneros. Isso porque alguns campos acadêmicos foram tradicionalmente dominados por homens, fazendo com que os estereótipos de gênero persistam nesse meio, afetando o acesso das mulheres nessas áreas, como ocorre nos cursos de engenharias. Ademais, a ausência de mulheres em posições acadêmicas de destaque pode representar um desafio para as outras em se imaginar tendo uma carreira de sucesso em determinadas áreas. Isso ocorre porque a representatividade feminina em cargos de liderança, em organizações estudantis, comitês acadêmicos e outras atividades extracurriculares ainda é inferior à dos homens, mesmo que atualmente haja sinais de avanços com relação ao acesso às oportunidades. Portanto, optamos por observar esses aspectos em duas turmas: uma do curso de Letras Português por ser um curso que apresenta um número elevado de mulheres com relação aos homens e outra do curso de Engenharia de Computação, por ser um curso majoritariamente masculino, para que pudéssemos nos atentar a essas diferenças.

<sup>25</sup> Link de acesso aos dados da graduação: <https://unipampa.edu.br/bage/relatorios-de-gestao>.

#### 4.1 Turma de Letras Português

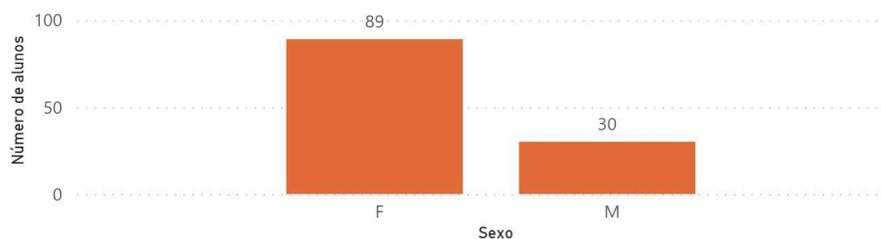
A primeira turma observada foi a turma do curso de Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa, curso que possui como sua principal ênfase a preparação de professores para o ensino de português e literaturas de língua portuguesa na Educação Básica. O curso é oferecido no período noturno e tem uma duração mínima de 9 semestres. Dentre os nove docentes atuantes, sete são mulheres e três são homens, característica que se reflete também no número de alunos matriculados no curso de acordo com o sexo, como é mostrado nas figuras a seguir:

**Figura 3: Número de alunos regulares no curso de Letras Português**



Fonte: Universidade Federal do Pampa (2023)

**Figura 4: Número de alunos regulares de acordo com o sexo**



Fonte: Universidade Federal do Pampa (2023)

Os dados mostram que a presença das mulheres no curso de Letras é notória, visto que, dos 119 alunos regulares, 89 são mulheres e 30 são homens. Esses dados destacam o porquê das mulheres serem frequentemente associadas aos cursos de licenciatura. Há um efeito de consenso produzido pela ideologia dominante de que as mulheres possuem habilidades interpessoais, como empatia e comunicação, mais desenvolvidas, características valorizadas em áreas como a educação. Esse modo de ver pode influenciar a escolha das mulheres por cursos de licenciatura, nos quais essas habilidades são consideradas fundamentais. Além disso, muitos cursos de licenciatura, incluindo o de Letras, oferecem horários flexíveis e oportunidades de trabalho em meio período, o que pode atrair mulheres que buscam equilibrar carreira, família e outras responsabilidades. A partir dessas informações, as observações foram realizadas nas aulas da disciplina “Estudos da Sintaxe”, componente curricular ofertada às segundas-feiras, tendo a

duração de 4h/a. A turma sob análise é composta por treze alunos, sendo quatro do sexo masculino e nove do sexo feminino.

No primeiro dia de observação, foi apresentada a pesquisa e o que seria feito durante as aulas assim como o que seria observado. Os alunos fizeram a leitura do termo, tiraram as dúvidas e, ao final da aula, entregaram o questionário, junto ao termo de consentimento assinado. Tudo ocorreu com muita tranquilidade, a turma, de forma geral, foi muito acessível.

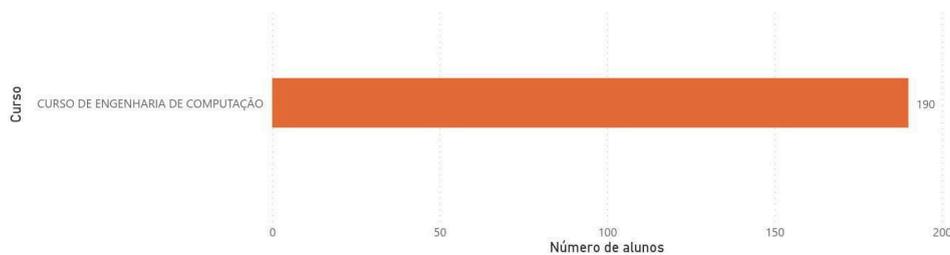
Durante as aulas, a turma costumava a se dividir com os alunos ocupando os assentos na parte da frente, enquanto as alunas se acomodavam juntas do outro lado da sala. Elas eram as primeiras a entrar em sala e as últimas a sair. Os alunos eram frequentes, assim como as alunas, e grande parte da turma apresentava a entonação de voz alta ao se manifestar, o que torna visível o conforto e encorajamento com relação à presença do professor e demais colegas, que era mostrado, também, através da posição de seus corpos por permanecerem alinhados e apoiados nas cadeiras, com o olhar concentrado na fala do professor.

Durante as observações, foi evidente que as mulheres demonstram um certo senso de apoio mútuo, pois frequentemente estavam próximas umas das outras. Enquanto isso, os homens da turma se mostravam mais autoconfiantes ao fazer perguntas em um tom de voz mais elevado e alto, comportando-se de maneira similar às mulheres mais velhas na turma. Além disso, à medida que o tempo passava, notou-se que os alunos pareciam estar mais confortáveis com a presença de quem os observava, o que os deixava progressivamente mais à vontade para expressar suas “opiniões” e, ocasionalmente, fazer brincadeiras durante as aulas, sem que isso prejudicasse significativamente o foco no conteúdo da aula. Sendo assim, das nove alunas, cinco alunas cederam a entrevista, quatro alunas com idades entre 20 a 23 e uma com 36 anos que apresenta o perfil de mãe trabalhadora e estudante. As entrevistas foram feitas fora do espaço de sala de aula, em um espaço reservado no campus ou via Google Meet devido à disponibilidade das alunas e de deslocamento.

## **4.2 Turma de Engenharia de Computação**

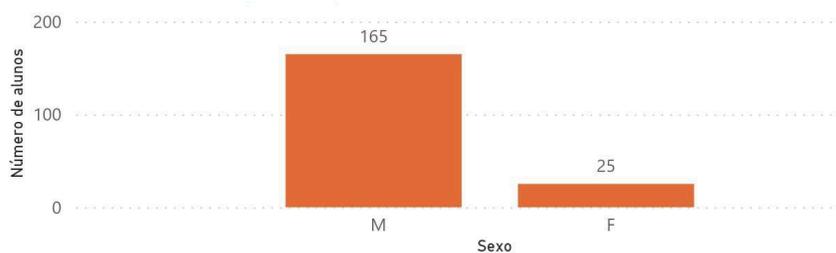
Conduzimos as observações, também, em uma turma do curso de Engenharia de Computação, o qual prepara os estudantes para a execução e gestão de projetos em sistemas de computação. Este curso oferece aulas noturnas durante a semana e aos sábados no período da tarde, ao longo de dez semestres. No contexto desta turma, há um corpo docente composto por nove professores e duas professoras, o que também se reflete na composição do número de alunos matriculados no curso, conforme será demonstrado nos dados a seguir:

### **Figura 5: Número de alunos regulares no curso de Engenharia de Computação**



Fonte: Universidade Federal do Pampa (2023)

**Figura 6: Número de alunos regulares de acordo com o sexo**



Fonte: Universidade Federal do Pampa (2023)

Esses dados revelam que, dos 190 alunos matriculados no curso de Engenharia de Computação, 165 são do sexo masculino e apenas 25 são do sexo feminino. Essa disparidade ressalta a associação tradicional dos cursos de exatas e áreas técnicas aos homens, em contraste com o curso de Letras, onde os números mostram uma tendência oposta. Isso sugere a existência de estereótipos de gênero que atribuem valores simbólicos distintos às áreas de estudo, com os cursos de exatas sendo percebidos como mais "racional" e os de humanas como mais "emocionais". Essa interpretação reflete uma narrativa cultural em que as mulheres são frequentemente associadas ao aspecto emocional, enquanto os homens são relacionados ao racional.

Nesse sentido, as observações ocorreram na disciplina “Algoritmos e Técnicas de programação”, nas quintas-feiras, com uma duração de 2 horas por aula. A turma observada é composta por dezoito alunos, sendo cinco do sexo feminino e treze do sexo masculino. Inicialmente, a proposta foi introduzida à turma de maneira concisa, já que a professora pediu que a apresentação fosse rápida para não atrapalhar o andamento da aula. Em seguida, os termos de compromisso e o questionário foram distribuídos, sendo coletados no final da aula, sem que os alunos levantassem perguntas a respeito das entrevistas, o que ocasionou em alguns termos não-assinados ou preenchidos de forma incompleta.

Durante as aulas, era notável que havia uma distribuição específica de assentos. Os alunos mais velhos geralmente ocupavam os lugares da frente, enquanto os mais jovens preferiam os assentos no fundo da sala de aula. Todos se posicionavam com seus corpos próximos às mesas,

dada a necessidade da disposição da sala e do uso de computadores. Devido à diversidade nos anos de ingresso dos alunos, eles se agrupavam em duplas ou trios, o que resultava em um certo distanciamento com o restante da turma. As alunas da turma também não costumavam se sentar próximas umas das outras e raramente interagiam entre si durante as aulas. Com a exceção da aluna mais velha da turma, as demais alunas optavam por se sentar ao lado dos colegas do sexo masculino e interagiam apenas com eles.

A relação com a professora era marcada por uma certa distância. Ela falava em voz alta durante as aulas para garantir que todos pudessem ouvir, porém, a participação dos alunos era limitada. Aqueles que respondiam às perguntas geralmente ocupavam os lugares da frente, enquanto os demais escondiam os seus corpos atrás de seus computadores, evitando serem vistos para não serem chamados pela professora. Ficavam inibidos apesar da motivação da professora durante a explicação das atividades. Quando havia duplas formadas por um homem e uma mulher nas aulas, era comum que apenas o homem respondesse, enquanto a mulher sussurrava discretamente suas dúvidas ou respostas. Nessa turma, os alunos demonstraram certa inibição em fazer perguntas, e as alunas raramente se manifestaram. Quando o faziam, o volume de suas vozes era notavelmente baixo, mas a professora não conseguia ouvir devido à distância, e também não solicitava que repetissem.

À medida que a turma se familiarizava com as observações, a interação entre os alunos e a professora tornava-se mais descontraída em alguns momentos. No entanto, em relação aos outros aspectos mencionados anteriormente, a turma não apresentou muitas mudanças, uma vez que a divisão persistia e a postura corporal durante as aulas permanecia inalterada até o último dia da observação. Após algumas observações, foram realizadas entrevistas com três alunas da turma, com idades que variam entre 20, 26 e 40 anos de idade, sendo que a última é mãe e apresenta o perfil de mãe estudante e trabalhadora. Duas das entrevistas foram feitas presencialmente e três via Google Meet devido à disponibilidade das alunas.

### **4.3 Perfil das turmas através dos questionários**

Com a finalidade de compreender melhor o perfil dos alunos observados, no primeiro dia de observação, em ambas as turmas, foi aplicado um questionário<sup>26</sup> com os alunos, o qual foi respondido no início da aula. Para a construção deste questionário, levamos em conta alguns critérios<sup>27</sup> para conhecê-los melhor, como a faixa etária, ingresso na universidade, o gênero e a atuação profissional em um turno inverso. Nesse sentido, os questionários foram distribuídos através de um material impresso ao qual os alunos puderam assinalar e entregar junto ao termo de

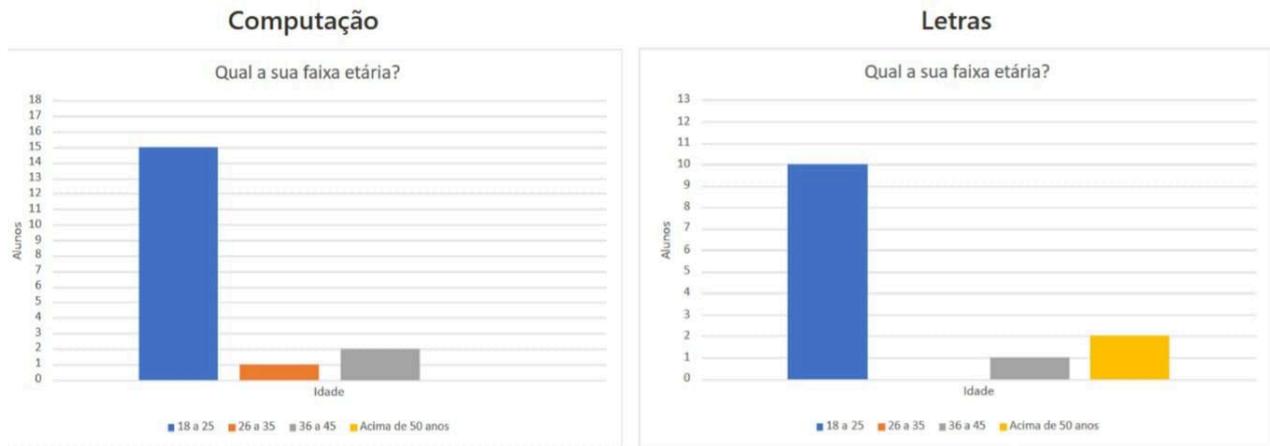
---

<sup>26</sup> O questionário está disponível no Anexo D.

<sup>27</sup> O Instrumento de coleta de dados está disponível no Anexo C.

compromisso. A partir dessas informações, elaboramos alguns gráficos<sup>28</sup> para ilustrar os resultados obtidos por meio da coleta de materiais, conforme veremos a seguir:

**Figura 7: Número de alunos de acordo com a faixa etária de cada turma.**



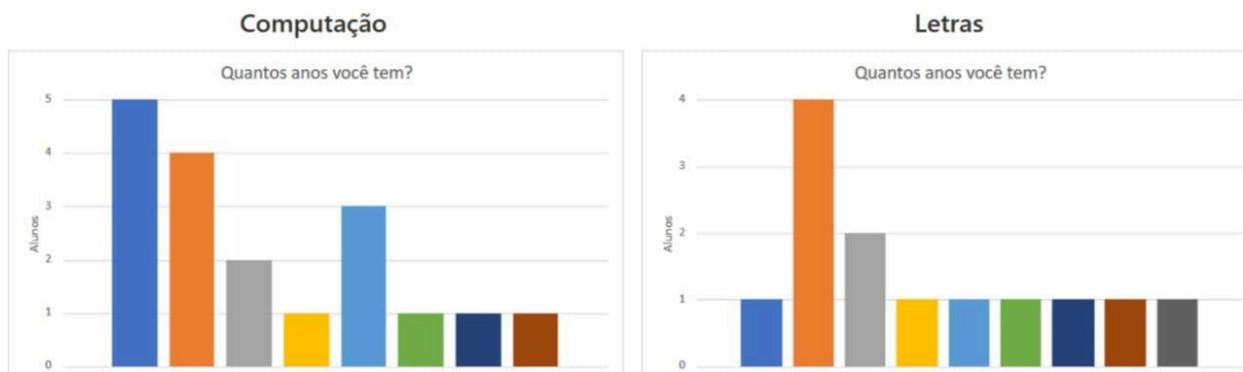
Fonte: Autora (2023).

Na Figura 7, apresentamos o número de alunos categorizados de acordo com a faixa etária de cada turma. Analisando os dados, é possível observar que, na turma do curso de Letras, a faixa etária dos alunos varia significativamente, abrangendo idades entre 18 e 50 anos. Essa diversidade indica que uma parcela da turma escolheu o curso não apenas por proximidade ou afinidade com a área, mas também por ter a oportunidade de realizar outras tarefas ao longo do dia, em um turno inverso e fora da instituição. Essa variedade de idades sugere que os alunos do curso de Letras podem estar buscando conciliar seus estudos com responsabilidades, sejam elas de trabalho, familiares ou domésticas.

No entanto, na turma de Engenharia da Computação, observamos uma faixa etária abrangente, indo de 18 a 40 anos, tendo uma quantidade de alunos mais jovens substancialmente maior, assim como, a turma como um todo também apresentava um número significativo de alunos. Esses dados sugerem que, no contexto do curso de Engenharia da Computação, há uma presença notável de estudantes mais jovens, o que reflete um interesse crescente nessa área entre pessoas com idades que variam entre 18 a 25 anos. Essa diferenciação nas faixas etárias pode indicar a prevalência nas escolhas específicas de gênero e idades ao optarem por essas áreas de estudo.

**Figura 8: Idade dos alunos de acordo com cada turma.**

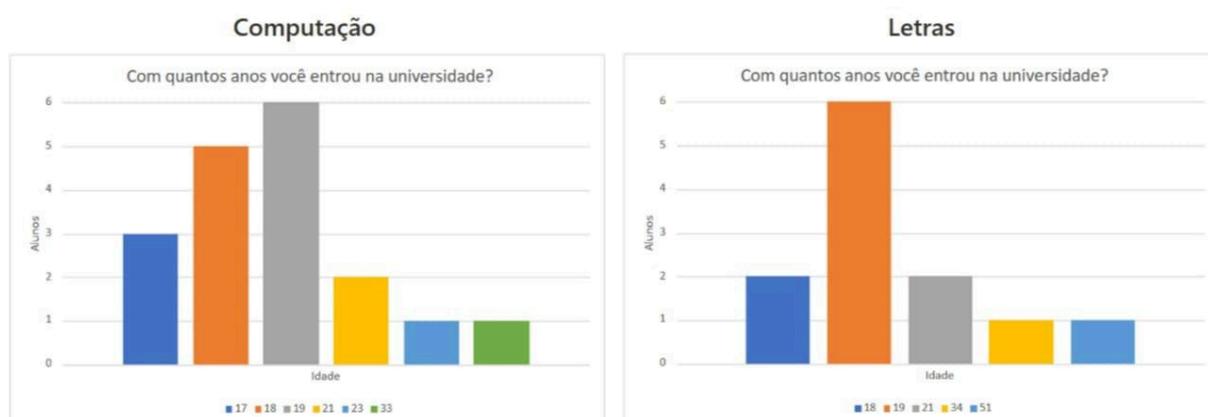
<sup>28</sup> Os gráficos foram construídos através do Excel, software utilizado para a elaboração, edição e gerenciamento de planilhas eletrônicas.



Fonte: Ilustração produzida pela autora (2023).

Os dados fornecidos no Gráfico 8 revelam a distribuição da idade dos alunos em cada turma. A análise desses dados revela uma prevalência significativa de alunos mais jovens, com idades entre 18 e 26 anos, na turma de Computação. Em contraste, a turma de Letras abrange uma faixa etária mais ampla, variando de 19 a 56 anos. Nesse caso, esses resultados sugerem uma tendência interessante no que diz respeito à escolha de cursos, no qual, podemos perceber que, na área de Engenharia da Computação, há uma procura mais acentuada por jovens, especialmente homens, enquanto, por outro lado, o curso de Letras atrai predominantemente mulheres de faixas etárias mais avançadas.

**Figura 9: Idade dos alunos ao ingressar na universidade.**

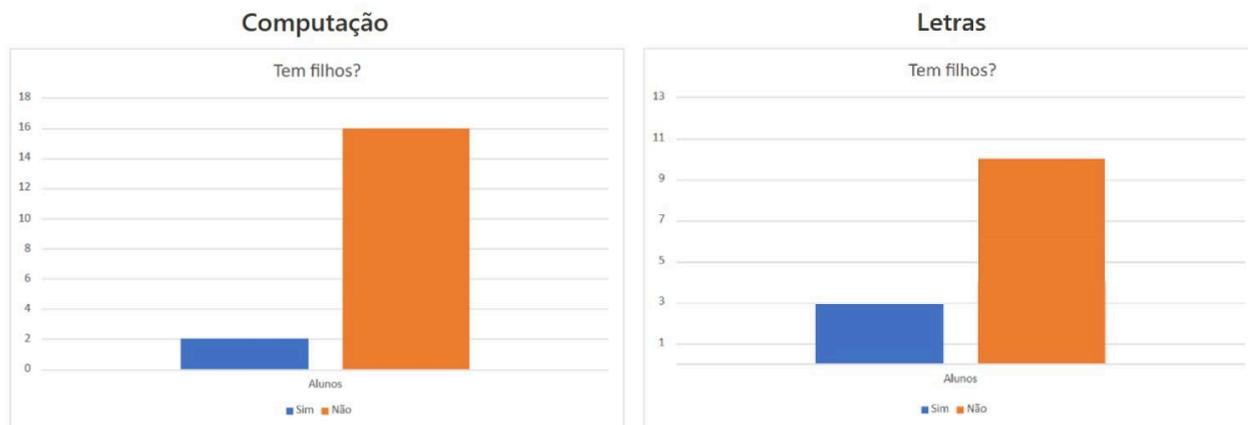


Fonte: Autora (2023).

Os gráficos exibem informações referentes à idade dos alunos ao ingressarem na universidade. Esse questionamento foi feito com o propósito de identificar a distribuição dos alunos em diferentes turmas e o perfil do aluno de acordo com a faixa etária. A partir disso, foi possível reconhecer que, tanto na turma de Engenharia quanto na de Letras, há uma predominância de jovens ingressando na universidade. No entanto, na turma de Computação, observamos um número significativamente maior de jovens em comparação com a turma de Letras, o que sugere

que muitos dos estudantes da turma de Letras enfrentam desafios educacionais e até mesmo na sua trajetória de vida, que retardaram seu ingresso nesse processo.

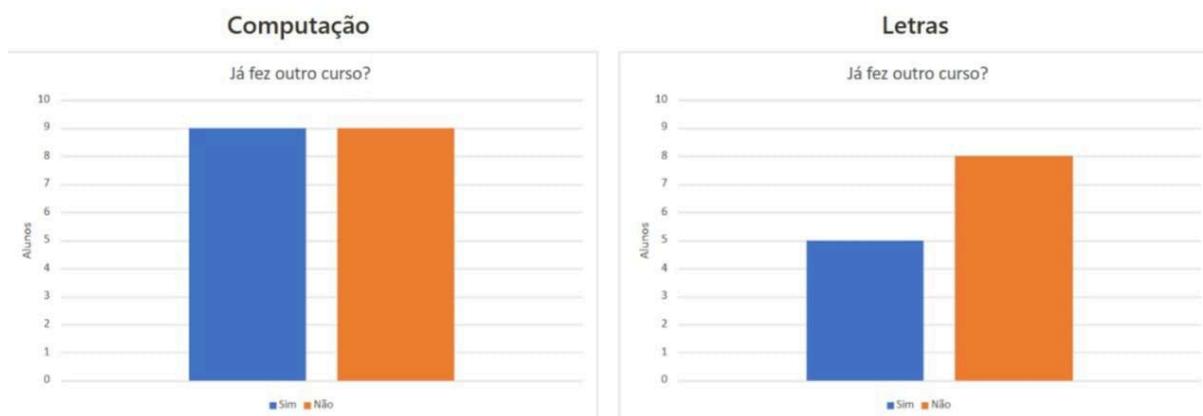
**Figura 10: Número de alunos que têm filhos de cada turma.**



Fonte: Ilustração produzida pela autora (2023).

No gráfico apresentado, são exibidos os dados referentes ao número de alunos que são pais em cada turma. Através desses índices, observamos que, no curso de Engenharia da Computação, caracterizado por um perfil predominantemente masculino, apenas dois alunos têm filhos, um homem e uma mulher. Por outro lado, no curso de Letras, que conta com uma proporção maior de mulheres em comparação aos homens, três alunos são pais, sendo que destes duas são mulheres e o outro é homem, o que indica a incidência de responsabilidades parentais, por sua vez, indicando, também, quantos alunos assumem papéis de pais ou mães enquanto cursam seus estudos.

**Figura 11: Alunos que cursaram outro curso antes de ingressar na Unipampa.**



Fonte: Autora (2023).

Na figura 11, os dados evidenciam a quantidade de alunos que realizaram outro curso antes de ingressar na Unipampa. Essas informações revelam que, no curso de Engenharia, tanto os homens quanto as mulheres, independentemente da faixa etária, tiveram a oportunidade de cursar

outro curso antes de entrar na universidade. Por outro lado, no curso de Letras, observamos que há um número inferior de estudantes que cursaram um segundo curso, sugerindo possíveis dificuldades na vida desses estudantes ao iniciar seus estudos nessa área específica.

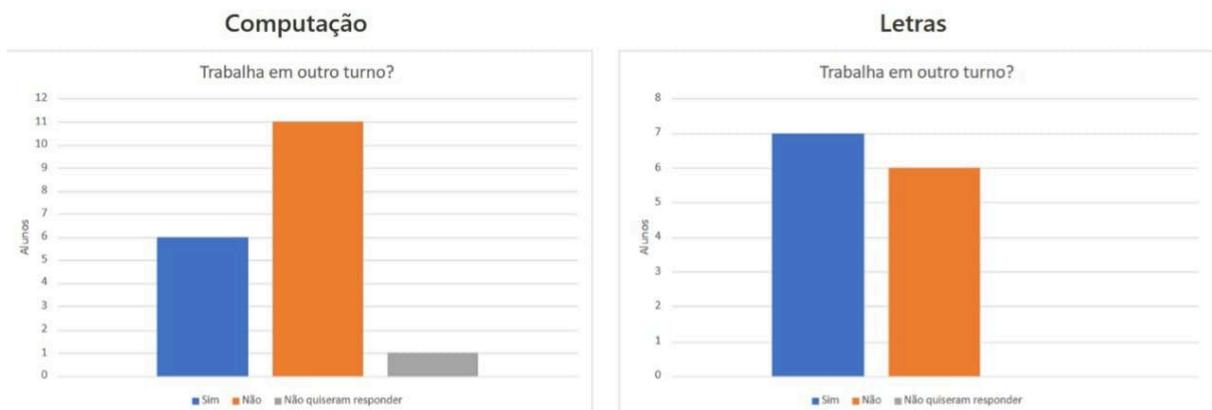
**Figura 12: Número de alunos de acordo com o gênero.**



Fonte: Ilustração produzida pela autora (2023).

As informações apresentadas por meio dos gráficos apresentados pela figura 12, revelam a distribuição de alunos conforme o gênero, proporcionando uma compreensão do perfil da turma. De acordo com os dados, na turma de Engenharia de Computação, há doze alunos identificados como do gênero masculino, doze como do gênero feminino, um como não-binário, e dois alunos optaram por não responder. Já na turma de Letras, observa-se uma distribuição diferente, com oito alunos identificados como do gênero masculino e cinco como do gênero feminino.

**Figura 13: Número de alunos que trabalham em outro turno de acordo com a turma.**



Fonte: Autora (2023).

Na Figura 13, são apresentados os dados referentes ao número de alunos que desempenham atividades em outro turno, categorizados por turma. Na turma de Engenharia de Computação, seis alunos estão empregados no turno inverso, enquanto dez não têm essa obrigação e os demais optaram por não fornecer a informação. Na turma do curso de Letras, dentre os treze alunos, sete

estão envolvidos em atividades de trabalho, enquanto o restante não exerce atividade profissional em outro turno.

Nesse caso, os dados apresentados destacam disparidades no perfil das turmas, evidenciando informações como faixa etária e a dedicação exclusiva ao curso, uma vez que a turma de Engenharia de Computação é, predominantemente, formada por alunos do sexo masculino, tendo a presença de alunas reduzida. Dessa forma, através dessas materialidades, observamos que apenas uma aluna foi identificada como mãe, assim como, a predominância de um perfil mais jovem na turma, abrangendo idades entre 18 a 25 e uma aluna de 40 anos. Além disso, a maioria dos alunos possui experiência prévia em cursos anteriores e já está integrada ao mercado de trabalho, sugerindo a existência de amplas oportunidades profissionais nessa área. Enquanto isso, na turma de Letras, encontramos estudantes com idades abrangendo desde 18 até mais de 50 anos, muitos deles embarcando em sua primeira experiência de graduação, o que revela que muitas dessas mulheres enfrentam uma dupla jornada de trabalho, já que a maioria tem filhos, estuda e trabalha. Dessa forma, as tarefas domésticas e de cuidado recaem desproporcionalmente sobre as mulheres, mesmo quando elas também estão envolvidas em um trabalho remunerado. Isso porque:

O relaxamento das fronteiras entre o mundo produtivo (homens) e reprodutivo (mulheres) tem contribuído com a possibilidade de as mulheres participarem do mundo produtivo, mas não reveste o afastamento dos homens do mundo doméstico (Souza; Guedes, 2016, p. 123).

E esse acontecimento resulta no aumento da presença das mulheres em setores públicos, ainda que essa mudança não seja acompanhada por uma reavaliação das responsabilidades privadas femininas. Em outras palavras, as mulheres continuam a desempenhar um papel significativo na esfera privada, sendo responsáveis pela reprodução da família, incluindo educação e outros cuidados, como o cuidado com os filhos, idosos e outras formas de trabalho não remunerado que são frequentemente atribuídas às mulheres.

Sendo assim, conhecer as turmas e dialogar com as alunas por meio da realização das entrevistas proporcionou diversas possibilidades de discussões sobre temas recorrentes na instituição e no cotidiano dessas mulheres, assim como os materiais obtidos por meio dos questionários forneceram suporte através de algumas informações obtidas nas observações. Portanto, nas próximas seções, procederemos com as análises dos materiais provenientes das observações e das entrevistas, com o objetivo de compreender a realidade vivida por essas mulheres na universidade.

## 5 O DISCURSO DAS MULHERES NO ENSINO SUPERIOR

Para compreendermos os discursos das mulheres na universidade, é necessário focar nossa atenção nos discursos das alunas coletados através das entrevistas e das observações feitas em sala de aula. Dessa forma, compreendendo as condições de produção dos recortes das falas das alunas, é possível refletir sobre os fatores que levam às escolhas dessas mulheres ao optarem por esses cursos, bem como os possíveis sentidos produzidos por corpos e os significados atribuídos a eles, visto que há discursos que reforçam sentidos cristalizados sobre o sujeito-mulher.

Nesse sentido, foram feitos recortes das falas das alunas registradas em áudios gravados durante as entrevistas e após transcritos. Cada entrevista foi organizada por curso e tema. Em seguida, selecionamos os trechos que seriam submetidos à análise, compondo o *corpus* de análise de onde recortamos as sequências discursivas a serem analisadas. Além disso, cada Sequência Discursiva (SD) apresentada está identificada por uma letra em ordem alfabética, devido à necessidade de preservar a confidencialidade das entrevistadas.

Os temas abordados nas análises foram selecionados com base em sua recorrência ao longo das entrevistas e na importância de discutir sobre eles nesta pesquisa. Portanto, nos próximos tópicos, abordaremos questões relacionadas à realidade das mulheres, como o silenciamento em sala de aula, a maternidade e o mercado de trabalho, e as questões raciais como fatores que intensificam o preconceito de gênero. Diante disso, apresentaremos a seguir os recortes efetuados.

### 5.1 Um olhar sobre as observações: Corpos e vozes em sala de aula

Ao pensar no contexto de sala de aula, é indispensável a reflexão sobre corpo, gênero e sexualidade nesses espaços, uma vez que “o sujeito é desde-já considerado como corpo (biológico) pelos aparelhos que o determinam” (Vinhas, 2014, p. 6), que se dão através de algumas determinações em contextos sociais e culturais. Por conta disso, esse assunto, muitas vezes, é evitado, pois confronta a perspectiva heteronormativa associada, principalmente, aos corpos das mulheres. Nesse sentido, as observações foram feitas em uma turma de Letras Português e em uma turma do curso de Engenharia de Computação com o propósito de observar os corpos e as vozes, em outras palavras, corpo e linguagem, como “a própria constituição do sujeito” (Vinhas, 2014, p. 62) e sua discursivação em sala de aula.

Pensando nisso, consideramos pontos importantes nas turmas escolhidas através das observações das aulas. Nesse caso, podemos dizer que um dos aspectos percebidos durante as observações foi sobre a presença (ou não) das vozes das mulheres em sala de aula. Isso porque no “som da linguagem podemos identificar a materialização do duplo atravessamento a que o sujeito está submetido: o assujeitamento ideológico e o recalque inconsciente” (Vinhas, 2014, p. 63). Assim, quando não há som, isto é, quando apenas o silêncio está presente, isso não implica

necessariamente a ausência da produção de sentidos, portanto, o silêncio também produzirá sentidos, pois “o funcionamento do silêncio atesta o momento do discurso que se faz na contradição entre o "um" e o "múltiplo", o mesmo é o diferente, entre paráfrase e polissemia” (Orlandi, 2007, p. 17). Esse movimento, por sua vez, evidencia a contradição tanto do sujeito quanto do sentido, situando-se entre a ilusão de um significado único e a contradição de todos os sentidos.

Nesse caso, ao adentrar cada turma, desde a recepção pelos alunos e professores, dedicamos a atenção à dinâmica entre a turma e os professores, bem como entre os próprios alunos. Durante a primeira semana de observação, percebemos como ocorre a interação entre os professores e os alunos, assim como os sons produzidos pelos alunos e o silêncio, pois:

Antes do sentido e sujeito propriamente ouve-se o som, chega-se ao modo de soar, a sonoridade que produz uma voz. Murmúrio e sussurro são frequências vocais enunciativamente fundamentais, condição da constituição do sujeito na duração. O que na voz soa indistinto e vago remete propriamente aos elementos que operam sobre a temporalidade e a duração do sentido (Souza, 2011, p. 94).

Desse modo, a forma como os estudantes se comunicam carrega significados, uma vez que o murmurar ou sussurrar, assim como o silêncio pode denotar insegurança ou receio de cometer erros diante da professora e da turma inteira, o que pode ser particularmente intimidador, especialmente quando as mulheres são uma minoria em sala de aula. Da mesma forma, o excesso de fala indica a necessidade de comunicar algo ou se fazer presente em um determinado ambiente, pois excesso está “imaginariamente articulado pelo sujeito para evitar uma ameaça externa, mantendo o protagonismo de uma determinada formação discursiva” (Vinhas, 2019, p. 83), ainda que ele possa ter efeitos contraditórios daqueles esperados pelo sujeito enunciador. Por esse motivo, as observações foram necessárias para que pudéssemos perceber como esses corpos se comunicam estando em silêncio ou não.

Nesse sentido, ao ingressar na turma de Letras, foi possível apresentar uma explicação abrangente sobre as atividades planejadas no projeto. A turma recebeu bem as informações, e houve participação ativa no esclarecimento de dúvidas sobre o termo de compromisso e o questionário. No decorrer das aulas, percebemos que o professor apresentava um tom de voz serena em suas aulas, caracterizada pela manutenção de um tom de voz calmo e suave, o que criou um ambiente propício para o estabelecimento de um relacionamento positivo com os alunos, resultando em frequentes perguntas vindas tanto dos homens quanto das mulheres durante as aulas. E apesar de ter em aula apenas três homens com relação às dez alunas, durante a maior parte das observações, houve um equilíbrio no turno das falas. Ainda assim, em certos momentos, as alunas mais velhas se destacaram, fazendo perguntas durante as aulas e respondendo aos questionamentos do professor. Além disso, ocorreu um assalto ao turno de fala de uma aluna mais jovem, quando um colega interferiu abruptamente enquanto ela respondia a uma pergunta feita pelo professor, o que “pode indicar uma tentativa de domínio do tópico por parte do homem”

(Freitag; Santana, 2019, v. 20; p. 610), na busca de se fazer ouvir e silenciar o momento de fala do outro. E, esse efeito de sentido:

[...] advém da ruptura, da indistinção dos pares e dos turnos de fala. A marcação dialógica do tempo do destinador e do destinatário desaparece, dando lugar ao império da materialidade dos sons, simulando a ficção da forma material dos diálogos (Souza, 2011, p. 94).

Essa marcação pode se dar tanto pelo tom de voz dos homens que, muitas vezes, se fazem soar em um tom mais grave, o que dá mais visibilidade a eles por parecer mais alto, quanto pela necessidade constante de estarem à frente do que está sendo dito em comparação às mulheres. Isso ocorre porque há uma naturalização desse comportamento, como se fosse aceitável ou rotineiro, o que leva as pessoas a reproduzi-los de forma automática, já que, muitas vezes, as mulheres são interrompidas, desconsideradas em debates e em diversos ambientes. Nesse caso, ainda que, em seguida, o aluno tenha pedido desculpas à colega, tomando consciência da interrupção que ocasionou o silenciamento da aluna, ela mostrou que se sentiu incomodada com a postura dele através da expressão facial marcada pela indignação frente à interrupção. Além disso, o fato dele ter tomado consciência da interrupção que ocasionou pode ter sido porque no curso de Letras se fazem discussões sobre discursos machistas para que todos possam compreender a situação das mulheres, já que, apesar delas serem maioria na turma, são minoria em direitos, sobretudo quanto ao mercado de trabalho.

Quanto à professora responsável pela turma de Engenharia de Computação, ela adotou uma abordagem aparentemente mais discreta e moderada, a qual foi evoluindo ao longo do tempo à medida em que ela e a turma se acostumaram com as observações. A professora adotava um tom de voz incisivo, pois, embora interpelasse os alunos durante as atividades para que eles participassem das aulas, era necessário elevar a voz e solicitar a atenção deles repetidas vezes, ainda que o tom de voz dela na comunicação cotidiana fosse baixo, assim como a do professor do curso de Letras. Nesse caso, a intensidade da voz, tomada pela professora, “ressalta também uma afirmação ao direto à tomada de decisões por parte das mulheres” (Schowuchow, 2023, p. 138), assim, o tom mais alto na afirmação produz o efeito de reconhecimento, através da necessidade de afirmação durante a prática realizada, que pode ser evidenciada através da entonação, ritmo, velocidade e volume da fala e até mesmo das mudanças abruptas na entonação, aumento do volume, ritmo acelerado ou pausas prolongadas que podem indicar emoções intensas, urgência ou importância atribuída pelo sujeito discursivo a determinados aspectos do discurso. Assim, essa intensidade na voz “e os sentidos circulam na materialidade dos gestos de interpretação” (Orlandi, 2013, v. 2, p. 17) do sujeito, uma vez que as linguagens, ou as múltiplas formas de linguagem, possuem diferentes materialidades, assim como, elas também adquirem significados de maneiras diversas. Em contrapartida, o professor do curso de Letras se expressava de maneira suave e

amigável, capturando toda a atenção da turma, sem a necessidade de elevar o volume da voz, e isso mostra o quanto a presença masculina é respeitada, mesmo sem muito esforço. Neste contexto, a questão não reside na metodologia utilizada pelos profissionais, mas sim na imagem que o sujeito-aluno produz do sujeito que ocupa a posição de professor, já que, afinal, ambos os profissionais ocupavam posições hierárquicas superiores. Dessa forma, o fato de a profissional ter que elevar a voz para ser ouvida sugere uma falta de consideração em relação a ela como sujeito-professor, assim, ela é vista não como uma profissional, mas simplesmente como uma mulher. Em outras palavras, a sua posição como professora é, em um primeiro momento, desconsiderada pela sua condição de mulher, especialmente em um ambiente predominantemente masculino, mas também devido a forças que contribuem para a criação de desigualdades e que, “criam assimetrias de audibilidade e de impacto” (Solnit, 2020, p. 40). Desse modo, podemos dizer que, em alguns casos, para que as mulheres sejam aceitas na sociedade como líderes, principalmente, na área da engenharia, elas se adaptam ao estilo vigente e passam a ser, “talvez, mais agressivas do que normalmente seriam para ser consideradas boas líderes. Mesmo que isso tenha um impacto negativo na percepção de sua personalidade” (Hryniewicz; Vianna, p. 338), porém, a situação se difere quando se trata dos homens, pois quando um homem incorpora essa característica, são geralmente admirados, sendo percebidos como exigentes, mas não agressivos.

A representatividade das mulheres nos cursos de Letras e Engenharia de Computação tem um impacto significativo nos alunos, que acabam reproduzindo padrões, tanto homens quanto mulheres. Quando a professora, que ocupa uma posição de liderança na sala de aula, não é respeitada, as alunas se sentem desencorajadas a participar e a contribuir. Desse modo,

Entendemos que há um funcionamento de uma memória que rege as práticas de linguagem da nossa formação social, sustentadas por um saber dominante que subalterniza as mulheres e as oprime (Vinhas, 2021, p. 75).

E essa opressão mostra que a hegemonia masculina contribui para a formação de uma imagem que beneficia os homens e propaga aspectos considerados desfavoráveis em relação às mulheres, em que elas são colocadas em uma posição subalterna aos homens e consideradas incapazes de assumir cargos de liderança. Por esse motivo, é necessário assegurar a igualdade de oportunidades para as mulheres em ambientes educacionais.

Em uma turma numerosa e ruidosa, com uma grande proporção de alunos do sexo masculino, as vozes das mulheres muitas vezes passam despercebidas até por quem as observa, gerando um “silêncio ao qual a própria voz vê-se submetida” (Souza, 2011, p. 93). Além disso, na turma da Computação, com a exceção de uma mulher negra e outra mais velha, as demais alunas, que são jovens e brancas, geralmente se sentam acompanhadas por colegas do sexo masculino. Em tais grupos, geralmente, as mulheres não tomam a iniciativa de se posicionar, cedendo a vez para o homem ao seu lado responder às perguntas da professora, mesmo quando a atividade é realizada em grupo ou dupla. Assim, as alunas sussurravam e discutiam as respostas com seus pares, mas

quem respondia em voz alta quando a professora solicitava uma resposta sobre as atividades, eram os homens. Dessa forma, “o sussurro apresenta propriedades físico-sonoras que se encarregam de apagar os contornos objetivos do som” (Souza, 2011, p. 95-96), de forma que a imprecisão e indeterminação, que caracterizam não só o conteúdo dito, mas o modo de a voz se propagar em som, produzem silenciamento como efeito, que indicam que essas alunas não sentem o espaço de sala de aula como sendo delas. Já na turma de Letras, todos se envolviam nos debates, e as mulheres desfrutavam de mais espaço para expressar suas opiniões, mantendo uma entonação consideravelmente alta para garantir que suas vozes fossem ouvidas. Isso nos leva a refletir que tal dinâmica pode ser influenciada pela presença expressiva de mulheres na área, ao mesmo tempo que essa necessidade de falar mais alto, também indica uma segurança por parte delas ou uma tentativa de se colocar mais, visto que, em outros espaços acadêmicos as mulheres são minoria. Nesse caso, há um processo de identificação, no qual as experiências compartilhadas estabelecem uma base para uma conexão mais significativa e empática. Essas experiências, frequentemente compartilhadas, desafiam a imagem que essas mulheres têm de si mesmas como sujeitos, levando-as a se enxergarem através da perspectiva dos "outros" (Kilomba, 2019). Nesse contexto, essa “outridade” promove uma compreensão mútua entre elas, uma vez que essas mulheres são percebidas como “outros” nas complexas dinâmicas sociais, delineadas por fatores como raça, gênero e outras especificidades.

Em sala de aula, os alunos do curso de Letras demonstravam um certo conforto em participar das atividades, o que observamos por meio de suas posturas corporais, enquanto que na Engenharia de Computação, os estudantes se encolhiam atrás dos computadores, sinalizando relutância em responder aos questionamentos da professora, como se temessem ser chamados por ela. Em contraste, na turma de Letras, os alunos se aproximavam das mesas, demonstravam atenção ao professor e, mesmo ao serem questionados, evidenciavam não ter receio de errar ao tentar responder, pois reconheciam o ambiente como propício para o aprendizado. As alunas se destacavam mais, apresentando exemplos e respostas ao professor. A única semelhança com a outra turma era o fato de que as mulheres mais velhas também se posicionavam mais diante dos questionamentos do professor. Esse dado foi imprescindível durante as entrevistas, visto que, ao conversar com as alunas, descobrimos que as mulheres mais velhas da turma são mães e que a participação excessiva delas em sala de aula estava relacionada à necessidade de contribuir significativamente nesse ambiente, visto a necessidade de aproveitar o ambiente da sala de aula para aprender, dadas as dificuldades de estudar em casa enquanto cuidam da família.

Para realização das atividades do componente “Algoritmos e programação”, era necessário que todos tivessem acesso a um computador, por isso, os alunos utilizavam os da instituição. Nesse caso, em uma das últimas aulas, um aluno confundiu a pesquisadora com uma colega, convidando-a para sentar ao seu lado e formar uma dupla para realizar a atividade. No entanto,

como a sala estava cheia, uma das alunas mais velhas da turma acabou ficando sem computador. Curiosamente, essa aluna não dialogava com nenhum dos colegas, sejam homens ou mulheres, já que não havia uma interação entre eles, ainda que fosse participativa em aula, respondendo às perguntas da professora. Ao não se inibir a responder às solicitações da professora diante da turma, ela assume uma postura materna em relação aos colegas mais jovens, na qual a posição de mãe a faz se sentir superior como na hierarquia familiar em que a mãe tem poder sobre os filhos, é quem educa e a quem eles devem obediência. E, essa postura pode refletir a ideia de cuidado, em que as mulheres são socializadas para desempenhar papéis de cuidadoras e mediadoras em situações interpessoais, o que pode se manifestar nas interações dentro da sala de aula. Nesse caso, o comportamento do aluno demonstra que a classificação dos corpos das mulheres é sempre política, “já que implica exclusão de uns corpos e aceitação de outros” (Louro; Neckel; Goellner, 2003, p. 187), indicando que só poderia ser feito dupla com uma aluna que apresenta uma aparência mais jovem, que ficaria mais quieta, seguindo o exemplo das outras colegas jovens que não expressam suas opiniões da mesma forma que as mais velhas.

Dessa forma, os corpos são concebidos e apresentados de acordo com os imaginários sociais que são construídos por uma ideologia dominante que descarta mulheres por não serem mais jovens ou por não serem tão "eficientes" ou "inteligentes como os homens". Dessa maneira, os corpos são estereotipados, levando os alunos a agirem conforme os padrões que determinam como cada estudante deve se comportar dentro desse ambiente. Nesse sentido, ao entender o corpo como o resultado de diversas intervenções e interpelações em épocas e locais específicos, surgem as imposições e restrições, assim como as permissões e obrigações, que vão além das condições fisiológicas, como por exemplo, a exigência de que todos façam silêncio, mesmo quando o trabalho é feito em dupla.

Nesse caso, observamos, também, que na turma de Engenharia de Computação os alunos que são pais, independentemente da idade, eram assíduos e pontuais nas aulas e exerciam atividades profissionais no turno inverso, enquanto as mulheres precisavam chegar após o horário de entrada. Na turma de Letras, a quantidade de estudantes com filhos era superior, no entanto, era notável que apenas as mães mencionavam, durante as aulas, suas rotinas de trabalho e de cuidado com os filhos, especialmente quando surgiam tópicos relacionados à vida fora da instituição acadêmica, tornando visível que o contato dos pais e até mesmo as responsabilidades assumidas por eles eram menores com relação às mães dessa turma. Muitas dessas estudantes costumavam chegar atrasadas às aulas devido a diversas razões: algumas delas precisavam deixar os filhos com parentes antes de irem para a escola, enquanto outras tinham que preparar os filhos antes de entregá-los aos pais, entre outras situações, que surgiam em conversas descontraídas nos intervalos, ainda que o professor não cobrasse uma explicação e fosse compreensivo diante das eventualidades. Isso sugere que talvez elas se sentissem culpadas pelo atraso e, por isso, tentavam

se justificar. Nesse caso, há “uma rede de sentidos em torno do corpo reforçada pela voz” (Schwuchow, 2023, p. 140), que aparece quando os seus corpos não estão em sala de aula ou em seus atrasos e quando elas, inevitavelmente, acabam tendo que se explicar, como um ato automático, visto que, as mulheres são constantemente cobradas a assumir certas funções. Trata-se, nesse caso, do trabalho do cuidado, no qual, essas mulheres passam a ser responsabilizadas pela produção dos alimentos, as roupas lavadas, mas também o cuidado com as crianças e as formas de apoio moral, já que o trabalho sexual e reprodutivo têm sido parte do casamento (Biroli, v. 59, 2016). Dessa forma, “as ‘obrigações familiares’ restringem e moldam as ocupações fora de casa, ao mesmo tempo que se tornam um pretexto para ampliar a exploração capitalista do trabalho remunerado das mulheres” (Biroli, 2016, v. 59, p. 726). Assim, a mãe assume inúmeras responsabilidades, enquanto com o pai, eles ficam apenas entretidos, visto que, essas atribuições são dadas por meio de referências a características corporais e, portanto, por meio dessas referências e a supostas certezas biológicas. Esses discursos estão presentes:

[...] nas justificativas que romantizam os papéis, como no caso da ideologia maternalista – as mulheres cuidariam mais das crianças porque possuiriam tendências naturais para tal cuidado e não porque os homens são socialmente liberados dessa função. Está presente, também, na subalternização que é característica das ideologias racistas – as mulheres negras realizariam o trabalho remunerado de limpeza porque esta ocupação estaria de acordo com suas capacidades enquanto mulheres negras (Biroli, 2016, p. 738).

Nesse contexto, tanto a presença dos homens em ambas as turmas quanto às ausências delas diante dessas situações evidenciam a construção de um papel de cuidado atribuído à mulher que se dá através de imaginários construídos para elas pela ideologia dominante. Dessa forma, ao estarem presentes em sala de aula, os corpos das alunas resistem a essas imposições, pois ainda em silêncio produzem sentidos. Assim, ao se fazerem presentes em aula, esses corpos comunicam que é um direito dessas mulheres frequentar a universidade e estudar o que desejam, independentemente das dificuldades impostas a elas.

Dessa forma, a partir das materialidades encontradas durante as entrevistas, os questionários e as observações em sala de aula, construímos um *corpus* discursivo para analisar os discursos das mulheres na universidade, com base nos relatos fornecidos pelas alunas e dados coletados sobre a turma. Desse modo, na próxima etapa, continuaremos a análise, focando nos discursos produzidos pelas alunas de ambas as turmas, através de recortes das entrevistas, com o intuito de compreender os efeitos de sentidos produzidos pelos seus discursos.

## 5.1 O silêncio das mulheres em sala de aula e as masculinidades em evidência

A sala de aula é um espaço de aprendizagem e interação entre professores e alunos. Esse espaço desempenha um papel crucial no processo educacional, proporcionando o estímulo do pensamento crítico e muitas vezes até mesmo o autoconhecimento, já que é onde ocorrem as atividades educativas, as discussões, apresentações e avaliações. No entanto, nela também se constitui um cenário de enfrentamento e resistência para as mulheres, especialmente, para aquelas que enfrentam uma dupla jornada de trabalho, as que são mães, as mulheres negras, as pardas ou que as que não se alinham aos padrões previamente estabelecidos pela sociedade.

Nesse sentido, para iniciarmos as análises dos recortes das entrevistas, iniciamos, então, com a SD 1 retirada da entrevista realizada com uma estudante de Engenharia da Computação. Nessa ocasião, ela compartilha sua experiência ao ingressar no curso e se deparar com uma turma em que a presença masculina era mais expressiva que a feminina na sala de aula.

### SD 1

*A: “Assim, no início, parecia que era muita coisa da minha cabeça porque só tinha eu de menina e eu não me sentia muito bem ali, estavam chamando as pessoas ainda no processo seletivo. Então eu fiquei bem quietinha na minha esperando alguém entrar e o meu amigo do IFSUL conseguiu entrar. Ai quando ele entrou eu fiquei mais tranquila, ai pensei “agora não preciso mais”, enfim, foi muito bom.”*

Nessa SD, a estudante expressa uma preocupação evidente por ser a única mulher na sala de aula nas primeiras semanas de aula. Entretanto, ela relata uma expectativa de que outras mulheres se juntassem à turma. Apesar disso, a aluna demonstra em seu discurso um desconforto ao interagir com os colegas nesse período inicial. Essa hesitação fica clara quando a aluna menciona que permaneceu "quietinha", aguardando a entrada de uma nova colega, considerando esse "alguém" como a representação de uma figura feminina.

Ao estar na expectativa de que houvesse outras mulheres, ficar em silêncio nesse espaço foi a saída que ela encontrou para não ser notada na turma como uma mulher. Nesse caso, a presença de outros corpos femininos torna-se crucial para que as mulheres que já estão no curso se mantenham na universidade e percebam esse espaço como sendo possível de ser ocupados por elas, visto que, passa a ser intimidador para uma mulher ocupar um espaço majoritariamente masculino, pois, nesse contexto, se “de um lado, a voz masculina representa uma atividade viril e de coragem, por outro lado, a voz feminina representa uma atividade passiva e fadada ao silêncio (Schwuchow, 2023, p. 160). Desse modo, isso ocorre porque há uma ideologia dominante que produz o imaginário de que a engenharia é exclusivamente destinada aos homens. Assim, quando mulheres estão presentes, suas opiniões são valorizadas apenas quando respaldadas por uma figura masculina, fazendo com que elas se sintam deslocadas no espaço de sala de aula. Essas determinações se dão através de um:

[...] jogo especular das formações imaginárias, das projeções antecipadas que demandam diversos modos de estar no mundo, ser reconhecido e se reconhecer em relação ao funcionamento social e histórico das masculinidades e das feminilidades, em toda sua equivocidade, faz parte do processo de constituição do sujeito do discurso (Fontana; Ferrari, 2017, p. 14).

Dessa forma, permanecer nesse ambiente é desafiador para as mulheres devido à predominância masculina e por ser um corpo feminino em um espaço hegemonicamente masculino. Assim, a identificação de outros corpos femininos é necessária, mesmo que elas não formem duplas e não façam as atividades juntas em sala de aula.

Ao final dessa SD, ela expressa alívio por encontrar um ex-colega do curso técnico, deixando de lado a oportunidade de se aproximar de outras mulheres. Isso evidencia que, ao contar com o apoio de um homem, ela se sentiu segura para permanecer em sala de aula e prosseguir no curso. Nesse caso, ao invés de se agruparem, as alunas dessa turma, buscam a companhia de homens como uma espécie de “proteção”, colegas e professores, pois embora haja professoras mulheres, preferem ser orientadas por professores homens, o que reforça nosso entendimento de que se trata de uma forma de obter validação masculina e assim aspirar a serem "como eles": profissionais competentes. Da mesma forma, na SD 2 outra aluna da mesma turma, acaba se juntando a um homem pela falta de receptividade das outras mulheres.

## SD 2

*B: “Quando cheguei, (eu entrei na segunda chamada), eu procurei primeiro se tinha mulher por curiosidade, éramos 4. Eu olhei para uma, nem me olhou. Tentando, porque a gente já chegou nos laboratórios tendo que sentar com outra pessoa. E aí eu pensei “o que eu vou fazer, eu não conheço ninguém”, aí eu pedi licença para um menino e perguntei se eu podia sentar ao lado dele.”*

Na SD 2, a aluna revela que tentou estabelecer interação com outras mulheres, mas não recebeu reciprocidade por parte delas. Diante disso, passou a investir na companhia masculinas. Isso evidencia que, apesar de considerarem confortável a presença de outras mulheres nesses ambientes, elas não se apoiam mutuamente, o que revela uma constante distância entre elas. Esse distanciamento parece estar relacionado ao receio de que a companhia de outra mulher possa depreciar seus trabalhos e atividades ou medo de serem desconsideradas por não estar em dupla com alguém com potencial de ser ouvido. Isso acontece porque elas ainda “estão diante do ataque de um discurso estereotipado que deslegitima sua voz - compartilham de uma política histórica de silenciamento e de interdição” (Schwuchow, 2023, p. 160), que se reproduz dentro da academia e que as impede de se sentirem confortáveis nesse espaço.

A iniciativa da estudante em estabelecer vínculos com outras mulheres sugere que, neste caso, ela só buscou interação com um colega do sexo masculino devido ao sentimento de isolamento, comum quando as mulheres são minoria em um ambiente predominantemente masculino. Esse isolamento pode resultar na ausência de redes de apoio e solidariedade entre as

mulheres, contribuindo para a perpetuação de estereótipos de gênero em contextos onde os homens predominam. Essa dinâmica também pode afetar as relações entre as mulheres, levando algumas a sentir a necessidade de se conformar a padrões tradicionalmente associados ao masculino para serem aceitas, visto que, nessa perspectiva, elas passam a ser consideradas como “seres incompletos” no sentido de que são excluídas de possuir certas esferas de subjetividade reconhecidas, a saber: a política, social e individual” (Kilomba, 2019, p. 81). Dessa forma, elas buscam a presença masculina por estar associada a um senso de prestígio, fazendo com que a imagem dessas mulheres seja associada à dos homens, como se elas precisassem estar acompanhadas deles para existir nesse espaço.

## **5.2 O mercado de trabalho e os estereótipos de gênero**

A ideologia patriarcal que determina a subjetivação por gênero muitas vezes leva a uma divisão desigual de responsabilidades domésticas e de cuidados, o que pode impactar a capacidade das mulheres de dedicarem tempo e energia ao trabalho remunerado. O patriarcado, como estrutura política, implica em uma configuração em que o trabalho das mulheres é explorado pelos homens, através de um sistema capitalista, que historicamente atribui às mulheres papéis específicos no âmbito doméstico e na reprodução, enquanto reservava para os homens os papéis dominantes na esfera produtiva. Nesse caso, essas divisões são determinadas por um complexo desigual, contraditório e sobredeterminado, que dependem de ideologias práticas, inscritas na luta de classes própria ao modo de produção capitalista. Dessa forma, esse efeito de divisão que se dá em classes é próprio ao modo de produção capitalista e aparece como tal ao nível das ideologias práticas, nas quais se encontra representada a “relação imaginária” dos indivíduos com suas condições “reais” de existência (Pêcheux, 1995). No centro dessa questão, portanto, está:

A divisão sexual do trabalho está ancorada na naturalização de relações de autoridade e subordinação, que são apresentadas como fundadas na biologia e/ou justificadas racialmente. Em conjunto, restrições que se definem pelo gênero, pela raça e pela classe social conformam as escolhas, impõem desigualmente as responsabilidades e incitam a determinadas ocupações enquanto bloqueiam ou dificultam o acesso a outras (Biroli, 2016, v. 59, p. 737).

Essa divisão muitas vezes resulta em papéis de gênero estereotipados, nos quais certas atividades são associadas predominantemente a homens e mulheres. E, essa distribuição desigual de trabalho pode ocorrer tanto no âmbito doméstico quanto no contexto profissional, visto que, historicamente, a divisão sexual do trabalho tem sido influenciada por normas culturais, expectativas sociais e estruturas patriarcais. No âmbito doméstico, as mulheres frequentemente são encarregadas das tarefas relacionadas ao cuidado dos filhos, à manutenção da casa e à preparação de alimentos, enquanto os homens são esperados para assumir funções mais voltadas para o trabalho remunerado fora de casa. E esses mecanismos de produção de discursos reforçam as crenças sobre as mulheres, “dando-lhes uma formulação própria, inscrevendo, dessa forma, seu

discurso na repetibilidade” (Indursky, 2003, v. 17, p. 102). No contexto profissional, certas profissões e setores também foram historicamente dominados por homens, enquanto outras eram consideradas mais apropriadas para mulheres, como a função de limpeza, secretariado, ensino ou as funções mais técnicas e de liderança que sempre foram destinadas aos homens. Nesse sentido, a divisão sexual do trabalho e o fato de que tenha um “impacto muito distinto nos dois grupos (ou classes) que são, assim, produzidos: as mulheres, que têm sua força de trabalho apropriada, e os homens, que se beneficiam coletivamente desse sistema” (Biroli, 2016, p. 726), pois chegam em casa e têm suas refeições preparadas, cama e roupas limpas, casa organizada, enquanto eles apenas descansam para estarem preparados para trabalhar mais no dia seguinte.

Além dessa distinção dos sexos, há uma distinção de classes, visto que as mulheres da burguesia, muitas vezes, não se encarregam das mesmas responsabilidades domésticas e nem da criação dos filhos, uma dinâmica que também está intrinsecamente relacionada à questão social. Assim, há uma impressão de ter o controle das próprias decisões que, por fim, é determinada por uma ideologia dominante, que dá autoridade aos homens como pai e esposo que domina a célula familiar (Badinter, 2018), e a mulher automaticamente assume as funções atribuídas a elas. No entanto, essa divisão de responsabilidades é mais comumente observada entre os grupos subalternos e a classe trabalhadora, já que é nas classes sociais economicamente desfavorecidas que encontraremos os reflexos de uma estrutura, na qual as funções laborais são frequentemente segregadas com base no gênero, raça e classe.

Nesse sentido, na SD 3, outra estudante de Engenharia de Computação responde a uma pergunta que aborda a ascensão das mulheres no mercado de trabalho, levando em consideração sua área de atuação atual, como estudante de engenharia. Contudo, ela apresenta informações que revelam suas crenças sobre a contratação e participação das mulheres nas empresas.

### **SD 3**

*C: “Essa questão da ascensão acho que tem a ver com a competência também, porque se for uma pessoa competente que eles estão procurando, vai ter uma mulher competente ali entre as opções e pelo fato dele, talvez ter mais, o tempo entre aspas, não é porque é a mulher, talvez ele consiga progredir mais, ele consiga dar mais para a empresa, produzir mais.”*

Nesse caso, ao afirmar que a progressão das mulheres está inteiramente ligada à sua própria competência, a aluna ignora a existência de uma questão de gênero nas escolhas feitas pelas empresas durante o processo de contratação, desde a análise de currículos até nas entrevistas, nas quais as mulheres são questionadas sobre a sua vida pessoal para garantir que terão tempo disponível para a empresa. Questão que ela traz à tona quando fala “talvez ele consiga progredir mais, ele consiga dar mais para a empresa, produzir mais” e de novo ela aponta que não se trata de uma questão de gênero quando diz “não é porque é a mulher”. Sempre justificando o porquê das mulheres não serem tão inseridas no mercado de trabalho. E essa “determinação ideológica

garante, no entanto, que se inculque no sujeito a aparente independência de amarras ideológicas” (Vinhass, 2019, p. 78), fazendo com que ele se apoie a uma falsa liberdade.

Podemos considerar, portanto, que, ao explorar a noção de competência durante a entrevista, ela se posiciona em um discurso da meritocracia, sugerindo que toda a responsabilidade repousa sobre ela, sendo submetida a essa perspectiva no âmbito do trabalho reprodutivo. Ainda assim, ela continua a sustentar a ideia de que as mulheres também podem ser contratadas com a mesma frequência que os homens, sem considerar a sobrecarga de trabalho enfrentada por elas, com base no conceito de "competência". Assim, ela se submete à ideologia patriarcal, "livremente se assujeitando" (Pêcheux, 1995), mesmo que tenha a impressão de ser dona do próprio dizer, pois há uma ilusão de liberdade do sujeito, que acredita poder escolher suas ações, o que acaba por conduzi-lo de maneira mais livre, porém inconscientemente, ao assujeitamento à ideologia. E assim, ela reproduz discursos que resultam em “uma forma de tornar invisíveis as experiências de outras mulheres e as relações de poder que as diferenciam” (Biroli, 2016, v. 59, p. 733).

Essa busca incessante pela perfeição, ao mencionar o conceito de “competência” pode ser uma manifestação da tentativa de atender a essas expectativas autoimpostas, como se estivessem constantemente buscando aprovação ou validação, mesmo que essa fonte de exigência pareça vir dela mesma. Esse comportamento, por vezes, pode ter raízes profundas em experiências passadas, influências familiares ou sociais, moldando a “percepção individual” a partir da interpelação ideológica desses imaginários que a afetam inconscientemente, sobre o que é ser competente e bem-sucedido, visto que, essa autoexigência pode impactar a saúde mental, tornando-se uma fonte de pressão constante, gerando estresse e até mesmo prejudicando o bem-estar das mulheres.

Dessa forma, os aspectos apontados por ela estão ligados ao perfil masculinizado da turma, como se para ser uma engenharia ela dependesse de atributos da masculinidade, ou melhor, que são tidos como masculinos. Então, há uma identificação com o imaginário de profissional cujo os atributos são masculinos, já que a “competência” é percebida por ela como um atributo associado à masculinidade, como se, ao demonstrar competência, ela estaria sendo tão proficiente quanto os homens nessa área, já que será a classe dominante, ou aqueles que aspiram ao domínio, que pressupõem uma personalidade “humana natural” , a partir de um perfil desejado para o curso, de modo a eternizar o poder que é “criado” sobre as mulheres (Federici, 2019).

Com base nisso, são definidos padrões para que as mulheres cumpram os requisitos desejados na área, o que faz com que as elas enfrentem a constante necessidade de se adequar aos requisitos do mercado exigidos pelo curso para se sentirem competentes, o que, por vezes, resulta na manutenção do controle sobre seus corpos e sexualidade, que se manifesta em diversas formas, como quando elas são silenciadas por homens dentro da sala de aula, quando as necessidades das alunas que são mães são deixadas de lado, e até mesmo quando essas mesmas alunas não são selecionadas em uma seleção de bolsa, o que reflete as condições dessas mulheres no mercado de

trabalho e impactam no desempenho delas como estudantes. Isso leva as mulheres a duvidarem de sua competência, uma vez que se veem incapazes de alcançar esses padrões ou realizar as mesmas tarefas que são esperadas dos homens, pois esses discursos perpetuam a ideia de que tanto a universidade quanto a área da engenharia, de modo geral, não constituem um ambiente ideal para as mulheres. Do mesmo modo, ocorre na SD a seguir, a mesma entrevistada relata que, ao ingressar no curso, desenvolveu grande admiração por um professor do curso de Engenharia de Computação devido à sua exigência no campo.

#### SD 4

*B: “E eu disse pro meu namorado ‘eu vou trabalhar com o professor X, eu vou fazer alguma extensão, uma coisa com ele, azar’ e ele disse ‘tu tá louca’. E respondi que sou é muito esperta, vai ser muito bom para mim porque se eu conseguir atender aos quesitos dele, eu vou conseguir atender os requisitos de qualquer pessoa, era isso que eu pensava. “*

E aqui ela aponta o homem em uma escala de sucesso, sugerindo que ao atender às críticas de um professor rigoroso, ou mais precisamente, aos critérios estabelecidos por essa figura masculina, ela poderia conquistar o reconhecimento de seus colegas na área e mais adiante conquistar uma boa vaga de emprego. Isso acontece devido à sensação de intimidação experimentada pelos estudantes do curso, resultante da extrema exigência manifestada pelo professor em sua abordagem. Nesse caso, parece haver uma "imagem de eficiência" associada ao professor, de modo que fazer parte de seu projeto é percebido como um passo em direção ao sucesso. Dessa maneira, os corpos das mulheres passam a ser percebidos não apenas pela companhia masculina, mas também pela validação concedida por um professor do sexo masculino. Esses discursos acontecem devido à necessidade de aprovação dessas mulheres pelos homens, que acabam, por fim, determinando o que pertence ou não ao universo das mulheres. E, é nessas diferenças que se definiriam:

[...] o feminino e o masculino de maneira dual, embora sejam codificadas como algo que corresponderia ao sexo biológico, decorrem da atribuição distinta de habilidades, tarefas e alternativas na construção das suas vidas para mulheres e homens. Essas diferenças, que presumem normas masculinas, são mobilizadas para justificar as desvantagens econômicas das mulheres (Biroli, 2016, v. 59, p. 731).

Essas normas se repetem constantemente e se reproduzem através dos aparelhos ideológicos, principalmente, o da família, pois envolve lugares de afeto que transmitem valores e crenças sobre os sujeitos. Por isso, a interpelação da ideologia patriarcal acaba por afetar o sujeito-mulher de maneira mais significativa, uma vez que confunde submissão com proteção e afeto, o que também se reflete em outros vínculos afetivos, como os casamentos, já que no contrato é apresentada uma série de promessas e assinaturas que garantem que esses juramentos sejam cumpridos.

Firmado o contrato, estabelece-se uma nova relação na qual cada parte se posiciona em face da outra. A parte que oferece proteção é autorizada a determinar a forma como a outra cumprirá sua função no contrato. A paternidade impõe a maternidade. O direito sexual ou conjugal estabelece-se antes do direito de paternidade. O poder político do homem assenta-se no direito sexual ou conjugal. Assim, a autoridade política do homem já está garantida bem antes de ele se transformar em pai (Saffioti, 2015, p. 137).

Essas garantias asseguram a posse dos homens sobre os corpos das mulheres como uma forma de captura, no qual, esse documento confirma os seus direitos como homem diante da sociedade civil, estruturando também o espaço do trabalho. O corpo, portanto, é moldado pelas concepções de uma determinada sociedade, transformando-se à medida que o contexto sofre alterações. Nesse caso, o trabalho reprodutivo aliena, resultando na falta de consciência tanto sobre a natureza do trabalho quanto sobre os desejos envolvidos. Trata-se de uma “experiência mecânica alienante realizada sob um comando direto, sendo tão vigiada, medida e quantificada em sua capacidade de produção de valor quanto qualquer forma de trabalho físico” (Federici, 2019, p. 349). E a ausência dessa consciência contribui para a compreensão de que os homens são mais eficientes em contextos de trabalho remunerado e/ou de prestígio, uma vez que o trabalho reprodutivo, muitas vezes, permanece invisível e subestimado. Ao mesmo tempo, esses discursos surgem, também, através dos relacionamentos, como mostra a sequência discursiva abaixo, na qual uma aluna da Engenharia de Computação relata como foi a reação do namorado dela ao ser comunicado que ela pretendia ingressar na engenharia.

#### **SD 5**

*B: E ele riu quando eu decidi entrar; e falou assim: “Cara, eu nunca te imaginei na computação. Não olho para ti e vejo isso”. E eu pensei realmente, eu não acho que eu tenha muito a ver com o estereótipo e eu achei que não ia ter espaço para mim por causa disso.*

Nessa SD, a entrevistada relata uma experiência em que comunicou ao namorado, que é aluno do curso de Engenharia de Computação, o seu interesse em ingressar na mesma área. No entanto, a reação dele, ao expressar que nunca a imaginou como aluna do curso, evidencia a imagem que ele tem das mulheres que escolhem seguir nesta área, sugerindo que esse caminho não era o mais apropriado para ela, considerando seu perfil mais extrovertido, que a distingue das demais mulheres na área de computação que buscam manter um comportamento mais reservado. Esses estereótipos podem afetar como as mulheres percebem sua competência e adequação para funções específicas, visto que elas são afetadas inconscientemente por esses imaginários construídos para elas, ao passo que também faz com que as mulheres se sintam inseguras e questionem a sua “competência” nessa área com relação aos homens. E o que “oculta essa evidência, como vemos agora, é o ato de que o sujeito é ‘um indivíduo interpelado em sujeito’” (Pêcheux, 1995, p. 155) pela ideologia. Por esse motivo, a aluna não percebe que o seu namorado assume um discurso machista que exclui as mulheres das áreas de exatas. Nesse contexto, trata-se, nesse caso de uma memória discursiva que:

[...] fornece-impõe a "realidade" e seu "sentido" sob a forma da universalidade (o "mundo das coisas"), ao passo que a "articulação" constitui o sujeito em relação com o sentido, de modo que ela representa, no interdiscurso, aquilo que determina a dominação da forma-sujeito Pêcheux, 1995, p. 164).

Dessa forma, essa memória retoma no interior de uma FD machista os significados atribuídos às mulheres por meio da imagem que é delineada para elas através de discursos que são retomados no interdiscurso, assim, os sentidos são determinados pelas posições ideológicas que estão:

[...] em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). Poderíamos assumir essa tese dizendo: as palavras, expressões, proposições, etc., sustentadas por aqueles que a empregam (Pêcheux, p. 160).

Isso significa que os sentidos produzidos pelo sujeito, ou ainda suas percepções sobre competência, são determinados em relação a essas posições, isto é, em consonância com as formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem, construindo a forma-sujeito da mulher, “pela qual o ‘sujeito do discurso’ se identifica com a formação discursiva que o constitui” (Pêcheux, 1995, p. 167), induzindo as mulheres a acreditar que determinados espaços seriam seus destinos, enquanto em outros não. Essas representações refletem as construções que os parceiros têm das mulheres com as quais se relacionam, visto que, ao dizer “Não olho para ti e vejo isso”, ele sugere que o que ele percebe como a esfera de atuação dela não se alinha de maneira alguma com o campo em questão. E, este discurso, reforça a concepção de que o campo da engenharia não é adequado para mulheres, pois as características como comunicação e a capacidade de se expressar com desenvoltura presentes em seu perfil, não seriam consideradas aceitáveis nesse contexto, mas sim em áreas tradicionalmente associadas ao gênero feminino, e que envolvem a compreensão das relações humanas, como Direito e Psicologia, e as que apresentam expressões artísticas, como Letras e Artes. Nesse caso, há uma semelhança à postura paternal ao externar o que pensam sobre as mulheres, e estas pouco conseguem se colocar no mundo de forma genuína, devido aos diversos papéis predefinidos que lhes são impostos, como é mostrado na SD a seguir.

#### SD 6

*D: Eu não tenho nenhuma inspiração feminina e um pouco foi porque o meu pai é técnico de informática e me levou para esse caminho e acabei gostando porque sempre tive facilidade. Não tenho um ícone assim, alguma coisa, mas agora que a gente tá estudando no curso eu vi que teve várias influências femininas que foram muito importantes para tudo.*

Na SD 6, a estudante diz que não encontrou mulheres na área para se inspirar e que a única pessoa que despertou o interesse dela pela área foi o próprio pai, já que este desempenha um papel significativo em sua vida, oferecendo apoio emocional, orientação e suporte. Essa relação pode desempenhar um papel crucial na construção da autoestima, fornecendo modelos de comportamento e contribuindo para a formação de valores e identidade, já que a referência de

profissional da área é masculina, e sendo este o pai que também produz uma relação de afeto com essa posição. Dessa forma, Biroli afirma que “há mais do que a dependência das mulheres em relação a homens específicos alimentando esses circuitos. A ‘ideologia da dependência emocional, física e ‘moral’” (2016, p. 730), que também aparece não só na fala dessas alunas, mas de outras também que dizem não ter uma mulher como referência. Ao final, a entrevistada comunica que se deparou com influências femininas ao ingressar no curso, o que reforça a falta de contato com referências femininas da área e que os professores do curso reconhecem essa ausência de representatividade. Neste cenário, o poder é percebido como masculino, o que resulta na falta de audibilidade das mulheres, levando a empatia e a compaixão a se tornarem práticas derivadas da habilidade de dedicar atenção às pessoas. Dessa maneira, as dinâmicas de poder se estruturam de modo que muitas mulheres não se atentem umas às outras, especialmente considerando que os detentores de poder frequentemente exibem comportamentos antissociais neste contexto. Consequentemente, os homens são admirados não só por sua independência e mérito, mas também devido aos discursos que perpetuam essas crenças, advindas de um discurso dominante em relação às mulheres. Assim, a voz do sujeito-mulher é tido como “in-audível, aquilo que não se consegue escutar porque requer furos nos determinismos e porque faz ressoar a voz da ideologia dominada” (Schwuchow, 2023, p. 159).

A ausência de mulheres em papéis de destaque, tanto no meio acadêmico quanto em outros setores da sociedade, tem implicações significativas para o desenvolvimento e o progresso das estudantes. Quando não há representação feminina em posições de liderança, as estudantes podem enfrentar dificuldades em encontrar mentores e modelos de referência que compartilhem experiências semelhantes e ofereçam orientação. Nesse caso, a presença de modelos de referência desempenha um papel crucial no desenvolvimento profissional e pessoal das estudantes, já que a presença de mulheres, em especial, “de mulheres negras em espaços dominados por pessoas brancas é uma forma de inspirar e empoderar meninas mais novas” (Alencar, 2020, p. 43) e mulheres de todas as idades. Essas figuras não apenas oferecem inspiração, mas também fornecem orientação prática sobre como superar desafios e alcançar o sucesso em suas respectivas áreas, sem pensar nas eventualidades que podem atingir as mulheres nessa área. Se as mulheres não ocupam papéis de destaque no corpo docente ou demais áreas em comum, as estudantes podem sentir uma falta de representação e, conseqüentemente, podem enfrentar dificuldades em visualizar suas próprias trajetórias de carreira, considerando que, ao longo da história, a educação destinada às mulheres foi concebida com foco na subalternidade, e isso leva-as a imaginar que os homens detêm mais conhecimento, pois não foram concebidas historicamente como cientistas tal como os homens. Esse imaginário evidencia uma relação histórica e estrutural que vai além da dinâmica específica do curso.

Dessa forma, diferentemente do curso de Letras, a falta de modelos femininos em posições de influência na Engenharia de Computação pode contribuir para a perpetuação de estereótipos de gênero, reforçando a ideia de que certos campos ou níveis de liderança são mais apropriados para homens. Isso pode criar barreiras psicológicas e sociais para as estudantes que buscam progredir em suas carreiras. Principalmente, quando as mulheres do curso não tomam iniciativa para incluir umas às outras. Portanto, a necessidade desse acolhimento é evidente, considerando a série de preconceitos enfrentados pelas mulheres, seja por questões de gênero, cor ou até mesmo quando relacionados à maternidade.

### **5.3 A produção de sentidos sobre a maternidade**

As discussões em torno da maternidade vem se tornando cada vez mais necessárias na universidade, já que as mulheres são, muitas vezes, excluídas de processos seletivos nos quais se dá preferência aos homens, uma vez que esses estereótipos de gênero podem influenciar a dinâmica no ambiente de trabalho, levando a suposições equivocadas sobre a dedicação e comprometimento das mães com suas carreiras, além de outras questões que também foram encontradas durante as entrevistas. Nesse caso, esse tema aparece na SD 7, na qual uma das alunas de Engenharia de Computação fala sobre a sua situação e os percalços de uma mãe ao tentar se inserir no mercado de trabalho.

#### **SD 7**

*C: Mas não fiz [não continuou a carreira] também porque por ter as crianças, então eu optei por ficar com elas em casa para dar esse suporte ao invés de contratar uma pessoa para ficar com elas. Me arrependo disso. É claro que lamento a questão de ter saído do mercado de trabalho e agora essa dificuldade de voltar, mas uma coisa que talvez eu, eu podia ter feito, mas não fiz, é um curso de Letras, por exemplo, inglês ou espanhol para agregar, porque eu eliminaria algumas disciplinas que eu já cursei.*

Em um primeiro momento, ela diz que não seguiu sua carreira como professora de Português para poder cuidar dos filhos, afirmando que foi uma escolha quando ela diz “então eu optei por ficar com elas em casa para dar esse suporte”. No entanto, a divisão sexual do trabalho é intrinsecamente estruturante, isso porque não se trata apenas da expressão das escolhas individuais de mulheres e homens, mas sim da formação de estruturas que são acionadas pela distribuição desigual de responsabilidades no trabalho doméstico, e que estabelecem condições propícias à sua perpetuação, através do controle dos corpos das mulheres para a garantia da reprodução desses papéis, “como uma estratégia do capitalismo para a manutenção do trabalho reprodutivo, relevante para a produção de baixo custo para o funcionamento do mercado” (SCHWUCHOW, 2023, p. 180). Essas estruturas constituem as possibilidades de ação ao restringir as alternativas, promovendo avaliações que são apresentadas como fundamentadas na suposta natureza (como aptidões e tendências consideradas naturais para mulheres e homens), fundamentando formas de

organização da vida que, ao se apresentarem como naturais ou indispensáveis, alimentam essas mesmas estruturas, assegurando, assim, a sua reprodução (Biroli, 2016, v. 59). Assim, essas narrativas tornam esses discursos como algo natural, baseando-se em representações “que não correspondem à realidade, portanto que constituem uma ilusão” (Althusser, 1971, p. 78). Isso faz com que as mulheres passem a se questionar se têm ou não o direito de estar em determinados locais. Dessa forma, podemos dizer, que não é algo do indivíduo, pois o sujeito discursivo e social é interpelado ideologicamente, segundo Pêcheux (1995), e portanto, essas escolhas não estão apartadas da ideologia que determina os modos de subjetivação em nossa sociedade.

Nesse contexto, surge uma representação idealizada da mulher, moldada por uma ideologia predominante que lhes impõe responsabilidades. Essa imposição cria uma pressão sobre as mulheres que não é gerada internamente, já que não vem do sujeito, e sim do *outro*. E essas construções sobre o gênero na divisão sexual do trabalho se desenvolvem tanto material quanto ideologicamente e, tendo esses dois aspectos interligados, é que se delineiam o entendimento de que há um controle sobre as opções apresentadas, o que, muitas vezes, gera restrições e mais desafios para as mulheres. E, é “nessas duas dimensões, conectadas, que as alternativas, os incentivos, os constrangimentos e os riscos se definem” (Biroli, 2016, p. 730). Nesse caso, podemos dizer que:

Há diferentes situações de vulnerabilidade pelas quais as mulheres passam; na maioria das vezes são mulheres desamparadas pela família e pelo Estado, desafiadas a terem uma vida “normal”, mas na condição de chefes de família sem apoio de uma rede afetiva emocional (Vinhas, 2021, p. 80).

Nesse caso, ao ingressarem em uma universidade, as mulheres se deparam com desafios para se manter na instituição devido às numerosas responsabilidades, a partir das quais são forçadas a fazerem escolhas entre a carreira profissional e a vida familiar. Nesse sentido, após a entrevistada afirmar que foi uma escolha pessoal estar com os filhos, deixando de lado a carreira, ela dá outra resposta, na qual, ela afirma ter se arrependido de abandonar a carreira para atuar exclusivamente como mãe, já que enfrentou obstáculos ao retornar ao mercado de trabalho tardiamente como é mostrado no trecho a seguir: “É claro que lamento a questão de ter saído do mercado de trabalho e agora essa dificuldade de voltar”. Nesse trecho, ela expressa um certo pesar, tanto por ter deixado sua carreira de lado em determinado momento, como também por ter que abdicar do tempo dedicado à família para buscar novas oportunidades de estudo. Nesse caso, as expectativas sociais e culturais podem exercer pressão sobre as mulheres, levando-as a priorizarem a vida familiar em detrimento da carreira e vice-versa. Esse dilema pode resultar em escolhas restritas e, frequentemente, acarretar penalidades profissionais, como a possibilidade de não ser contratada por ser mulher ou por ser mãe, por isso ficou afastada do mercado de trabalho por um período significativo. Aqui temos uma FD dominante que posiciona a mulher no âmbito da vida privada e no lar. Assim, ao mesmo tempo em que ela resiste a essa concepção ao destacar a

importância de estudar, ter uma carreira e um emprego, ela também se identifica com o ideal tradicional atribuído às mulheres como mães, responsáveis pelos cuidados dos familiares e dos filhos.

Assim, ampliamos a ideia de que a presença de mães na universidade é uma realidade que reflete a diversidade de trajetórias e desafios enfrentados pelas mulheres que decidem prosseguir com seus estudos enquanto desempenham o papel de mães, pois elas tentam, frequentemente, equilibrar as demandas acadêmicas com as responsabilidades parentais. Essa necessidade de equilibrar as atividades é um desafio que reflete o anseio do sujeito, baseado no ideal “eu” ou ainda na forma-sujeito mãe como cuidadora ideal, sempre presente e sem falhas, assim como pela figura profissional dedicada que realiza tudo de maneira exemplar. No entanto, nem sempre é viável alcançar um equilíbrio perfeito entre esses ideais, já que essa mesma dinâmica, de “responsabilização desigual e restrições no acesso a tempo, sobretudo quando as mulheres têm filhos pequenos, constrange e orienta sua presença no mercado de trabalho e seu acesso a *renda*” (Biroli, 2016, v. 59, p. 743). Assim, as mulheres passam a ser obrigadas a gerenciar mais seus horários, cuidar das crianças e cumprir obrigações acadêmicas, o que pode ser um desafio considerável, como a aluna do curso de Letras traz em seu relato na SD 8:

#### **SD 8**

*E: E eu vejo isso porque eu sou mãe, então eu sei que, às vezes, eu tenho que dizer para minha orientadora: “olha, não consigo nesse horário porque eu tenho que buscar o meu filho na escola, eu vou ficar na reunião até tal hora. Tenho que sair 15 minutos antes porque eu tenho que buscar meu filho na escola e nesse dia o meu marido não pode buscar porque tem outras coisas”. E esta dor ela acolhe bem.*

Através dessa SD, temos o relato de outra aluna que assume a posição-sujeito mãe, trabalhadora e estudante, e que enfrenta algumas condições para poder estar no espaço de sala de aula, no qual, ela apresenta um conflito ao precisar lidar com as atividades acadêmicas e com as tarefas de cuidado. No entanto, nesse caso, ela apresenta outro ponto de vista com relação à realidade das mulheres em sala de aula, pois, apesar dela ter uma dupla jornada de trabalho, há sororidade entre as mulheres da turma, onde mães e não mães oferecem apoio mútuo e empatia, se mostrando solidárias à compreensão das dificuldades, o que resulta em um ambiente acolhedor. Principalmente, quando ela relata que sente a liberdade de compartilhar com a própria orientadora que vai se atrasar em alguma reunião porque ela sente que sua professora compreende sua situação, possivelmente, pelo fato de ambas serem mulheres. E essa forte representatividade das mulheres no curso de Letras encoraja as alunas a se posicionarem e a comunicar quando precisam dar uma atenção aos filhos, pois essa dupla jornada de trabalho não é vista como falta de comprometimento ou desculpa da aluna.

Quando ela diz “E esta dor ela acolhe bem”, ela nos leva a entender que a professora entende bem pelo fato dela também ser mulher, e por isso, ela compreende as dificuldades da aluna. A palavra “dor” está associada ao sofrimento, angústia ou aflição emocional. Além disso, pode ser associada, nesse caso, a experiências que causam desconforto e que são vividas pelas mulheres, como ter que se explicar toda vez que precisa se ausentar para atender a família ou lidar com uma rotina dupla de trabalho. Esses questionamentos frequentes feitos às mulheres evidenciam o fato de que a divisão sexual do trabalho tem caráter estruturante, pois não se trata da:

[...] expressão das escolhas de mulheres e homens, mas constitui estruturas que são ativadas pela responsabilização desigual de umas e outros pelo trabalho doméstico, definindo condições favoráveis à sua reprodução. Essas estruturas constituem as possibilidades de ação, na medida em que constroem as alternativas, incitam julgamentos que são apresentados como baseados na natureza (em aptidões e tendências que seriam naturais a mulheres e homens) e fundamentam formas de organização da vida que, apresentando-se como naturais ou necessárias, alimentam essas mesmas estruturas, garantindo assim sua reprodução (Biroli, 2016, p. 739).

Esses julgamentos muitas vezes se manifestam em avaliações negativas, questionando a capacidade das mães de se dedicarem totalmente ao trabalho devido às responsabilidades parentais. E esses estereótipos de gênero persistentes influenciam a interpretação do outro através de um imaginário pré-concebido de maternidade criado para o sujeito-mulher, o qual impacta o ambiente profissional, como se elas não pudessem ser competentes em sua área de atuação.

Por outro lado, a palavra “acolhe”, refere-se ao ato de receber alguém de maneira calorosa, proporcionando um ambiente amigável e seguro, como a professora fez, sendo flexível aos possíveis ajustes nos encontros para orientação. Diferentemente, das alunas da turma de Engenharia de Computação, que não atribuem grande importância a essa forma de apoio, pois não consideram esse ato como uma "competência". Dessa forma, a autoexigência excessiva é percebida como um caminho para alcançar a excelência na qualificação, como se, inconscientemente, elas assumissem um perfil de um pai severo, adotando uma postura rigorosa consigo mesmas, assim, apresentando em suas referências uma base masculina, o que resulta em “uma identificação-interpelação do sujeito” (Pêcheux, 1995, p. 155), cuja origem está na ideologia dominante, como no caso da aluna com o professor na SD 4. Sendo assim, a presença das mulheres na universidade e, principalmente, em cargos de liderança, ressalta a relevância da equidade de gênero, pois, na medida em que mais mulheres entram nesse campo, tornam-se fontes de inspiração para outras que têm interesse em ciência, tecnologia e áreas afins.

#### **5.4 O fator cor como um indicativo de exclusão**

A exclusão das mulheres negras no Ensino Superior é uma preocupação significativa e multifacetada, já que reflete os desafios estruturais e sociais que afetam essa comunidade, tanto dentro quanto fora da universidade. Não apenas por serem mulheres, mas por serem mulheres

negras, que lutam constantemente contra o patriarcado e o racismo estrutural que constroem nossa formação social. Nesse caso, não podemos pensar em gênero, de forma individual, pois “o gênero não se configura de maneira independente em relação à raça e à classe social, nem é acessório relativamente a essas variáveis” (Biroli, 2016, v. 59, p. 720). Pensando nisso, trago a SD 9 para que possamos refletir de que forma essas desigualdades aparecem na universidade. Neste relato, a estudante do curso de Letras descreve uma situação que testemunhou entre um colega (um homem branco) e uma colega (uma mulher negra) em sala de aula.

### SD 9

*F: Ele falou para a minha colega assim: “como tu se sente estando aqui”, sendo que gente como a gente não estão aqui. Não é lugar da gente aqui.*

*Pergunta da entrevistadora: A gente quem?*

*A gente que tem a pele mais escura.*

No episódio relatado, a colega de classe da entrevistada é questionada por um colega do sexo masculino, que lhe faz a seguinte pergunta: “como tu se sente estando aqui”. Esse enunciado, ao ser proferido, sugere que aquele não seria um espaço apropriado para ela, ainda que não houvesse nenhuma razão para que ela não estivesse ali, tanto quanto ele no espaço de sala de aula. Esse cenário nos leva a questionar a razão da surpresa ao encontrá-la compartilhando o espaço com ele. Isso sugere que ele percebe esse ambiente como próprio para homens, o que o deixa confortável, refletindo a longa história em que os homens brancos desfrutaram de privilégios no acesso à educação e ao ensino público. A situação também torna visível a capacidade que os corpos brancos têm de se mover livremente nos espaços, o que “resulta do fato de eles estarem sempre no ‘lugar’- não na marcação da branquitude” (Kilombo, 2019, p. 62), como se houvesse sempre um lugar já definido para eles. Além disso, ao fazer essa pergunta, o homem demonstra curiosidade ao se deparar em sala de aula com uma mulher cujo o corpo apresenta características de uma mulher negra, visto que, que os corpos de pele mais escura são, historicamente, associados a ofícios de menor prestígio, como “serviços domésticos, cuidados de idosos, de crianças ou empregos em serviços de limpeza (Vérges, p. 77) e não a um curso que exige o Ensino Superior para atuar no mercado de trabalho. Nessa perspectiva, o corpo da mulher, em sua materialidade, desafia essas imposições ao reivindicar esse espaço que, aos olhos da sociedade, não é tradicionalmente reconhecido como seu. Isso ocorre porque “os sujeitos textualizam seu corpo pela maneira mesma como estão nele significados e se deslocam na sociedade e na história” (Orlandi, 2011, p. 87), assim como, o corpo dela que é significado na sociedade como um corpo feminino, mas também como um corpo de pele negra. Nesse caso, a autora Grada Kilomba, apresenta a concepção de que os:

Corpos negros são construídos como corpos impróprios, como corpos que estão “fora do lugar” e, por essa razão, corpos não podem pertencer. Corpos brancos, ao contrário, são construídos como próprios, são corpos que estão “no lugar”, em casa, corpos que sempre pertencem (Kilombo, 2019, p. 56).

Dessa forma, ao presumir que ela não deveria estar ali, ele revela em sua fala o próprio preconceito, visto que, o homem poderia ter questionado qualquer aluno, mas optou por abordar uma mulher negra, em um espaço de sala de aula, encurralando a colega e a diminuindo, já que, ao afirmar que ela poderia estar incomodada naquele espaço, ele indica que aquele não é o lugar para ela, enquanto sujeito-mulher negra. Esse discurso retoma na memória do dizer o fato de que muitas mulheres foram, historicamente, impedidas de ter acesso à educação por muito tempo. E, ao ter esse direito, enfrentam discursos que perpetuam a ideia de que as mulheres, especialmente as mulheres negras, não possuem um lugar na universidade, seja por meio de microagressões ou pela falta de políticas públicas de permanência estudantil. Isso destaca a persistência de desafios estruturais que afetam a plena participação e inclusão das mulheres, principalmente aquelas pertencentes a grupos historicamente marginalizados, no ambiente acadêmico. Isso acontece porque o sujeito:

[...] afetado pelo esquecimento, ao apropriar-se destes saberes, o faz a partir da ilusão de que tais saberes se originam nele mesmo, quando, de fato, eles representam já-ditos que foram produzidos em outros discursos, em outros lugares, os quais são retomados de sua dimensão vertical, de-sintagmatizada, deslinearizada e inscritos no discurso do sujeito que, ao deles se apropriar, dá-lhes uma dimensão horizontal, sintagmatizada, ou seja, o sujeito lineariza esses saberes, os enunciados, em seu discurso, dando-lhes uma formulação própria, inscrevendo, dessa forma, seu discurso na repetibilidade (Indursky, 2003, p. 102).

Nesse caso, o já-dito ganha novos sentidos através dessa repetição do discurso racista, pois retoma na memória discursiva algo que já foi dito antes e que, nesse processo de reprodução, ganha novos sentidos, produzindo o efeito de sentido de que a instituição não é o lugar de pessoas de pele escura. Por outro lado, a história sendo contada por um espectador produz um determinado sentido, visto que:

*As palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas (Pêcheux, 1995, p. 160).*

E essas formações ideológicas são formadas através de posições as quais os sujeitos se inscrevem. Nesse caso, temos a mulher afetada pelo discurso do *outro*, e os outros que como espectadores produzem sentidos sobre o que está sendo dito pelo sujeito e pelo outro, assim como, a entrevistada apresenta o seu ponto de vista sobre o acontecimento. Nesse caso, após relatar o que foi dito pelo homem, a entrevistada acrescenta: "sendo que gente como a gente não estão aqui". Isso sugere que ela não se identifica com a representação existente dentro da instituição, seja devido à escassez de colegas negros na universidade ou sub-representação de professores e funcionários que também pertencem à população negra. Essa realidade faz com que os alunos enfrentem a ausência de modelos que reflitam sua própria identidade dentro do ambiente acadêmico. E a ausência de representatividade também pode contribuir para a marginalização e o

sentimento de isolamento, pois, em ambientes onde a maioria é composta por pessoas brancas, as mulheres negras podem se sentir isoladas devido à falta de afinidade cultural e à ausência de compreensão sobre suas experiências.

Nesse sentido, ao se incluir, ela também se reconhece como sujeito-mulher negra, denunciando a atitude do colega que questiona a presença delas nesse espaço, o que é confirmado no trecho a seguir: "A gente que tem a pele mais escura", apontando para o próprio braço e indicando que a situação envolve racismo. Seu corpo aqui indica tanto quanto a fala a posição-sujeito ocupada pela entrevistada, uma vez que o corpo do sujeito está atrelado ao social. "E isto é constitutivo, é parte do seu processo de significação e não algo apenas exterior a ele, a ser tomado simplesmente como uma embalagem, um envolúcro" (Orlandi, 2011, p. 86), a partir do modo como o corpo se textualiza, significa e circula pela existência de significantes distintos, sendo o homem um sujeito que interpreta na tentativa de criar uma imagem de si mesmo e é interpretado (Orlandi, 2011).

O corpo, então, pode ser assumido como um veículo de expressão política, onde o sujeito utiliza seu corpo para contestar a opressão e reivindicar sua agência. Dessa forma, diferentemente, de outras formas de reivindicar um direito, como protestos, manifestações, performances artísticas ou outras formas de expressão corporal que desafiam a autoridade ou o sistema em que o sujeito se insere, utilizando o corpo em protesto<sup>29</sup>, as mulheres negras vem ocupando esse espaço de sala de aula que é seu por direito, resistindo a discursos racistas que circulam dentro da universidade, através de "seus processos de significação/identificação como sujeitos de sentido" (Orlandi, 2011, p. 93), ainda que não haja tanta representatividade na instituição. Sendo assim, a luta continua à medida que elas persistem em ocupar cada vez mais esse espaço e reivindicá-lo como seu.

---

<sup>29</sup> "O 'corpo em protesto', como estamos designando aqui funciona discursivizando uma ação política de tornar visível e sujeito que sofre opressão, sua função é chamar a atenção para as reivindicações do protesto através do qual se movimenta esse corpo. (Fernandes; Martins, 2022, p. 154)

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensando no objetivo geral desta pesquisa, que consistia em compreender o funcionamento do discurso do sujeito mulher-universitária, realizamos observações em sala de aula e entrevistas, o que nos permitiu discutir a relação do sujeito-mulher com seu corpo. A partir disso, conseguimos perceber os *efeitos de sentidos* do corpo como um efeito de resistência, bem como, a reprodução de uma ideologia patriarcal que se dá através das falas das alunas.

Para compreender esse processo discursivo, investigamos a história de luta das mulheres pelo acesso à educação, levando em conta os eventos que foram cruciais para a inclusão das mulheres no campo educacional. Dessa maneira, ao explorar as "condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção" (Pêcheux, 1995, p. 133), conseguimos identificar os possíveis efeitos de sentidos produzidos pelos discursos das universitárias entrevistadas e observadas, bem como, as diferentes posições sujeito que revelam as relações distintas com a forma-sujeito que regula os sentidos sobre o sujeito-mulher na sociedade, como o sujeito-mulher estudante, o sujeito-mulher negra e o sujeito-mulher mãe trabalhadora, que vive uma jornada dupla de trabalho, conciliando as responsabilidades domésticas e trabalho remunerado, e que ainda ocupa a posição de estudante dentro da academia.

Nesse caso, por meio das materialidades analisadas, conseguimos perceber que há um discurso de resistência das mulheres no que diz respeito à sua presença na instituição, visto que só de estar em um espaço que foi lhes foi historicamente negado e até mesmo limitado com o passar dos tempos, seja de maneira física ou intelectual, elas resistem às imposições da sociedade através de seus corpos. Isso porque aqui o corpo é tido “como um lugar de luta dos indivíduos, um lugar, portanto, onde se inscreve o sujeito” (Radde, 2013, v. 1, p. 2). Desse modo, ao ocupar esses lugares tradicionalmente designados para o outro sujeito, o homem, dos quais as mulheres foram excluídas, o corpo se torna uma ferramenta que desafia as normas sociais e as estruturas de poder dominantes. Isso ocorre porque, segundo Orlandi (2012, p. 92), "o corpo é afetado pelos sentidos", sendo através dele que a identidade do sujeito pode ser construída.

Nesse sentido, através dos recortes, percebemos que havia um imaginário previamente estabelecido sobre as mulheres, assim como as expectativas quanto ao papel que as mulheres devem desempenhar no ambiente universitário, e que são perpetuados por discursos que reforçam a crença de que existem cursos destinados aos homens e outros às mulheres, já que há um pré-construído sobre as mulheres (Pêcheux, 1995, p. 164) que impõe uma “realidade” determinante dos sentidos através de uma ideologia dominante.

Dessa forma, por meio das análises, notamos a reprodução da ideologia patriarcal nos discursos de algumas alunas entrevistadas, pela maneira como elas estabelecem suas posições-sujeito em relação a essa ideologia. A partir disso, percebemos que as alunas adotam um discurso de contra-identificação com a ideologia patriarcal, o que é evidenciado pela busca de

apoio na presença masculina para assegurar sua participação em sala de aula e pela validação de sua competência por um professor no curso de Engenharia. Esse fenômeno evidencia-se quando uma mulher, inserida em um contexto educacional majoritariamente masculino, obtém uma sensação de poder ao estar próxima de um homem. Nesse caso, há, inicialmente, uma identificação plena dessas alunas com o imaginário do sujeito-mulher, enquanto elas buscam ativamente uma desidentificação para serem aceitas pelo restante da turma no ambiente da sala de aula, que conforme é abordado por Pêcheux, trata-se de um processo do significante, de contradição que:

[...] se manifesta, em realidade, no interior da forma-sujeito, na medida em que o efeito daquilo que definimos como o interdiscurso continua a determinar a identificação ou a contra-identificação do sujeito com uma formação discursiva, na qual a evidência do sentido lhe é fornecida, para que ele se ligue a ela ou que a rejeite (Pêcheux, 1995, p. 216).

Nesse sentido, ao mesmo tempo em que o sujeito se identifica com certas representações da ideologia dominante, também se distancia ou contesta essas mesmas representações, visto que essa contra-identificação ocorre quando um sujeito, ao se deparar com discursos ou ideologias dominantes que representam uma identidade ou posição com a qual ele é associado, rejeita os sentidos daquela FD dominante. Ao desafiar o imaginário produzido para o sujeito-mulher, as mulheres são tidas como um “mau sujeito”, pois não seguem o que é visto como ideal para um sujeito-mulher através do imaginário criado pra elas e assim, o:

[...] sujeito, "mau sujeito", "mau espírito", se contra-identifica com a formação discursiva que lhe é imposta pelo "interdiscurso" como determinação exterior de sua interioridade subjetiva, o que produz as formas filosóficas e políticas do discurso-contra (isto é, contradiscurso), que constitui o ponto central do humanismo (antinatureza, contranatureza, etc.) sob suas diversas formas teóricas e políticas, reformistas e esquerdistas (Pêcheux, 1995, p. 215–216).

Isso ocorre porque, embora as alunas se identifiquem com o imaginário de sujeito-mulher, elas negam as características que são tidas como femininas na tentativa de receber um tratamento igual ao que é dado aos homens da turma. Assim, enquanto buscam ocupar espaços considerados como masculinos na universidade, elas reforçam esses discursos, muitas vezes, sem acolher outras mulheres e silenciando suas próprias vozes no ambiente acadêmico.

Sendo assim, a partir dessa pesquisa, conseguimos refletir sobre a constante busca das mulheres por igualdade e a visibilidade das pautas políticas no Ensino Superior, assim como o entendimento sobre o funcionamento desses discursos, pois, a partir de sua materialidade, foi possível observar os efeitos de sentidos produzidos no discurso das mulheres universitárias, considerando que “os sentidos e sujeitos estão sempre em movimento, significando sempre de muitas maneiras” (Orlandi, 2012, p. 36). À vista disso, acreditamos que a discussão realizada neste trabalho, contribuiu para que pudessemos refletir sobre as manifestações do corpo e das vozes das mulheres em relação às condições de produção e aos processos de

reprodução/transformação da ideologia dominante, revelando diferentes posições-sujeito decorrentes da própria contradição do sujeito-mulher que mantém a existência de uma ideologia dominante, assim como o discurso de resistência das mulheres que acontecem no Ensino Superior.

## 7 REFERÊNCIAS

ALENCAR, Mariana. Liderança negra na tecnologia. **Revista Mulheres na Ciência**, Porto Alegre, 2. ed. p. 40-43, 2020.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. Editora Esperança, Lisboa, 1970.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 23 de abril de 2018.

BARROS; BUSANELLO. Machismo discursivo: modos de interdição da voz das mulheres no parlamento brasileiro. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 2, p. 1-15, 2019.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: fatos e mitos. Editora: Difusão européia do livro, São Paulo: 1970.

BIROLI, Flávia. Divisão Sexual do Trabalho e Democracia. **Dados – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, vol. 59, n. 3, 2016.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do “sexo”. 1. ed. São Paulo: Editora Crocodilo, novembro de 2019.

CASTANHA, André. O processo de feminização do magistério no Brasil do século 19: Coeducação ou escolas mistas. **Articles • Hist. Educ.** n. 19, v. 47, p. 197- 2012, set/dez, 2015.

CHAMON, Carla. A trajetória profissional de uma educadora: Maria Guilhermina e a pedagogia norte-americana. **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, vol. 12, n. 24, p. 73-99, Jan/Abr 2008.

Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - **IBGE**. Disponível em: Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil | IBGE. Acesso em: 5 de Janeiro de 2023.

GENRO, Luciana. Da caça às bruxas ao maio de 68: o corpo da mulher como terreno de luta. **Singularidades**, junho de 2018. Disponível em: Da caça às bruxas ao maio de 68: o corpo da mulher como terreno de luta | Revista Movimento (movimentorevista.com.br). Acesso: 25 de novembro de 2022.

FEDERICI, Silvia. **O Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, Silvia. "**O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista", Tradução Coletivo Sycorax. Editora Elefante, janeiro de 2019.

FERNANDES, Carolina; VINHAS, Luciana. Da maquinaria ao dispositivo teórico-analítico: a problemática dos procedimentos metodológicos da análise do discurso. **Ling. (dis)curso**, Tubarão, vol.19, n.1, 2019.

FERNANDES, Carolina. "**Resistir pela opressão é preciso**": uma análise sobre deslizamentos de sentidos na disputa pelo poder. p. 145-170. *In*: SILVA, Dalexon; SILVA, Claudemir (Org). *Pêcheux em (dis)curso: Entre o já-dito e o novo*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

FERNANDES, Fernanda. **A história da educação feminina**. Multirio, março de 2019. Disponível em: A história da educação feminina (multirio.rj.gov.br). Acesso: 5 de dezembro de 2022.

FERNANDES, Carolina; MARTINS, Larissa. Corpo, arte e discurso de resistência na performance Un violador en tu camino. In: FERNANDES, Carolina; DALTOÉ, Andréia; AIUB, Giovani (org). **Efeitos da presença de Freda Indursky na Análise do Discurso**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2022.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Editora Paz e Terra. 8 edição: São Paulo, 1972.

FREYRE, G. **Casa-grande e senzala**. Editora Global. 51ª edição: São Paulo, 2016.

FREITAG, Raquel; SANTANA, Rebeca. Assalto ao turno em interações assimétricas de sexo/gênero: disputa e cooperação. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 20, n. 1, p. 53-70, 2019.

SILVA, Renata; ALMEIDA, Magali; GONÇALVES, Renata. Ochy Curiel e o feminismo decolonial. Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. **EM PAUTA**, Rio de Janeiro, n. 46, v. 18, p. 269 - 277, 2020

ITAQUY, Antônio. **Nísia Floresta: ousadia de uma feminista do século XIX**. Unijuí. Porto Alegre, 30 de abril de 2015.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**. RJ: Editora Cobogó. 18 de junho de 2019.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. Análise do Discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. **Organon**, Porto Alegre, v. 24, n. 48, 16 de maio de 2010.

LOCH, Rayane; TORRES, Kelly; COSTA, Carolina. **Mulher, esposa e mãe na ciência e tecnologia**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 29, n. 1, p. 1-11, 2021.

LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Editora Vozes, 1 de janeiro de 2013.

MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET. Uma breve história das representações do corpo feminino na sociedade: o corpo feminino em debate. Rachel (Orgs.). São Paulo: Ed. da UNESP, 2003. **Estudos Feministas**, Florianópolis, p. 243-245, maio/agosto de 2004.

MONTEIRO, Rosa. **Nós, mulheres: grandes vidas feministas**. 1ª edição, São Paulo: Editora Todavia, 9 de novembro de 2020.

MENDONÇA, Heloísa. Mulheres negras recebem menos da metade do salário dos homens brancos no Brasil. **El país**, 2019. Disponível em: Dia da Consciência Negra: Mulheres negras recebem menos da metade do salário dos homens brancos no Brasil | Brasil | EL PAÍS Brasil (elpais.com). Acesso em: 07 de janeiro de 2023.

NASCIMENTO, Beatriz; GONZÁLEZ, Lélia; CARNEIRO, Sueli. **Interseccionalidades: pioneiras do feminismo negro brasileiro (Pensamento feminista brasileiro)**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 13 de maio de 2020.

ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. São Paulo. Editora: Caminhos cruzados, 1983.

ORLANDI, Eni. **A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico**. In. DIAS, Cristiane. Formas de mobilidade no espaço e-urbano: sentido e materialidade digital. v. 2, p. 1-19, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, SP, 2013.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio**: no Movimento dos Sentidos. 6ª edição. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 1 de janeiro de 2007.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: princípios & Procedimentos. Campinas, São Paulo. Editora Pontes, 2012.

ORLANDI, Eni. **Discurso em Análise**: sujeito, Sentido, Ideologia. São Paulo: Editora Pontes. 1 janeiro 2011.

ORTNER, Sherry B. **Conferências e diálogos**: saberes e práticas antropológicas. Brasília, Blumenau. Editora Nova letra, 2007.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêtricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. **CODESRIA Gender Series**, v. 1, p. 1-10, 2004.

INDURSKY, F; FERREIRA, M. Os múltiplos territórios da Análise do Discurso. Organon, **Revista do Instituto de Letras da UFRGS**. Porto Alegre, Sagra Luzzatto, v. 16, n. 32-33, 2002.

INDURSKY, Freda. Lula Lá: estrutura e acontecimento. Organon, **Revista do Instituto de Letras da UFRGS**. Porto Alegre: UFRGS, v. 17, n. 35, p. 101-121, 2003.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Editora Martins fontes. 1ª edição: São Paulo, 2013.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 2 edição. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1995.

RADDE, Augusto. Corpo e resistência(s) na constituição do sujeito: o discurso do corpo na Marcha das Vadias. UFRGS, **Revista URI**, v. 1, p1-17, 2013.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**.- Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017.

SAFIOTTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. 2. ed.— São Paulo, SP. Editora Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SCHWUCHOW, Valéria. **A insurreição do sujeito feminino**: uma análise discursiva do Slam das minas. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

SOARES, Martins. A relação entre maio de 68 e o estruturalismo. **Revista Ideias**, 2005, Santa Maria, Edição Especial I, p. 34-40, jan/jun de 2005.

SOLNIT, Rebecca. **De quem é esta história?**: feminismos para os tempos atuais. 1ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SOUZA, Luana; GUEDES, Dyeggo. **A desigual divisão sexual do trabalho**: um olhar sobre a última década. Estudos Avançados, São Paulo, v. 30, n. 87, p. 123-139, Mai-Ago, 2016.

SOUZA, Pedro. **Gritos e Sussurros**: rasgos vocais em discurso. p. 87-106. In: *Análise do discurso no Brasil. Pensando o sempre compensando. Uma homenagem a Eni Orlandi*, 2011.

RIBEIRO, Arilda. **Uma carta como marco de alfabetização feminina**. Fenae portal, setembro de 2004. Disponível em: [Madalena Caramuru.pdf \(fenae.org.br\)](#). Acesso: 6 de dezembro de 2022.

RIBEIRO, Darcy. **O povo Brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 1ª ed. 1995 – 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo Descolonial**. São Paulo: Editora UBU, 30 de abril de 2020.

VINHAS, Luciana. Discurso, **Corpo e Linguagem**: processos de subjetivação no cárcere feminino. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS. 288 páginas, 2014.

VINHAS, Luciana. **O impossível da existência**: prisão, mulheres e classe. São Carlos, São Paulo: Editora Pedro e João, 2021.

VINHAS, Luciana; CASTRO, Liliane. Constituição subjetiva e materialidades vocais: quando as palavras falham. **Work. Pap. Linguíst**, Florianópolis, v.17, n. 2, 34-45, ago./dez., 2016.

VINHAS, Luciana. Aquilo que excede no funcionamento da voz. In: MITTMANN, Solange; CAMPOS, Luciene. (Orgs.). **Análise do Discurso**: da inquietude ao incômodo lugar. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

ZOPPI-FONTANA, Mônica. "Lugar de fala": enunciação, subjetivação, resistência. **Conexão Letras**, UFRGS, 2018.

**ANEXOS**  
**ANEXO A - Perguntas para a realização das entrevistas**

1. Como surgiu a ideia de ingressar na universidade?
2. Você acredita que existe desigualdade de gênero?
3. Alguma mulher te inspirou a ingressar no curso? Como você vê a importância da representatividade feminina nesse meio?
4. Você percebe essa desigualdade de gênero na universidade ou na carreira científica? Se sim, como?
5. Houve alguma dificuldade dentro da universidade ou em sala de aula apenas pelo fato de ser mulher? Se sim, como você enfrentou essas barreiras?
6. Alguns cursos apresentam, em sua maioria, um número elevado de mulheres, enquanto em outros nós iremos nos deparar com uma quantidade maior de homens, ainda que, na universidade, tenhamos mais mulheres do que homens. Por que você acha que isso acontece?
7. Você se sente confortável de estar em aula e dar as suas contribuições diante dos demais colegas? Comente.
8. Outra questão importante e que atinge muitas mulheres é a questão da falta de adequação dos cursos ou até mesmo da instituição sobre a maternidade. Nesse caso, você considera que a maternidade é um problema na carreira científica? Já percebeu alguma discriminação com relação a essa discriminação?
9. Você se imagina cursando outro curso? Se sim, qual? E se a resposta for *não*, por quê?
10. Em sua opinião, as políticas públicas possibilitam a ascensão das mulheres no mercado de trabalho? Você conhece empresas que tornaram possível a ascensão das mulheres na economia e vida profissional?
11. Você acredita que a desigualdade de gênero será extinta no Brasil? O que é preciso para que isso aconteça?
12. Que dica você daria às pesquisadoras iniciantes e jovens cientistas que pretendem ingressar na universidade, a partir da sua experiência no campus?

**ANEXO B - Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)**  
**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Prezado participante,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “Corpo e sentidos: Análise do discurso de resistência das mulheres no Ensino Superior”, desenvolvida por Larissa do Prado Martins, discente do Mestrado Acadêmico em Ensino da Universidade Federal do Pampa, campus Bagé, sob orientação da Professora Dra. Suzana Cavalheiro de Jesus e coorientação da Professora Dra. Carolina Fernandes.

O objetivo central do estudo é compreender os efeitos de sentidos produzidos através dos discursos de mulheres que circulam na universidade, além de refletir sobre os processos de significação do corpo como um efeito de resistência.

O convite a sua participação se deu devido a importância de buscar entender a interação entre os alunos em sala de aula, especialmente quando a composição da turma é desigual em termos de gênero. Com base nessas informações, iremos realizar uma análise para avaliar a relação entre os alunos em turmas que apresentam composições de gênero desiguais, a fim de identificar os padrões ou diferenças significativas. A partir disso, os dados poderão contribuir para uma maior reflexão sobre as práticas e políticas que podem promover uma interação mais igualitária e inclusiva entre os alunos em sala de aula.

Para a realização dessa pesquisa, será feita a observação da turma a partir de alguns critérios para facilitar o processo de coleta de materiais, como as diferenças étnico-raciais, a frequência das alunas, a participação em sala de aula, a quantidade de mulheres nas turmas escolhidas, se há ou não assalto ao turno de fala entre os colegas e de que forma esses corpos se posicionam dentro desse espaço.

As entrevistas serão feitas apenas com as alunas fora do espaço de sala de aula, em um ambiente que permita a privacidade. Dessa forma, cada entrevista será realizada em uma sala de aula fechada e reservada no campus, apenas na presença da pesquisadora e da entrevistada, para que logo depois, possa ser feita gravação de áudio e transcrição do material sem identificar as participantes para não expor as alunas. Nas observações, as participantes da pesquisa estarão em aula, com o restante da turma sem interferências no andamento das aulas por parte da pesquisadora, que estará fazendo suas anotações, conforme o instrumento de coleta de dados

A partir disso, devo informar que a sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação através do Registro de Consentimento Livre e Esclarecido, ou desistir da mesma, assim como, a qualquer momento você poderá desistir de participar da pesquisa e retirar seu consentimento sem qualquer prejuízo.

Dessa forma, apenas os pesquisadores do projeto, que se comprometeram com o dever de sigilo e confidencialidade terão acesso a seus dados e não farão uso destas informações para outras finalidades. Assim, o material coletado será armazenado em um local seguro e qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa.

As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas a pesquisadora, sua orientadora e coorientadora. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resoluções 466/12 e 510/16 do CNS e orientações do CEP/Unipampa e com o fim deste prazo, será descartado de forma que ao final de 5

anos os arquivos serão destruídos. Nesse caso, os resultados serão apresentados aos participantes através de relatórios individuais para os entrevistados tenham acesso às informações coletadas.

Ao final iremos comunicar às autoridades competentes, bem como aos órgãos legitimados pelo Controle Social, sobre os resultados e/ou achados da pesquisa, sempre que estes puderem contribuir para a melhoria das condições de vida da coletividade, preservando, porém, a imagem e assegurando que os participantes da pesquisa não sejam estigmatizados.

Assim, a sua participação acontecerá a partir da observação da pesquisadora em sala de aula e através da entrevista que será respondida à pesquisadora do projeto. Além disso, a entrevista será feita somente com as mulheres que compõem a turma por meio da gravação de áudio se houver autorização das entrevistadas. O tempo de duração da entrevista será de aproximadamente de uma hora.

O benefício relacionado a sua colaboração nesta pesquisa é o de ajudar a identificar desigualdades de gênero que possam existir no ambiente de sala de aula e em outras áreas da vida das pessoas, além de ajudar a melhorar a qualidade do ensino, fornecendo informações sobre como a desigualdade de gênero pode afetar o aprendizado dos alunos e as experiências dos professores, podendo levar a mudanças positivas na sociedade como um todo.

Nesse caso, essa pesquisa permite explorar e compreender melhor as questões de gênero que afetam os estudantes universitários, fornecendo insights sobre suas experiências, desafios e necessidades específicas e isso contribui para um maior entendimento das dinâmicas de gênero dentro da comunidade acadêmica. Além disso, a pesquisa pode levantar lacunas nas políticas, práticas e recursos relacionados ao assunto na universidade, assim como, a identificar desafios enfrentados por estudantes que resistem ao problema no meio acadêmico, podendo ajudar as instituições a implementar mudanças e políticas mais inclusivas, visando à equidade de gênero e à criação de ambientes mais seguros e acolhedores. Com isso, a partir da pesquisa, poderá haver uma melhoria na experiência acadêmica ao compreender melhor as experiências e necessidades dos estudantes em relação ao gênero, pois os resultados da pesquisa podem oferecer informações sobre as políticas de apoio, à implementação de programas de orientação específicos a cada caso, assim como, o incentivo de criação de espaços inclusivos, bem como as abordagens que atendam a todos.

Dessa forma, os resultados da pesquisa em sala de aula e as entrevistas podem ajudar a aumentar a conscientização sobre as questões de gênero nesses espaços, tanto entre os estudantes quanto entre os professores e administradores e isso contribui para a construção de uma cultura mais inclusiva e igualitária, na qual todas as identidades de gênero sejam valorizadas e respeitadas. Assim, a partir dessa investigação será fornecido aos participantes evidências sólidas que podem ser usadas como base para a implementação de medidas e práticas, mais eficazes em relação às diferenças de gênero, pois os resultados podem estimular ações concretas para promover mais igualdade e inclusão na universidade. Sendo assim, esses benefícios citados destacam a importância de pesquisas sobre questões de gênero na universidade, fornecendo informações valiosas para promover um ambiente acadêmico mais inclusivo, equitativo e respeitoso para todos os estudantes.

Nesse caso, sabendo que toda pesquisa possui riscos potenciais de acordo com o objeto de pesquisa, seus objetivos e a metodologia escolhida, como o de vergonha, cansaço ao responder as

perguntas ou possíveis riscos de origem física, nos comprometemos a assumir a confidencialidade sobre os materiais coletados. Além disso, o risco de danos físicos inclui risco de doença, lesão, dor e outros males associados ao bem-estar físico (por exemplo: lesão durante procedimentos médicos invasivos ou possíveis efeitos colaterais da droga de pesquisa), assim como o risco de dano moral. Já o risco de danos psicológicos inclui o risco de produzir estados negativos ou comportamento alterado, incluindo ansiedade, depressão, culpa, sentimentos de choque de inutilidade, raiva ou medo, risco de danos sociais inclui um possível risco de envolver perturbação das redes sociais dos participantes da pesquisa (famílias, amigos, associados, comunidades cívicas e religiosas) ou alteração nos seus relacionamentos com outras pessoas e podem envolver estigmatização, vergonha ou perda de respeito.

Ademais, o aborrecimento ao responder questionários; desconforto, constrangimento ou alterações de comportamento durante gravações de áudio; alterações de visão de mundo, de relacionamentos e de comportamentos em função de reflexões sobre sexualidade, divisão de trabalho familiar, satisfação profissional. Esses riscos muitas vezes são expressos na forma de desconforto; possibilidade de constrangimento ao responder o instrumento de coleta de dados; medo de não saber responder ou de ser identificado; estresse; quebra de sigilo; cansaço ou vergonha ao responder às perguntas; dano; quebra de anonimato, além de riscos físicos, como sangramento, hemorragia, edema, infecções, efeitos adversos de fármacos, fraturas, lesões, quedas, dor e até risco de morte. Por isso, as perguntas serão feitas de forma clara e objetiva para evitar respostas tendenciosas durante a coleta de dados. Com isso, se os participantes apresentarem algum desconforto como os que foram mencionados anteriormente com relação ao andamento da pesquisa, será dado o apoio necessário para os participantes, oferecendo orientações e encaminhamentos apropriados. Dessa forma, os pesquisadores envolvidos se comprometem em adotar todas as medidas necessárias para minimizar os riscos envolvidos na pesquisa. Assim, caso os participantes necessitem de assistência imediata devido à sua participação, ela será prontamente fornecida, assim como, em situações em que a participação dos sujeitos possa resultar em danos diretos ou indiretos, eles terão direito a receber assistência integral.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Registro de Consentimento Livre e Esclarecido. Assim, esse documento será impresso em duas vias, uma ficará com a pesquisadora e outra com o entrevistado.

Caso o participante tenha que se deslocar ao local da pesquisa especificamente para participação, deverá receber ressarcimento para o transporte e, caso demande tempo suficiente, deverá receber alimentação também, quando necessário. Ambos os pagamentos devem ser entendidos como ressarcimento de gastos específicos para participação na pesquisa.

Se houver algum dano, decorrente da presente pesquisa, você terá direito à indenização, através das vias judiciais, como dispõem o Código Civil, o Código de Processo Civil, na Resolução nº 466/2012 e na Resolução nº 510/2016), do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Unipampa. O Comitê é formado por um grupo de pessoas que têm por objetivo defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e assim, contribuir para que sejam seguidos padrões éticos na realização de pesquisas.

Tel do CEP/Unipampa: (55) 3911-0202, voip 8025  
E-Mail: [cep@unipampa.edu.br](mailto:cep@unipampa.edu.br)  
<https://sites.unipampa.edu.br/cep/>

Endereço: Campus Uruguaiana – BR 472, Km 592  
Prédio Administrativo – Sala 7A  
Caixa Postal 118Uruguaiana – RS  
CEP 97500-970

Se desejar, consulte ainda a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep):

Tel: (61) 3315-5878 / (61) 3315-5879

E-Mail: [conep@saude.gov.br](mailto:conep@saude.gov.br)

***Contato com o(a) pesquisador(a) responsável:***

***Tel: 53 999708231***

***e-mail: [larissamartins.aluno@unipampa.edu.br](mailto:larissamartins.aluno@unipampa.edu.br)***

**Bagé, \_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023**

---

Larissa do Prado Martins  
(pesquisador de campo)

Informo que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa intitulada “Corpo e sentidos: Análise do discurso de resistência das mulheres no Ensino Superior” e concordo em participar.

AS AUTORIZAÇÕES PERTINENTES:

Autorizo a gravação da entrevista

Não autorizo a gravação da entrevista

---

(Assinatura do participante da pesquisa)

Nome do participante:

### ANEXO C - Instrumento de coleta de dados

Para a realização dessa pesquisa, será feita a observação da turma a partir de alguns critérios para facilitar o processo de coleta de materiais, como as diferenças étnico-raciais, a frequência das alunas, a participação em sala de aula, a quantidade de mulheres nas turmas escolhidas, se há ou não assalto ao turno de fala entre os colegas e de que forma esses corpos se posicionam dentro desse espaço.

Com exceção do primeiro e quarto aspecto observado, durante as observações a pesquisadora irá marcar com um X a questão que corresponde a pergunta da tabela para facilitar a coleta de materiais.

Critérios	Opções
1. Diferenças étnico-raciais	Em sala de aula, quantas alunas são:  Branca(s) ( ) Preta(s) ( ) Parda(s) ( ) Indígena(s) ( ) Amarela(s) ( )
2. Frequência das alunas	De acordo com o número de alunas, em sala de aula elas são:  a) Frequentes ( ) b) Parcialmente frequentes ( ) c) Pouco frequentes ( ) d) Não frequentam as aulas ( )  (Detalhamento nas anotações)
3. Participação em sala de aula	A participação das alunas em sala de aula é:  a) Frequente ( ) b) Parcialmente frequente ( ) c) Há poucas intervenções ( ) d) Não há interação ( )  (Detalhamento nas anotações)
4. Quantidade de mulheres nas turmas escolhidas	Quantidade de mulheres na turma ( ) Quantas cederam a entrevista? ( )
5. Há ou não assalto ao turno de fala entre os colegas	Em sala de aula, há ou não assalto ao turno de fala entre os colegas? a) Sim ( ) b) Não ( )  Se a resposta for sim, isso ocorre: a) Entre homens sobre as mulheres ( ) b) Entre mulheres sobre os homens ( )  (Detalhamento nas anotações)

<p>6. De que forma esses corpos se posicionam dentro desse espaço</p>	<p>De que forma as alunas se manifestam em sala de aula:</p> <p>a) Perguntam <b>mais</b> sobre a matéria com relação aos homens que compõem a turma. ( )</p> <p>b) Perguntam <b>menos</b> sobre a matéria com relação aos homens que compõem a turma. ( )</p> <p>A entonação de voz das alunas ao se manifestar é:</p> <p>a) Alta ( )</p> <p>b) Baixa ( )</p> <p>c) Média ( )</p> <p>d) Incisiva ( )</p> <p>A postura do corpo das alunas ao sentar na cadeira é:</p> <p>a) Com a coluna alinhada e encostada na cadeira com o olhar focado na fala do(a) professor(a). ( )</p> <p>b) Deitadas sobre a mesa. ( )</p> <p>c) Em estado de alerta. ( )</p> <p>d) Saem bastante da aula. ( )</p> <p>e) Outros. ( )</p> <p>(Detalhamento nas anotações)</p>
---	--

Anotações e especificações sobre cada item apresentado na tabela:

- 1.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.
- 6.

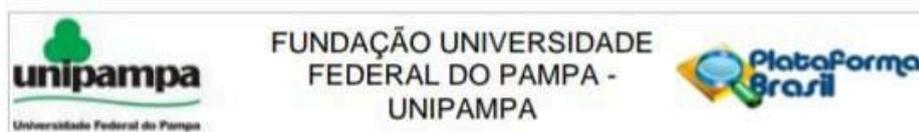
#### ANEXO D - Questionário

<b>1. Qual a sua faixa etária?</b>	18 a 25 ( ) 26 a 35 ( ) 36 a 45 ( ) Acima de 50 anos ( )
<b>2. Tem filhos?</b>	Sim ( ) Não ( )
<b>3. Quantos anos você tem?</b>	R. _____ Não quero responder ( )
<b>4. Com quantos anos você entrou na universidade?</b>	R. _____ Não quero responder ( )
<b>5. Já fez outro curso?</b>	Sim ( ) Não ( )
<b>6. Se identifica com algum gênero?</b>	Sim ( ) Não ( ) Se a resposta for sim, qual?
<b>7. Trabalha em outro turno?</b>	R. _____ Não quero responder ( )

## APÊNDICES

### APÊNDICE A - Parecer substanciado do CEP

Acesse o documento completo por aqui: [Parecer CEP - Google Drive](#)



#### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

##### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Corpo e sentidos: Análise do discurso de resistência das mulheres no Ensino Superior

**Pesquisador:** LARISSA DO PRADO MARTINS

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 69383023.2.0000.5323

**Instituição Proponente:** Fundação Universidade Federal do Pampa UNIPAMPA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

##### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 6.168.780

##### Apresentação do Projeto:

O presente trabalho busca compreender os discursos de mulheres que circulam na universidade, além de refletir sobre os processos de significação do corpo como um efeito de resistência. Para isso, desenvolvemos um dispositivo teórico-analítico baseado na Análise de Discurso materialista de Michel Pêcheux, com o intuito de promover discussões sobre as condições de produção de cada discurso. Nesse caso, a escolha desse tema se

deu em virtude da desigualdade de gênero percebida nas mais diversas camadas sociais, o que nos direcionou a olhar para a ideologia dominante que conduz até hoje as mulheres à condição de subalternidade em diferentes espaços como no ambiente de trabalho e até mesmo na vida privada. Além disso, muitas mulheres são impactadas com o machismo em sala de aula, tanto por parte dos professores, quanto pelos colegas, sejam homens ou mulheres, e esses acontecimentos estão tão enraizados nesses espaços que, muitas vezes, dissimulam os efeitos de silenciamento. Nesse sentido, no ensino, não encontramos um cenário diferente, já que, até mesmo na produção científica-acadêmica, há restrições ancoradas em

valores de um modelo hegemônico que as exclui. Em suma, esse assunto torna-se necessário visto a possibilidade da perda de direitos já conquistados, além dos casos de violências e feminicídio que progridem, pois, ainda que na atualidade existam leis, não há garantias de que as mulheres estejam protegidas. Desse modo, o corpus discursivo será composto por discursos de mulheres e da observação das manifestações do corpo que acontecem no espaço da sala de aula. Sendo

**Endereço:** BR 472 - Km 585 - Campus Uruguaiana  
**Bairro:** Prédio Administrativo - Sala 23 - Caixa      **CEP:** 97.501-970  
**UF:** RS      **Município:** URUGUAIANA  
**Telefone:** (55)3911-0202      **E-mail:** cep@unipampa.edu.br

assim, a partir dessas práticas, será possível reconhecer de que forma as mulheres resistem nesses espaços diante das tentativas de silenciamento, visto que, entendemos haver casos em que esse sujeito-mulher não aceitará essa condição e que, mesmo em silêncio produz sentidos. Portanto, essa pesquisa oportuniza uma reflexão sobre a constante busca das mulheres por igualdade no ensino superior, assim como o entendimento sobre o funcionamento desses discursos, pois, a partir de sua materialidade, será possível compreender os efeitos de sentidos, pensando nas condições de produção e nos processos de reprodução/transformação de cada discurso, além das condições contraditórias que impulsionam as lutas das mulheres que ainda resistem à ideologia do patriarcado.

**Objetivo da Pesquisa:**

**Hipótese:**

Nesse caso, pensando nas mobilizações de resistência e ações coletivas organizadas por mulheres ao longo dos anos que vem ganhando um espaço dentro e fora das universidades, devemos observar se há um apagamento das mulheres, principalmente, dentro da sala de aula. Por isso, precisamos lembrar também que houve uma inclinação ao conservadorismo na América Latina ao longo dos últimos anos, e com isso, muitos países promoveram discussões em torno das questões feministas, além de outros assuntos como carreira, maternidade e aborto. Ainda assim, muitas das reivindicações ainda não foram atendidas, porque apesar da maioria da população desses países serem mulheres, elas sequer são consideradas como uma opção para grande parte do eleitorado, e por isso, poucas mulheres ocupam cargos eletivos. Dessa forma, suas demandas deixam de ser atendidas, pois as decisões acabam sendo tomadas por homens, e, muitas vezes, até mesmo por mulheres que também são afetadas pela ideologia do patriarcado ou que validam seu discurso a partir do aparelho ideológico religioso. Dessa maneira, no ensino não encontramos um cenário diferente, já que até mesmo na produção científica-acadêmica há restrições ancoradas em valores de um modelo hegemônico excludente para a maior parte das mulheres, em que é desconsiderado, por exemplo, as cargas de trabalho reprodutivo e de cuidados na produtividade dessas mulheres, como a amamentação, o cuidado de crianças e idosos, mesmo os terceirizados, e que afetam o cotidiano feminino de um modo mais incisivo que o cotidiano masculino.

**Objetivo Primário:**

Compreender os efeitos de sentidos produzidos através dos discursos de mulheres que circulam na universidade, além de refletir sobre os processos de significação do corpo como um efeito de resistência.

**Objetivo Secundário:**

Investigar os mecanismos de poder que conduzem a uma determinação histórica dos sentidos, que acabam gerando um efeito de naturalidade através das condições de produção dentro de um determinado contexto.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**Riscos:**

Nesse caso, sabendo que toda pesquisa possui riscos potenciais de acordo com o objeto de pesquisa, seus objetivos e a metodologia escolhida, como o de vergonha, cansaço ao responder as perguntas ou possíveis riscos de origem física, nos comprometemos a assumir a confidencialidade sobre os materiais coletados. Além disso, o risco de danos físicos inclui risco de doença, lesão, dor e outros males associados ao bem-estar físico (por exemplo: lesão durante procedimentos médicos invasivos ou possíveis efeitos colaterais da droga de pesquisa), assim como o risco de dano moral. Já o risco de danos psicológicos inclui o risco de produzir estados negativos ou comportamento alterado, incluindo ansiedade, depressão, culpa, sentimentos de choque de inutilidade, raiva ou medo, risco de danos sociais inclui um possível risco de envolver perturbação das redes sociais dos participantes da pesquisa (famílias, amigos, associados, comunidades cívicas e religiosas) ou alteração nos seus relacionamentos com outras pessoas e podem envolver estigmatização, vergonha ou perda de respeito. Ademais, o aborrecimento ao responder questionários; desconforto, constrangimento ou alterações de comportamento durante gravações de áudio; alterações de visão de mundo, de relacionamentos e de comportamentos em função de reflexões sobre sexualidade, divisão de trabalho familiar, satisfação profissional. Esses riscos muitas vezes são expressos na forma de desconforto; possibilidade de constrangimento ao responder o instrumento de coleta de dados; medo de não saber responder ou de ser identificado; estresse; quebra de sigilo; cansaço ou vergonha ao responder

às perguntas; dano; quebra de anonimato, além de riscos físicos, como sangramento, hemorragia, edema, infecções, efeitos adversos de fármacos, fraturas, lesões, quedas, dor e até risco de morte. Por isso, as perguntas serão feitas de forma clara e objetiva para evitar respostas tendenciosas durante a coleta de dados. Com isso, se os participantes apresentarem algum desconforto como os que foram mencionados anteriormente com relação ao andamento da pesquisa, será dado o apoio necessário para os participantes, oferecendo orientações e encaminhamentos apropriados. Dessa forma, os pesquisadores envolvidos se comprometem em adotar todas as medidas necessárias para minimizar os riscos envolvidos na

pesquisa. Assim, caso os participantes necessitem de assistência imediata devido à sua participação, ela será prontamente fornecida, assim como, em situações em que a participação dos sujeitos possa resultar em danos diretos ou indiretos, eles terão direito a receber assistência integral.

**Benefícios:**

O benefício relacionado a sua colaboração nesta pesquisa é o de ajudar a identificar desigualdades de gênero que possam existir no ambiente de sala de aula e em outras áreas da vida das pessoas, além de ajudar a melhorar a qualidade do ensino, fornecendo informações sobre como a desigualdade de gênero pode afetar o aprendizado dos alunos e as experiências dos professores, podendo levar a mudanças positivas na sociedade como um todo. Nesse caso, essa pesquisa permite explorar e compreender melhor as questões de gênero que afetam os estudantes universitários, fornecendo insights sobre suas experiências, desafios e necessidades específicas e isso contribui para um maior entendimento das dinâmicas de gênero dentro da comunidade acadêmica. Além disso, a pesquisa pode levantar lacunas nas políticas, práticas e recursos relacionados ao assunto na universidade, assim como, a identificar desafios enfrentados por estudantes que resistem ao problema no meio acadêmico, podendo ajudar as instituições a implementar mudanças e políticas mais inclusivas, visando à equidade de gênero e à criação de ambientes mais seguros e acolhedores. Com isso, a partir da pesquisa, poderá haver uma melhoria na experiência acadêmica ao compreender melhor as experiências e necessidades dos estudantes em relação ao gênero, pois os resultados da pesquisa podem oferecer informações sobre as políticas de apoio, à implementação de programas de orientação específicos a cada caso, assim como, o incentivo de criação de espaços inclusivos, bem como as abordagens que atendam a todos. Dessa forma, os resultados da pesquisa em sala de aula e as entrevistas podem ajudar a aumentar a conscientização sobre as questões de gênero nesses espaços, tanto entre os estudantes quanto entre os professores e administradores e isso contribui para a construção de uma cultura mais inclusiva e igualitária, na qual todas as identidades de gênero sejam valorizadas e respeitadas. Assim, a partir dessa investigação será fornecido aos participantes evidências sólidas que podem ser usadas como base para a implementação de medidas e práticas, mais eficazes em relação às diferenças de gênero, pois os resultados podem estimular ações concretas para promover mais igualdade e inclusão na universidade. Sendo assim, esses benefícios citados destacam a importância de pesquisas sobre questões de gênero na universidade, fornecendo informações valiosas para promover um ambiente acadêmico mais inclusivo, equitativo e respeitoso para todos

**Endereço:** BR 472 - Km 585 - Campus Uruguaiana

**Bairro:** Prédio Administrativo - Sala 23 - Caixa **CEP:** 97.501-970

**UF:** RS **Município:** URUGUAIANA

**Telefone:** (55)3911-0202

**E-mail:** cep@unipampa.edu.br

Continuação do Parecer: 6.168.780

os estudantes.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações". Nesse estão as recomendações do CEP ao parecer 01 atendidas por esse parecer 02.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

**Recomendações:**

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Parecer referente a versão 02 do projeto inserido na PlatBr em 15/06/2023.

Pendências atendidas.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Ressalta-se que cabe a pesquisadora responsável encaminhar os relatórios parciais e final da pesquisa, por meio da Plataforma Brasil, via notificação do tipo "relatório" para que sejam devidamente apreciadas no CEP, conforme Norma Operacional CNS n° 001/13, item XI.2.d.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2131043.pdf	15/06/2023 13:30:56		Aceito
Outros	Carta_resposta.pdf	15/06/2023 13:25:46	LARISSA DO PRADO MARTINS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_atualizado.pdf	15/06/2023 12:45:17	LARISSA DO PRADO MARTINS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_instrutivo_atualizado_reenvio.pdf	14/06/2023 21:55:12	LARISSA DO PRADO MARTINS	Aceito
Outros	Instrumento_de_coleta_de_dados.pdf	14/06/2023 21:04:38	LARISSA DO PRADO MARTINS	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	02/05/2023 21:24:04	LARISSA DO PRADO MARTINS	Aceito
Declaração de Instituição e	Assinatura_respon_insti.pdf	27/04/2023 13:50:52	LARISSA DO PRADO MARTINS	Aceito

**Endereço:** BR 472 - Km 585 - Campus Uruguaiana

**Bairro:** Prédio Administrativo - Sala 23 - Caixa **CEP:** 97.501-970

**UF:** RS **Município:** URUGUAIANA

**Telefone:** (55)3911-0202

**E-mail:** cep@unipampa.edu.br



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO PAMPA -  
UNIPAMPA



Continuação do Parecer: 6.166.780

Infraestrutura	Assinatura_respon_insti.pdf	27/04/2023 13:50:52	LARISSA DO PRADO MARTINS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_de_confidencialidade.pdf	27/04/2023 13:50:08	LARISSA DO PRADO MARTINS	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

URUGUAIANA, 07 de Julho de 2023

---

**Assinado por:**  
**Rafael Lucyk Maurer**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** BR 472 - Km 585 - Campus Uruguaiana

**Bairro:** Prédio Administrativo - Sala 23 - Caixa **CEP:** 97.501-970

**UF:** RS **Município:** URUGUAIANA

**Telefone:** (55)3911-0202

**E-mail:** cep@unipampa.edu.br